

BATISMO ESTRANHO E OS BATISTAS

Por: W. M. Nevins

*“Eles galgaram a subida ingreme ao Céu
Através de perigo, luta e dor;
Ó Deus, graça nos seja dada a nós,
Para seguirmos nas suas pegadas”*

Tradução do E. W. Kerr

*Dedicado aos mártires cristãos de todos os tempos que batalharem pela Fé uma vez por
todas entregue aos santos.*

Editado pela:

Primeira Igreja Batista do Jardim das Oliveiras
Rua Dr. João Maciel Filho, 207; 60.821-500 Fortaleza, Ceará
Pastor David Alfred Zuhars, Jr.

APRESENTAÇÃO

“Mas, naquilo a que já chegamos, andemos segundo a mesma regra, e sintamos o mesmo”.
Filipenses 3:16.

Em nossos dias há muitos doutores que querem negar a existência dos batistas desde os tempos de Jesus Cristo na terra, aceitando o episódio de John Smyth, que os batistas começaram no século 17, mas o livro do Dr. Nevins, aqui, mostra a sucessão batista (anabatista) desde 200 A. D. até o estabelecimento dos anabatistas nos sertões dos Estados Unidos, atestado pelo cardeal Hosius e muitos historiadores pedo-batistas.

Este livro o responde, conclusivamente das Escrituras, às perguntas: “Cristo estabeleceu Sua igreja sobre Pedro, e edificou uma igreja universal, invisível, ou uma igreja local e visível?”

O Dr. Robert G. Lee ex-presidente da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos disse: “O Batismo Estranho e os Batistas, por Dr. W. M. Nevins é um raro livro que todo pregador batista e todos os batistas devem possuir e considerar cuidadosamente com oração. É interessante e informativo do começo ao fim. É um livro importantíssimo, escrutinisticamente prudente, historicamente correto, dando evidência de esforço e exame erudito e de escrito cuidadoso. Com humildade de mente, o autor dá forte argumentação, fortalecida pelas Escrituras e pelos fatos históricos contra a imersão estranha. Leitura e estudo cuidadosos deste livro darão aos nossos corações uma maior apreciação de nossos batistas antepassados, que mesmo correndo o risco de prisão e morte contenderam pela “a fé uma vez entregue” e que escreveram a história com seu sangue antes que fosse escrita com tinta”.

O Dr. John W. Bradbury redator do Watchman Examiner, um Jornal Batista Nacional, de Nova York, Estados Unidos, disse: “Finalmente temos lido cuidadosamente seu livro, O Batismo Estranho e Os Batistas. Tem sido um estudo digno de nosso tempo e suas evidências documentárias são mais convencedoras e eficazes. Não vejo como alguém pode errar seus argumentos. Ele leva perante as igrejas e nosso povo batista, bem como perante os outros, um assunto vitalmente importante que deve ser bem raciocinado. Gostamos de sua ênfase sobre o padrão do Novo Testamento de fé e prática como o padrão cristão”.

ORAÇÃO

É minha oração que a leitura deste livro faça os leitores verem que “estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas, deixemos todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia e corramos com paciência a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus, autor e consumidor da nossa fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta, e assentou-se à destra do trono de Deus”.

ÍNDICE POR CAPÍTULO

1. O Modelo do Tabernáculo
2. O Modelo do Batismo
3. Um Administrante Apropriado
4. O Administrante e a Igreja Apostólica
5. Heresias Post-Apostólicas
6. Surto dos Anabatistas
7. Os Paulicianos
8. Albigenes e Valdenses
9. Os Anabatistas
10. Os Anabatistas em Continuação
11. Lutero, Calvino e Os Anabatistas
12. Os Anabatistas depois da Reforma
13. Guarda, que houve de noite?
14. Retende até que eu venha
15. Os Batistas do Tennessee
16. Esta Inovação Perigosa
17. Questionário

PREFÁCIO

A História do Batismo Estranho refluí até no ano 200 A. D., aproximadamente. É uma história penetrante que tem que ver com a história dos batistas de então até hoje. Anos faz ao autor se pediu pela Junta de Missões do Estado de Kentucky para preparar um tratado sobre *Por Que Sou Batista e Não Católico Romano*. Descobriu ele, na preparação desse tratado, que não havia livro algum existente que aparcasse completamente a história do batismo estranho desde o princípio e decidiu preparar um livro assim. Este livro é o resultado do seu estudo e de sua investigações.

Em 1854 a Assembléia Geral Presbiteriana reuniu-se em Buffalo e esta pergunta seguinte lhe foi apresentada para uma decisão: “São válidos os batismos e as ordenações de Roma?” Houve acalorada discussão sobre esta pergunta. A maioria da comissão relatou que todas as ordenações pelas mãos dos sacerdotes romanos eram inválidas, porque a Igreja Católica Romana não era igreja de Cristo, mas anti-cristã e portanto os batismos e as ordenações de uma tal corporação apóstata são nulas e vãs.

O relatório da minoria, por outro lado, contestou que negassem ser a igreja de Roma uma verdadeira igreja de Cristo, eles mesmos (presbiterianos) se excluíam, desde que de Roma vieram e receberam dela os seus batismos e ordenações. Percebendo que não podiam desembaraçar-se do dilema, propuseram um adiamento da questão indefinito.

Os batistas são e sempre tem sido enfrentados pela mesma pergunta, “Os batismos e ordenações de Roma e dos pedo-batistas são válidos?” Mas, desde que os batistas não vieram de Roma, nem de corporações protestantes, a contenção do relatório da minoria não nos toca e podemos responder corretamente, “Não”. Esta tem sido a resposta batista por mas de 1.600 anos de maravilhosa história. Se estais interessados nesta história, lereis estas páginas e o autor espera que recebereis tanto prazer lendo-as como teve ele em as preparar.

O autor se reconhece devedor aos seguintes livros e seus autores por muito da informação contida nestas páginas:

História Batista – G. H. Orchard
Uma História dos Batistas – John T. Christian
Histórias do Batismo Estranho – J. H. Grime
O Pedo-batista e a Imersão Cambelita – A. C. Dayton
Batismo Regular – S. M. Brown
O Batismo – J. R. Graves
Debate Brown-Porter – J. J. Porter
Os Batistas na História – W. P. Harvey
História Batista de Kentucky – W. D. Nowlin
A Igreja Que Jesus Edificou – Roy Mason
Pilares da Ortodoxia – Ben M. Bogard

Em adição podiam ser mencionadas aquelas histórias padrões que podem ser achadas nas livrarias: Os Patrologos Antinicensos, Gibbons, História de Mosheim e muitas outras numerossíssimas demais para se mencionarem.

W. M. Nevins

INTRODUÇÃO

Eis aqui um livro de real mérito, escrito pelo Pastor W. M. Nevins, o qual não precisa de apresentação ao povo batista, tendo sido ele pastor de importantes igrejas em Louisville, Kentucky, Texas, e Washington D. C. É um ministro batista bem conhecido.

Dá-me genuíno prazer escrever a “Introdução” deste muito oportuno volume. Primeiro por que é necessário. É um livro muitíssimo precisado no tempo atual, pois muitos de nosso povo não estão familiarizados com a luta, o sofrimento e as privações de nossos pais em nos dar a herança da liberdade de consciência que desfrutamos hoje.

Dá-me prazer, em segundo lugar, por causa do tratamento inteiriço e completo do assunto pelo autor. Este é o único livro sobre o assunto de “Imersão Estranho” vindo à minha observação e tenho diversos que tocam o assunto inteiramente, dando sua “Origem”, sua “História” e seus “Frutos”; mas, neste livro, estes estão todos bem desenvolvidos e perfeitamente estabelecidos por indiscutível evidência histórica.

Dr. Nevins, o autor fez uma peça mestra de trabalho ao produzir este volume. Ele pesquisou a história da igreja até ao princípio do cristianismo e o estabelecimento da igreja do Novo Testamento; seguindo então o assunto em ordem cronológica através de muitos séculos, em muitos países, até hoje, mostrando que muitas centenas de milhares de santos fiéis, dos quais o mundo não era digno, foram postos à morte por nenhum outro crime que suas convicções da verdade e sua lealdade a Cristo e à Sua Palavra, as quais lhes foram mais caras do que a vida e mais fortes do que o temor da morte. “O Rasto de Sangue” por toda a história cristã é verdadeiramente deprimente e o número de que perderam suas vidas pela “Fé uma vez por todas entregue aos santos” está positivamente chocante. Este rasto de Sangue e o seu conseqüente sofrimento do trato atrocíssimo, cruel e inhumano jamais perpetrado numa gente inocente e temente a Deus foi o resultado de um simples desvio dos ensinamentos claros da Palavra de Deus e determinação daqueles que se lançaram a esmagar “A Verdade” por destruírem os que a professaram e praticaram, porque sua fé e prática censuraram suas próprias vidas pecaminosas e ensinamentos heréticos.

Qualquer deserção dos ensinamentos claros da Palavra de Deus está pesada de perigos, destruição e morte. Sempre que nos afastamos das antigas lindes dos pais, estamos indo à matroça para mares turbulentos e sem carta náutica. A especificação de uma qualquer coisa numa lei, ordem ou contrato é, virtualmente, a proibição de toda outra coisa. Se isto não fosse verdade, não haveria exatidão nas leis, ordens ou contratos. Quando Deus mandou Noé construir a arca de madeira de gofer, a especificação de madeira de gofer foi a proibição de toda outra madeira. Não foi necessário a Deus proibir o que Ele não quis, porque a especificação do que Ele quis foi por si mesma a proibição do que Ele não quis. Isto é sempre verdade ou então não há exatidão na linguagem.

Quando o Senhor deu a comissão para fazer discípulos e batizá-los, Ele os especificou os que devem ser batizados e também os que devem administrar a ordenança. O único lugar na Palavra de Deus em somos autorizados a batizar é nesta comissão e ela autoriza o batismo de discípulos somente. A especificação de “os” em “batizando-os”, os discípulos, é a proibição de todos os outros não discípulos. Contudo, não só se especificam os sujeitos do batismo senão também o administrador. Ele disse: “Portanto ide, fazei discípulos, e batizando-os”. Então disse: “E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos”. Jesus estava aqui autorizando alguém ou alguma coisa a administrar a ordenança do batismo e prometeu estar com este administrador até ao fim do mundo. Jesus estava aqui, evidentemente, dando sua comissão aos seus discípulos na capacidade orgânica, como uma igreja, ou assembleia e não como indivíduos. Se a comissão tivesse sido dada aos discípulos presentes como indivíduos, quando o último deles presente morresse, morta teria estado a comissão; mas, para mostrar que ele não lhes estava falando como indivíduos, disse: “Eis que estou convosco até a consumação dos séculos”. Aqueles discípulos individuais presentes não viveram até ao fim do mundo e portanto Jesus não podia estar com eles até ao fim do mundo no seu ensino e batismo. A promessa de Jesus, então, era algo que deve perpetuar-se até ao fim do mundo, a saber, sua assembleia, sua igreja. Esta promessa ele tem cumprido que Jesus entregou a ordenança do batismo a uma corporação específica, sua igreja, para ser administrada a uma classe específica, discípulos, num ato específico, imersão, para simbolizar verdades do Evangelho específicas, um sepultamento e imersão.

Se para constituir um batismo escriturístico, tomam-se quatro coisas, autoridade escriturística, sujeito escriturístico, ato escriturístico e um batismo escriturístico, podia eliminar uma delas e ainda ter um batismo escriturístico? Se pudessemos eliminar um desses elementos e ainda terdes um batismo escriturístico, por que não eliminar dois, tres e ainda ter um batismo escriturístico? Ou, digamos, todos os quatro? E isto é justamente o que tal desgaste da autoridade divina traz. Quando alguém decide que pode eliminar este elemento, ou aquele elemento do batismo e ainda ter tudo que é necessário ao batismo, logo decide que nada dele é necessário. E isto é a conseqüência lógica de sua premissa. E só esta coisa está

acontecendo a muitas igrejas hoje. Algumas já deram de mão ao batismo inteiramente como um requisito à qualidade de membro. Claro, se não faz diferença sobre a autoridade, não faz diferença sobre o sujeito; se não faz diferença sobre o sujeito, não faz diferença sobre o ato; se não faz diferença sobre o ato, não faz diferença sobre o desígnio. Isto leva a velha afirmação: “Uma igreja é só tão boa como outra, um batismo é só tão bom como outro, uma doutrina é só tão boa como outra”. Logo, o erro é só tão bom como a verdade. Meus irmãos, em o nome de nosso Senhor e em o nome da religião, há qualquer coisa deixada que importa? Se há, que é? Seria bom parar e dar balanço, ver o que restou que valha a pena pugnar por ela.

O autor mostra claramente neste livro que o ponto em foco entre os anabatistas e os católicos romanos não foi o ATO de batismo, mas a autoridade; porque o anabatismo florescia enquanto Roma ainda estava praticando só imersão como batismo, sim, muito antes de Roma inventar a aspersion ou o derramamento como batismo as perseguições aos anabatistas rugiam. O ponto nevrálgico dos anabatistas era que Roma era uma igreja apóstata e portanto, sem autoridade para administrar o batismo escriturístico. A mente deste escritor, a premissa deles era sã e lógica sua conclusão. “Somente uma igreja escriturística pode administrar o batismo escriturístico” é uma doutrina batista secularmente honrada.

A circulação ampla e a leitura cuidadosa deste livro, em oração, fortificarão a fibra moral e doutrinária do nosso povo batista. Far-lhe-ão verificar apenas a nossa liberdade religiosa, de consciência e de alma, a herança gloriosa que gozamos hoje, custou aos nossos pais em sangue e sofrimento inaudito, mas cujas consciências foram livres e cujas almas foram impolútas.

Este livro deve estar na biblioteca de todo pregador batista na terra. Deveria estar na biblioteca de toda Escola Dominical, ensinado em toda escola de treino para nossa juventude. Eles apreciarão nossas doutrinas mais quando aprenderem quanto custou a nossos pais mantê-las.

Esteja sobre este volume e sobre o autor a aprovação de nosso Senhor, nosso irmão que tão fielmente, conscienciosa e laboriosamente preparou o material para este livro.

Este é o septuagésimo-quarto aniversário do meu nascimeto.

10 de março de 1938.

Vosso fraternalíssimamente.

*William D. Nowlin
Plant City, Florida, EUA*

ARGUMENTO DO LIVRO

1. Temos um modelo de batismo dado por Deus.
2. Os batistas, chamados anabatistas, só eles conservaram o modelo através dos séculos.
3. A divisão da cristandade veio por deixarem de guardar o modelo.
4. O batismo estranho é uma inovação entre os batistas.
5. Quanto custou aos nossos pais guardar o modelo.
6. Seremos leais às Escrituras e a fé dos nossos antepassados?

CAPÍTULO 1 - O MODELO DO TABERNÁCULO

Moisés foi admoestado por Deus quando esteve para fazer o tabernáculo. “Olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou”. Hebreus 8:5.

Há quarenta capítulos no livro do Êxodo e dezesseis e meio deles tem que ver com a edificação do tabernáculo somente. Deus chamou Moisés ao monte para lhe dar instrução quanto a como construí-lo. No monte esteve ele quarenta dias e noites, em cujo tempo Deus deu a Moisés direções explícitas até o mínimo pormenor. Nada foi desprezado ou omitido. Essas minúcias parecem tão triviais ao leitor que é tentado a saltar parte delas como se nenhum valor e prosseguir para algo de mais interesse. Mas não foram triviais na mente de Deus, porque por quarenta dias e noites Ele deteve Moisés no monte cuidando desses pormenores, dando-lhe instruções definitas, confeccionando um modelo, do que, quando terminara, deu a Moisés uma solene incumbência, a qual temos colocado no alto deste capítulo.

“Olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou”.

Certamente Moisés não teve por triviais aos pormenores. Quando a solene tarefa estava pronta, Moisés fala dela nestas palavras: “Assim se acabou toda a obra do tabernáculo da tenda da congregação e os filhos de Israel fizeram conforme com tudo que o Senhor ordenara a Moisés; assim o fizeram. Trouxeram o tabernáculo a Moisés, a tenda, toda a sua mobília, seus colchetes, suas tábuas, seus varais, suas colunas e as suas bases; a coberta de peles de carneiros tingidas de vermelho, a coberta de peles de teixugos, o véu da coberta; a arca do testemunho, os seus varais, o propiciatório; a mesa com todos os vasos e os pães da proposição; o castiçal puro com suas lâmpadas, as lâmpadas da ordenaça com todos os seus vasos e o azeite para a luminária; também o altar de ouro e o azeite de unção, o incenso aromático e a tela para a porta da tenda; o altar de cobre e o seu crivo de cobre, os seus varais, todos os seus vasos, a pia e a sua base; as cortinas do pátio, suas colunas, suas bases, a tela da porta do pátio, suas cordas, seus pregos, todos os vasos do serviço do tabernáculo, para a tenda da congregação; os vestidos do ministério para ministrar no santuário, os santos vestidos de Aarão, o sacerdote, os vestidos dos seus filhos para ministrarem o sacerdócio. Conforme com tudo que o Senhor ordenara a Moisés assim os filhos de Israel fizeram toda a obra. Viu pois Moisés toda a obra e eis que a tinham feito: como o Senhor ordenara, assim a fizeram igual e Moisés os abençoou”.

Suscitam-se muitas perguntas ao passo que meditamos nesta cena da edificação do tabernáculo. Porque Deus deteve a Moisés no monte quarenta dias e noites? Por que um modelo divino até explícitas minúcias. Por que um encargo solene de fazer todas as coisas conforme com o modelo? Por que o extremo cuidado de Moisés de conferir quando a obra se acabara e ver que tudo fora segundo o modelo divino? Outra vez, podíamos parar para perguntar, que seria tivesse deixado Moisés de cumprir as instruções divinas? Teria havido duas consequências trágicas: Moisés teria sido culpado de um ato de desobediência e modelo divino corporificado no tabernáculo teria sido destruído. Chamei-as consequências trágicas. Quão trágicas, paremos e consideremos. Olhai a primeira: *ELE TERIA SIDO CULPADO DE UM ATO DE DESOBEDIÊNCIA*.

A raça humana teve de aprender na árdua escola da experiência as consequências da desobediência aos mandamentos de Deus. Milton no seu imortal “Paraíso Perdido” faz isto o tema do seu poema trágico, quando, nas primeiras linhas, diz: *Da primeira desobediência do homem e o fruto daquela árvore proibida, cujo gosto mortal trouxe a morte ao mundo e toda a nossa desgraça, com a perda do Eden, até que um homem mais forte nos restaure e recobre a sede bendita, ‘Canta ó musa celestial’*.

Era para Moisés aprender mais tarde as consequências trágicas da desobediência na sua própria vida. Disse-lhe Deus para falar à rocha no deserto para os filhos de Israel pudessem ter água para beberem. Na sua ira, ao contrário, ele bateu na rocha. Deus não o descredita perante o povo, recusando dar água. A água jorrou, mas Deus recusou a Moisés o privilégio de entrar na terra prometida, que tinha sido o sonho de sua vida. Um dos quadros mais tristes de toda a Bíblia é esse de Moisés em pé na crista do Monte Nebo, contemplando a terra: “Então subiu Moisés das campinas de Moabe ao Monte Nebo, ao cume de Psiga, que está em frente a Jericó e o Senhor mostrou-lhe toda a terra desde Gileade até Dã; e todo Naftali, a terra de Efraim e Manassés, e toda a terra de Judá, até ao mar ocidental; e o Sul, e a campina do vale de Jericó, a cidade das palmeiras, até Zoar. E disse-lhe o Senhor: Esta é a terra que jurei a Abraão, Isaque e Jacó, dizendo: A tua descendência a darei: eu te faço vê-la com os teus olhos, porém lá não passarás. Assim morreu ali Moisés, o servo do Senhor, na terra de Moabe, conforme a palavra do Senhor. E o sepultou num vale, na terra de Moabe, em frente de Bete-Peor; e ninguém soube até hoje o lugar da sua sepultura”. Deuteronomio 34:1-6.

“Pela solitária montanha do Nebo,

Neste lado da torrente do Jordão,
Num vale na terra de Moabe,
Jaz uma sepultura isolada.
Mas nenhum homem levantou esse seplucro,
E nenhum jamais o viu:
Porque o anjo de Deus revirou a relva
E lá deixou deitado o defunto”.

Quantos milhares desde então tem sido privados da realização dos seus mais acariciados desejos por causa de desobediência à vontade de Deus? Só a eternidade pode dizer. Se verificássemos as consequências horrendas, examinaríamos as Escrituras dia e noite para aprendermos mais cabalmente qual é a vontade de Deus.

Outro exemplo das consequências da desobediência é o caso de Acã. Depois da morte de Moisés e sob a liderança de Josué, Israel atravessou o Jordão, capturou o reduto de Jericó e marchou triunfante para a conquista de Ai. Jactancioso da vitória, esperaram numa fácil captura, mas foram ignominiosamente derrotados e expulsos com grande mortandade. Por que? A resposta está numa só palavra: **desobediência**. Deus lhes proibira tomar do espólio, mas Acã, vendo uma linda capa babilônica e uma cunha de ouro, cobiçou-as e as levou e as escondeu no chão de sua tenda. E até que Acã e sua família inteira caíram completamente fulminados sob o montão de pedras que empilharam sobre o seu corpo, passou a ira de Deus, podendo o exército de Deus marchar à vitória.

O pecado de Acã não só lhe trouxe desastre e morte a si mesmo, mas à sua família também e a todo o exército de Israel. Com que cuidado deveramos estar para cumprirmos o que parece ser trivialíssimo mandamento de Deus! A decisão de Cotton Mather devera ser a de cada um de nós: “Jamais seja um preceito tão difícil e desagradável à carne e ao sangue; se é de Deus a ordem, minha alma diz: “É bom, obedeça-O eu até que morra”.

Outra vez, se Moisés tivesse falhado, a *verdade divina corporificada na construção do tabernáculo teria sido destruída*. Tudo que Deus teve em mente para personificar naquele modelo nenhuma mente finita pode compreender inteiramente; mas podemos descansar na certeza de que houve um propósito divino em tudo quanto estava no modelo. As medidas, os materiais, o arranjo dos páteos, cada peça de mobília, cada barra, pino, parafuso, tinha sua significação e sentido divinos. Permite uma sugestão de ao menos uma ou duas coisas que estavam no quadro:

Primeira, a santidade de Deus em contraste com a pecaminosidade do homem e a dificuldade consequente de aproximação do homem pecaminoso do Deus santo. Em síntese, o arranjo do tabernáculo era este: um pátio aberto, um lugar santo e o santo dos santos. Ao pátio vinha o povo com as suas ofertas per delitos e pecados. Ao lugar santo só os sacerdotes podiam vir. No santo dos Santos só o sumo sacerdote podia ir, então só uma vez por ano, não sem sangue, que ele oferecia por si mesmo e pelos pecados do povo. Esse quadro, por todos os tempos, foi para demonstrar a santidade de Deus e a excessiva pecaminosidade do homem, a extrema dificuldade do homem pecaminoso aproximar-se de um Deus Justo e Santo.

Oh! quão necessária é essa lição ao mundo hoje! Deus não é mais elevado, exaltado e santo como Isaías O viu quando o Rei Usias morreu: O homem não está cômico de sua excessiva pecaminosidade aos olhos de Deus. Bom foi então para Israel, como bom é para nós hoje, que temos este quadro divino: que Moisés foi fiel ao mandamento de Deus em executar a edificação do tabernáculo até aos seus mínimos pormenores.

Outra coisa que estava no modelo é: **não há aproximação de Deus senão pelo sangue de Cristo**. Típico foi do sangue de Cristo o sangue derramado sobre o altar. O Deus santo não pode ser aproximado por homem pecaminoso a menos que se purgue a seu pecado. “Sem derramamento de sangue não há remissão de pecado”. Desde o princípio tem estado o diabo tentando afastar o sangue de Jesus. Ele induziu Caim a trazer um sacrifício incruento e Deus não se agradou dele. Ele fez o melhor que pode para conseguir que Moisés mudasse o plano do tabernáculo e o sangue fosse omitido. E através dos séculos tem ele estado proclamando salvação pelo caráter, salvação pelas obras, salvação pelo batismo, salvação pela união com a igreja. Tivesse Moisés deixado omissa o sangue, destruída teria o modelo e teria estado brincando nas mãos do diabo.

O que é verdade do tabernáculo é por igual eminentemente certo do batismo. Temos o modelo divino e a ele devemos ser fiéis nos menores pontos, ou deveremos ser culpados de desobediência, deveremos destruir a verdade por que o batismo permanece e representa. Nos capítulos seguintes estudaremos **o modelo do batismo** e veremos como através dos anos os seguidores de Cristo tem cumprido as instruções dadas para a observância do batismo. Temos sido fiéis ou infiéis na guarda desta ordenança como Deus no-la entregou?

CAPÍTULO 2 – O MODELO DO BATISMO

Como houve um modelo divino para o tabernáculo, assim há um modelo na Bíblia para o batismo. Neste modelo há quatro elementos:

Um Sujeito Apropriado.
Um Modo Apropriado.
Um Desígnio Apropriado.
Um Administrante Apropriado.

melhor fora apresentado:

Um Sujeito Escriturístico.
Um Modo Escriturístico.
Um Desígnio Escriturístico.
Um Administrante Escriturístico.

Como exemplo de um batismo em que achamos estes quatro elementos, vejamos o batismo de Jesus. É um dos belíssimos incidentes em toda a Bíblia: “Então veio Jesus da Galiléia ter com João, junto do Jordão, para ser batizado por ele. Mas João opunha-se-lhe, dizendo: “Eu careço de ser batizado por ti, e vens Tu a mim? Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então ele o deixou. E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre Ele; e eis que uma voz do céu, dizia: Este é o meu Filho amado em quem me comprazo”.

De Nazaré ao Jordão, onde João estava batizando, vão umas sessenta milhas (100 quilômetros). Nazaré fica nas fraldas das montanhas. Há muitos belos regatos e poços cristalinos por Nazaré onde alguém podia ser batizado, mas, quando Jesus no devido tempo veio para ser batizado, virou-se desses belos riachos e poços, andou 100 quilômetros para que o Seu batismo cumprisse **toda a justiça**.

O Jordão não é tão belo como alguns rios: é rápido, muitas vezes turvo e nalguns pontos fundo e traidor. Queixou-se Naamã de se mergulhar nele sete vezes por ordem do profeta Eliseu. Todavia, nas margens deste velho rio teve lugar uma cena igual à qual outra não houvera antes nem jamais haverá outra vez em todo o mundo. Aqui, nas águas até a cintura, esteve O Batista no seu manto de pelo de camelo; ao seu lado o Filho de Deus; pela margem a multidão que acudira para ouvir João pregar. No alto, nos céus, olhando para baixo, Deus o Pai, falando numa voz audível a todos e, descendo do céu, o Espírito de Deus, qual pomba, pousando sobre o Filho, há pouco batizado no rio. É derramado sobre todos, um azul, azul espaço de nuvens brandas e alvas flutuando, um sol brilhante difundindo sua glória sobre o rio, as montanhas distantes de Moabe, a vetusta cidade de Jericó pelas planícies, o Mar Morto, onde o rio irrequieto tombou por fim para descansar de suas fúrias quedas desde as Montanhas de Lebanon.

Foi no calor da tarde, após um mergulho no Mar Morto, que uma comitiva se deteve neste famoso sítio, faz anos, e sonhou essa hora quando o Filho de Deus, o Pai e o Espírito Santo, todos por sua presença testificaram à importância deste ato transcendente, ordenado por Deus, obedecido pelo Filho, aprovado pelo Espírito Santo e mandado por nosso Senhor na grande comissão que fosse obedecido até ao fim do século.

A luz de tudo isto, quem jamais dirá, que o batismo não é importante, que pode ser observado, ou mudado, ou omitido ao talante do indivíduo, ou pela autoridade de um corpo que a si mesmo se chama igreja de Cristo? É de tremenda importância e devemos sempre ter em mente que, se qualquer um dos seus quatro elementos faltar, teremos batismo defetivo e não batismo escriturístico, tal como Deus disse a Moisés a respeito do tabernáculo: “Olha, faz tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou”, assim ele nos diz: “retendes os preceitos como vo-los entreguei”, 1 Coríntios 11:2. Se as alterardes, desobedecereis a Deus, destruireis a verdade e trareis confusão e dissídio ao mundo cristão, onde devera haver união e paz.

Tem sido sempre o grito dos que desertaram a verdade que os que por ela se batem são culpados de causar divisão. Quem, pensais vós, são culpados, aqueles que batalham pela Fé uma vez por todas entregue aos santos, ou aqueles que desertaram a fé? Jamais teremos união pelo compromisso com os desertores; tê-la-emos somente quando os que desertaram voltarem à obediência em conformidade com o modelo que nos foi dado no batismo de Jesus.

Vejamos quão claramente esses quatro elementos fundamentais do batismo se acham no de Jesus.

1. UM CANDIDATO APROPRIADO.

Jesus foi um candidato apropriado. Sem pecado, não precisou, portanto, de arrepender-se. ele teve fé absoluta no Pai e no plano de redenção do mundo. Ele teve fé absoluta em si mesmo. João podia tergiversar (Ω o tradutor protesta solenemente contra esta idéia) e do fundo de sua prisão sombria mandar um recado a Jesus, perguntando: “És Tu o que havia de vir, ou esperamos outro?” Mateus 11:2-3. Mas jamais uma nuvem de dúvida escureceu a mente de Jesus. “Eu sou o pão da vida. Eu sou a água da vida. E se alguém tem sede, venha a mim e beba. Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salta para a vida eterna. Eu sou a porta: se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará e sairá e achará pastagens. Dou-lhes vida eterna, e nunca hão de perecer, e nem ninguém as arrebatará da minha mão. Então disse-lhe: embainha a tua espada; ou pensas tu que não poderia orar a meu Pai, e que ele não me daria mais de doze legiões de anjos?” João 7:37. 4:14. 10:9. Mateus 26:52-53. E assim podíamos continuar, tomar todas as palavras de Jesus, vê-Lo nas horas mais escuras de Sua vida, quando todos O desampararam, todas as mentes perto dele nubladas de dúvida e desespero, contudo Sua Fé no Pai e no divino empreendimento nunca se toldou da mais simples dúvida ou manchoa por um só temor. E assim veio ele a João de acordo com o divino propósito de Deus através dos séculos para “cumprir toda a justiça”, e para firmar um exemplo para todos que se tornassem Seus discípulos. É isto um caso de **batismo de crente**. Não há aqui conforto para os que perpetraram o batismo infantil. Trinta anos ou quase trinta de idade quando se batizou. Não há conforto para os que pugnam pela salvação batismal, dizendo que vimos ao batismo um pecador perdido e no batismo nossos pecados são tirados.

Em **Christian Baptism** (Batismo Cristão), por Alexander Campbell, página 521, lemos: “A remissão dos pecados não pode ser gozada por pessoa alguma antes da imersão. A crença deste testemunho é o que nos impele à água, sabendo que a eficácia do Seu sangue é para ser comunicada a nossa consciência da maneira que Deus Se agradou indicar: não vacilamos ante a promessa, mas fugimos para a sagrada ordenança que trouxe o sangue de Jesus em contacto com as nossas consciências. Sem saber isto e crer nisto, a imersão é uma nóz vazia: a casca está lá, mas o miolo está faltando”.

No Concílio de Trento a Igreja Católica Romana fez este articulado: “O batismo é um sacramento instituído por Cristo para lavar o pecado original e todos os que tenhamos cometido; para comunicar a humanidade a regeneração espiritual e a graça de Jesus Cristo e para uní-lo a cabeça viva. Se alguém disser que o batismo não é essencial a salvação, seja amaldiçoado. Os nossos pecados não são redimidos no batismo senão também toda a punição de pecado e impiedade.

John Wesley nas suas obras, volume 6, seção 4, fala pelos metodistas: “É certo que a nossa igreja supõe que todos quantos são batizados na sua infância são ao mesmo tempo nascidos outra vez. Se as crianças são culpadas de pecado original, não podem ser salvas na maneira comum a menos que se lavem pelo batismo”.

O Dr. J. R., Graves, comentando a posição de outras corporações cristãs, diz: “Esta é a doutrina que nos distingue a nós batistas de outras denominações: pomos o sangue antes da água em qualquer caso; não ensinamos que o batismo é essencial à salvação”.

Todos os outros ensinam através da água ao sangue. Os batistas ensinam *através do sangue à água*. Quem, pensais vós, está mais perto da posição escriturística como esboçada aqui no batismo de Jesus?

Consideremos agora o segundo elemento fundamental do batismo.

2. UM MODO APROPRIADO.

Não é nosso propósito demorarmo-nos muito sobre este elemento, não porque não é importante, mas porque tanto já foi dito sobre o assunto que o achamos desnecessário. Tem-se dito que há dois lados em toda questão.

Eis aqui uma questão da qual isso não se pode dizer verdadeiramente. Há nesta questão só um lado. A luz das Escrituras, à luz dos eruditos gregos, na concessão dos que não praticam a imersão, mas dizem que foi o único batismo conhecido na igreja primitiva; à luz de tudo isto, qualquer que contendesse pela aspersion como doutrina escriturística tanto seria um ignorante como um que sabe ser uma inverdade o que diz saber.

Ninguém disputaria, depois de ler esta simples história do batismo de Jesus com um espírito imparcial que o seu batismo se realizou por outra forma que por imersão. “Ora, João batizava também em Enom, junto a Salim, porque havia ali muitas águas... E sendo Jesus batizado, saiu logo da água”. Os artistas da idade média, subservientes à sua mestra a igreja

de Roma, encheram as galerias da Europa com quadros representando Cristo e João com água pelos joelhos no rio e João derramando de uma concha água na cabeça de Jesus tirada do rio. Quem quer que possa ler este relato bíblico do batismo de Jesus, sabe que, conquanto belo seja o quadro, não é verdadeiro às Escrituras. Aceitar uma semelhante interpretação e negligenciar a relação bíblica é a própria palavra *baptizar*, que é, sem dúvida, uma palavra grega e nada mais significa senão mergulhar ou mergulhar.

Quando o Rei Tiago quis traduzir a Bíblia, reuniu os eruditos do seu tempo para fazerem a tradução. Fizeram magnificamente peça de trabalho; mas, quando toparam a palavra grega *baptizar*, sabendo que ela significava “mergulhar”, não ousaram traduzi-la assim sem conferirem com o rei, pois bem sabiam que a Igreja da Inglaterra batizava por aspersão. O resultado foi, a pedido do Rei, que não traduzissem a palavra de modo algum: que a anglicanassem. E assim temos a palavra grega *baptizo* ou batizar nas Bíblias Inglesas (e portuguesas), quando, se tivesse sido traduzida, tem sido *mergulhar*.

O Dr. John T. Christian escreveu aos principais eruditos gregos da América e da Inglaterra, fazendo-lhes a seguinte pergunta: “Há qualquer léxico grego-inglês que defina a palavra *baptizo* por aspergir ou derramar?”

Respostas americanas:

“Não há nenhum léxico grego-inglês que dá aspergir ou derramar como um dos sentidos da palavra grega *baptizo*”. Prof. H. W. Humphreys, Universidade Vanderbilt.

“Não sei de nenhum léxico que dá aspergir como uma versão de *baptizo*”. Prof. W. S. Tyler, Colégio Amherst.

“Não há nenhum léxico grego-inglês padrão que dê quer aspergir quer derramar como um dos significados da palavra grega *baptizo*”. Prof. Dodge, Universidade de Michigan.

“Não conheço léxico algum que dê os significados de que o senhor fala por *baptizo*.” Prof. Flag, Universidade de Cornell.

Respostas inglesas:

“A palavra *baptizo* quer dizer afundar, ou mergulhar na água, Não respingar. Não sei de nenhum léxico que dê respingar por batizar”. Prof. H. Kynaton, D.D. Universidade de Durhan.

“Certamente, o significado clássico de *baptizo* é mergulhar, não respingar ou derramar”. Prof. C. C. Warr, M. A., King’s College.

“Nunca, que eu saiba, encontrei a palavra no sentido literal de respingar e duvido que ela tenha qualquer sentido semelhante”. Prof. John Stracham, M. A., Owens College.

“Não sei de qualquer léxico grego-inglês que dê o significado de respingar ou derramar. Se alguém o fizer, eu diria que se enganou”. Prof. G. E. Mamdin, Universidade de Londres.

“Não sei se há qualquer léxico autorizado grego-inglês que faz a palavra significar respingar ou derramar. Apenas posso dizer que semelhante palavra nunca pertence a *baptizo* no grego clássico”. Prof. R. C. Jebb, Universidade de Cambridge.

Mas, por que multiplicar provas? Não admira que o Rei Tiago e seus tradutores ficassem perplexos e não souberam o que fazer. Não somente o ato do batismo de Jesus, mas o próprio sentido da palavra faz a *imersão* imperativa como o segundo elemento do batismo escriturístico.

3. UM DESÍGNIO ESCRITURÍSTICO.

Por que foi Cristo batizado? Para mostrar em toda a sua plenitude a justiça de Deus. Assim com todo batismo. Há um desígnio e esse desígnio é patentear um certo todo de verdade que não é só a propriedade do crente senão a propriedade também do todo em que o crente se batiza. Não sei de um melhor modo para demonstrá-lo do que citar a definição dada por J. R. Graves:

“O batismo cristão é um ato específico a ser administrado por um corpo específico a pessoas professando qualificações específicas para a profissão de verdades específicas”.

Agora, quais são as verdades específicas que o batismo estabelece? A resposta a esta pergunta leva-nos de volta ao período post-apostólico aí pelo segundo século A. D. Nesse período e por séculos adiante os catecúmenos, aqueles em instrução para o batismo, eram intimados a repetirem o credo da igreja e então se fazia invariavelmente a pergunta: “Quereis ser batizado nesta fé?” Destarte o batismo era não tanto para exhibir a fé do crente como para mostrar as doutrinas, crenças e práticas da corporação executante do batismo. Mesmo hoje os episcopais retém este costume. A toda a criança respingada por eles faz-se a pergunta: “Credes em todos os artigos da fé cristã como estão contidos no credo apostólico?” O padrinho responde: “Creio”. Então a pergunta: “Quereis ser batizado nesta fé?” O padrinho responde: “Isso é o meu desejo”.

O sujeito do batismo, portanto, não professa tanto sua fé particular como a da denominação que o batiza. “Quais são as verdades específicas que o batismo estabelece?” A resposta depende da corporação batizante.

Quando os católicos romanos batizam, conforme com o Concílio de Trento, é para lavarem o pecado original, e todo pecado cometido, para comunicar regeneração espiritual e a graça de Jesus Cristo, para unir o batizado à cabeça viva. Quando os seguidores de Alexandre Campbell batizam, é para remissão de pecados, como contende Campbell: eles (os batizados) só podem alcançar o sangue de Cristo pelas águas do batismo.

No caso dos metodistas, conforme com Wesley, é para regeneração e, no caso de crianças, para tirar o pecado original, do contrário estão perdidas.

Qual é o desígnio dos Episcopais? Paremos no seu serviço de confirmação. Pergunta: “Quem vos deu este nome?” Resposta: “Meus padrinhos no batismo, pelo qual fui feito membro de Cristo, filho de Deus e herdeiro do reino do Céu”. Isso é o desígnio do seu batismo.

Qual é o desígnio dos presbiterianos? Leiamos o Breve Catecismo. Pergunta: “Que é batismo?” Resposta: “Batismo é um sacramento do Novo Testamento em que Cristo ordenou a lavagem em água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo para ser um sinal e selo da instilação em si mesmo da remissão de pecados pelo Seu sangue, regeneração pelo Seu Espírito, de adoção e ressurreição para a vida eterna”.

Não tentaremos interpretar esta linguagem, mas deixaremos que o Dr. Hodge, de Princeton, e o Dr. Nevin, do Seminário Mercersburg, a interpretem. Diz o Dr. Hodge: “Somos batizados para que nos unamos com Cristo e sejamos feitos participantes dos Seus benefícios. Este batismo para arrependimento é um batismo para que se obtenha a remissão de pecados”. O Dr. Nevin diz: “A igreja faz nos cristãos pelo sacramento do santo batismo, o qual ela sempre sustentou ser uma força sobrenatural para esse mesmo propósito”.

Qual é o desígnio do batismo nas igrejas batistas?

Não é para a remissão de pecados. Não é meio de graça. Não é para regeneração. Nada tem que ver com a nossa salvação. É um quadro exibindo o Evangelho; a morte, enterro e ressurreição de Jesus e significa que o batizando está morto para a velha vida de pecado e ressurgido para uma nova vida em Cristo Jesus.

“De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida”. Romanos 6:4.

Quão diferente é a posição batista da dos que fazem do batismo uma ordenança salvadora e dizem que não há caminho para o sangue de Cristo senão pelas águas do batismo!

Agora, todos quantos tem sido batizados na fé desses outros corpos cristãos, devem sustentar essa mesma fé ou então repudiá-la. Se repudiarem, devem também repudiar o batismo que os fez participantes dessa fé. Não há outra saída. Se não crêem mais nas suas doutrinas, não deveriam mais sustentar o batismo que os fez participantes dessas doutrinas. É isto certamente o único curso coerente e o único modo de honrar a corporação em que vieram a crer. Se sois batista na crença, deveis estar satisfeito com nenhum outro batismo fora do batista.

4. UM ADMINISTRANTE APROPRIADO.

Vejamos como isto está multiplicado no batismo de Jesus. Chegara o tempo de Jesus ser batizado. Cem quilômetros distante estava um homem enviado de Deus para batizar. Em redor de Nazaré havia muitos regatos e poços belos. Jesus podia ter escolhido alguém em Nazaré e tido que alguém O batizasse num dos belos poços. Isso teria sido *batismo estranho*, mas tal Ele não fez. Em vez disto, Ele partiu e caminhou cem quilômetros para conseguir que o batizasse alguém que tivesse a autoridade dada por Deus para batiza-LO. E contudo, a despeito disto, há quem diga que o administrante não é de importância alguma!

CAPÍTULO 3 – UM ADMINISTRANTE APROPRIADO

Desde que o assunto *Imersão Estranha* tem que ver com o administrante do batismo, justo é que devotemos o resto do livro à história dessa questão. É uma questão de autoridade. Quem tem o direito de batizar? Qualquer um? Quando Deus estabeleceu a ordenança, definiu o candidato, o ato, o designio, definiu também o administrante, ou deixou isso aberto a qualquer que desejasse executar o rito? Teria sido um procedimento estranho, se Ele não tivesse nenhuma provisão para quem devesse celebrar o batismo.

Sobre este quarto elemento do batismo, são as Escrituras apenas tão plenas e explícitas como sobre os outros três elementos.

Vimos como foi Cristo enfatizado quando Ele andou cem quilômetros (sessenta milhas) para chegar a João, o qual foi enviado de Deus para batizar. E outra vez, Cristo o enfatizou quando perguntou aos principais dos sacerdotes e aos anciãos do povo: “O batismo de João, de onde era? Do céu, ou dos homens?” Mateus 21:25. E, de novo, na grande comissão, não dada a estranhos senão a discípulos, que eram membros da igreja que Ele já tinha edificado, está o mandamento para batizar. *Em nenhum lugar das Escrituras encontramos uma só passagem em que qualquer um foi batizado por qualquer outro que não recebeu sua autoridade de Cristo mesmo ou da igreja que Ele edificou.* Foi assim no dia de Pentecostes, assim foi de Filipe na Samaria e quando ele batizou o eunuco, foi assim de Pedro quando batizou Cornélio e sua casa, foi assim de Paulo ao ser batizado por Ananias. Se o batismo estranho está certo e próprio, onde achamos na Bíblia qualquer autoridade para tanto? Não é para ser achado. Deus é só tão cuidadoso em firmar os limites do batismo como Ele foi em definir as especificações do tabernáculo, quando Ele encarregou Moisés: “Olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou”. Hebreus 8:5.

O batismo escriturístico não só deve ser administrado por quem tenha autoridade divina, a menos que essa autoridade tenha sido especialmente dada, como no caso de João Batista, essa autoridade deve residir numa igreja escriturística. Deus podia escolher hoje homens como escolheu a João e dar-lhes autoridade específica para batizar. Deus pode fazer qualquer coisa, menos que essa coisa seja contrária a Sua natureza justa. Deus não pode fazer coisa errada. Mas Deus podia selecionar um homem e dar-lhe uma revelação especial. Deus podia escolher um homem e dizer-lhe para ir batizar. Mas não cremos que Deus faça isso hoje e pensamos que seria presunção da parte de qualquer reclamar tal coisa. José Smith, fundador da igreja mormom reclamou-o, mais também ninguém o crê senão um mormom.

Cristo edificou Sua igreja, a ela cometeu as ordenanças e, desde esse dia, a autoridade para batizar e administrar a Ceia do Senhor reside na igreja que Jesus edificou; não em qualquer sacerdote ou pregador sobre a face da terra, mas na igreja. A menos que o batismo de alguém tenha essa autoridade, não é batismo escriturístico.

Tres perguntas, portanto, levantam-se aqui: *Jesus edificou uma igreja? Que é a igreja que Jesus edificou? Quando ele a edificou?*

Um volume inteiro podia se escrever sobre estas tres perguntas.

Primeira, então. Jesus edificou uma igreja? Em Mateus 16: 18 diz Jesus: “Sobre esta pedra edificarei a minha igreja.” Ele não só edificou Sua igreja senão também uma igreja triunfante, mais forte que todas as forças do inferno, que duraria para sempre, porque Ele diz; “As portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Há quem diga que durante a idade média a igreja falhou: que, devido à perseguição terrível pelos católicos romanos, a igreja ficou extinta, mas tal não é o caso. Em quase todo país da Europa milhares houve que não “curvaram o joelho a Baal” e, terminada a perseguição, vieram dos antros e cavernas da terra, rochas e aberturas das montanhas, para proclamarem de novo a fé da verdadeira igreja. Forneceremos a verdade disto quando mais tarde viermos a falar dos anabatistas.

A Segunda pergunta é: “Quando Jesus edificou Sua Igreja”? Há os que dizem, contra a autoridade escriturística, que Ele a edificou no dia de Pentecostes. Ele a construiu muito tempo antes disso. Observa que diz sobre os que se converteram no Pentecostes: “De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e naquele dia agregaram-se (acrescentaram-se) quase tres mil almas”, “acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar” (Atos 2:41, 47). O que não poderia ter sido feito a alguma coisa que já não existisse. Em Mateus 16.18 diz Jesus: “Edificarei a minha igreja”. Em Mateus 18:17 diz: “Se não as escutar, dize-o à igreja”. De modo que quando chegamos ao capítulo décimo-oitavo de Mateus a igreja que Jesus disse que edificaria já está existindo, pois não podiam contar algo da igreja se ela não existisse.

A terceira pergunta é: “Que é a igreja que Jesus edificou?” É isto a magna pergunta. Há quem diga que, ao dizer: “Edificarei minha igreja”, Jesus não estava falando da igreja local, visível senão da universal, invisível. Uma tal interpretação é impossível. Se houvesse uma tal coisa ensinada nas Escrituras como uma igreja universal e invisível, edificada fora muito antes de agora, ou então, que dos caracteres do Velho Testamento, não estivessem eles nela, e como podiam estar nela se ela não estivesse edificada? Repito, como podia alguém contar

seus agravos a algo universal e invisível? Não, é claro, Cristo está falando da congregação local e visível. Se houver uma tal corporação como a igreja universal e invisível, ela nunca ainda se reuniu e não se reunirá até que todos os redimidos cheguem ao céu.

Para compreender-se a questão do batismo estranho importante é que pensemos claramente sobre a questão da igreja. Muita de nossa confusão sobre a questão de autoridade vem do pensamento nebuloso sobre a igreja. Lançaremos, portanto, neste ponto, algumas proposições que farão clara, pensamos, a questão da igreja.

PRIMEIRA PROPOSIÇÃO.

Quando Cristo esteve na terra, Ele estabeleceu uma igreja visível, organizada, governada, com autoridade para receber e excluir membros.

“Sobre esta rocha edificarei a minha igreja”. Mateus 16:18.

“E se não as escutar, dize-o à igreja; e se também não escutar a igreja, considera-o como um gentil e publicano”. Mateus 18:17.

Muitos enganam-se confundindo *igreja* com reino. *Os Santos dos Últimos Dias*, como a si mesmos se chamam, ou *Igreja de Deus*, não têm rol de igreja e nenhuma organização. Os seguidores de Alexandre Campbell insistem que, quando uma pessoa está salva, ela está na igreja sem voto da igreja. As idéias dos Santos e os seguidores de Campbell em comum mostram confusão mental sobre este assunto. Uma pessoa pode estar salva e não estar na igreja visível; pode estar na igreja visível e não estar salva. Devemos distinguir entre o reino e a igreja visível. Outra vez repetimos a proposição, que quando Cristo esteve na terra Ele estabeleceu uma igreja visível com oficiais, organização e o poder de receber e excluir membros.

SEGUNDA PROPOSIÇÃO.

Cristo deu a Sua igreja visível as ordenanças para administrar e guardar até que Ele volte outra vez.

Notai, duas coisas há aqui para a igreja fazer: administrar e guardar essas ordenanças. Estas duas ordenanças são o batismo e a Ceia do Senhor. É para a igreja guardá-las, não mudá-las. “retende os preceitos (ordenanças) como vo-los entreguei”. 1 Cor. 11:2. É para a igreja administrá-las e não algum outro. A igreja tem a autoridade. Ninguém mais tem. Para que alguém mais as administre é proceder sem autoridade. Mudá-las é destruí-las. Esta igreja visível que Cristo estabeleceu é para *administrar e conservá-las*.

TERCEIRA PROPOSIÇÃO.

Esta igreja visível que Cristo estabeleceu percorreu os séculos, está no mundo hoje e continuará até que Jesus venha.

Vede outra vez Mateus 16:18: “Sobre esta rocha edificarei a minha igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”. Cristo diz que a edificara, que é Sua igreja, que as portas do inferno não prevalecerão contra ela, isto é, que ela existirá por todos os tempos. Não é necessário delinear a continuidade da igreja: bastam as palavras de Cristo para provarem este ponto. Ele diz que as portas do inferno não prevalecerão contra ela e que passará o céu e a terra, mas Suas palavras não passarão.

Temos, então, agora diante de nós as tres proposições:

1. Cristo estabeleceu uma igreja visível.
2. Ele deu a essa igreja as ordenanças para administrar e guardá-las.
3. Essa igreja está no mundo hoje. A questão, portanto, é;

Qual das muitas igrejas assim chamadas no mundo hoje é a igreja que Cristo estabeleceu quando esteve no mundo?

Há muitas igrejas assim chamadas. Há mais hoje do que ontem e haverá mais amanhã do que hoje. Todas não são a igreja que Cristo estabeleceu. Qual delas é? Por dois métodos de prova podemos chegar à resposta correta a esta pergunta.

PRIMEIRO MÉTODO DE PROVA.

O primeiro método de prova é o método de *eliminação histórica*. Qualquer igreja cuja origem esteve nos tempos medievais ou modernos não é a igreja que Cristo estabeleceu, pela simples razão que não existiu quando Cristo estabeleceu Sua igreja e não veio a existir muito tempo depois. Aqui estão os nomes de algumas delas, mostrando sua origem humana e a data do seu nascimento:

NOME
Ciência Cristã,

AUTOR
Snra. Eddy

DATA
1879

Mormons	José Smith	1830
Cristãos	Alexandre Campbell	1827
Metodistas	Os Wesleys	1730
Episcopais	Henrique VIII	1538
Presbiterlanos	João Calvino	1532
Luteranos	Martinho Lutero	1521

São estas as principais e assim podíamos fazer com as outras se tomássemos tempo e espaço.

Agora, por este método de *eliminação histórica*, removemos todas as pretensões de serem a igreja que Cristo estabeleceu, menos duas e estas duas são os batistas e os católicos romanos: ambas retrocedem na história e se obscurecem nos séculos trevosos.

No ano 200 A. D., cento e trinta anos após a morte de Paulo, quando muitos que foram quase contemporâneos de Paulo viviam, achamos, segundo os historiadores, que os batistas e heréticos, que depois foram formar a Igreja Católica Romana, estavam discutindo sobre o batismo. Não foi o *modo de batismo* o ponto da controvérsia. Até aos meados do século quarto a Igreja Católica Romana imergiu como fizeram os batistas. Nem foi o *batismo infantil* nem a *salvação batismal*, os quais vieram muito mais tarde, surgiu a controvérsia porque os batistas não aceitaram como válido o batismo de hereges, dizendo que não tinham autoridade para batizarem e insistindo em batizar todos quantos lhes vieram desses corpos estranhos e heréticos.

Pelo que, as corporações heréticas se iraram, alcunharam-nos anabatistas (re-batizadores) e convocaram mesmo alguns concílios sobre a matéria.

Permiti-me citar alguns dados históricos em corroboração disto. Cito primeiro uma afirmação de Inácio, um dos patrologos apostólicos e, provavelmente, um contemporâneo de João e Paulo: “Não é lícito quer batizar quer celebrar a festa de amor sem o bispo (pastor); mas, o que quer dizer que ele aprove, isso é também agradável a Deus, de maneira que tudo quanto é feito seja agradável e válido”. Padres Antenicenos. Vol. 1, pg. 90.

Ouvi agora Tertuliano, 200 A. D.: “Há para nós um e só um batismo. Um Deus, um batismo, uma igreja nos céus. Mas deve ser admitido que a questão, que regras devem ser observadas a respeito dos heréticos, é digna de ser tratada. Eles não tem comunhão em nossa disciplina. O seu batismo não é um com o nosso, porque não é o mesmo: um batismo que, desde que eles não o têm devidamente, sem dúvida não o têm de modo algum. Nem é isso capaz de ser contado quando não é tido”. Idem, Vol. III, pg. 676.

Neander, outro historiador, ao falar sobre como as igrejas plantadas por Paulo ficaram como uma unidade contra a imersão estranha, diz: “Foi um bispo romano, Estevam que, instigado pelo espírito de arrogância eclesiástica, lavrou uma sentença de excomunhão contra os pastores da Asia Menor, Capadócia, Galácia e Cicília, estigmatizando-os como Anabatistas, nome, contudo, que eles não podiam afirmar justamente que não mereceram por seus princípios: porque não era seu desejo administrar um segundo batismo, mas disputavam que o prévio batismo dado pelos hereges (outras seitas) não podia ser reconhecido como verdadeiro”. Vol. I, pgs. 318 e 319.

O supracitado é dado para mostrar que tão cedo como no segundo século A. D., houve uma controvérsia entre os batistas e os hereges quanto a quem tem o direito de administrar o batismo. Quanto a quem estava direito, os batistas ou os hereges, não nos aventuramos dizer neste ponto. Isso seria divagar a questão. Mas provamos ao menos o nosso ponto, que ambas essas corporações afastam-se e se perdem no período trevoso da história primitiva.

Aqui, então, está o nosso dilêma neste ponto. Historicamente temos eliminado todas as igrejas exceto duas que se arrogam ser a que Cristo estabeleceu; mas duas ainda ficaram, os batistas e os católicos romanos. Ambas reclamam ser a igreja que Cristo estabeleceu, ambas afastam-se nas épocas trevosas da história. Como devemos decidir entre estas duas?

Há só um meio de decidir e esse é pelo *processo de identidade*.

SEGUNDO MÉTODO DE PROVA.

O segundo método de prova, portanto, é o *processo de identidade*. Devemos comparar estas duas corporações religiosas, batistas e católicos, com a igreja que Cristo estabeleceu. A que for idêntica com essa igreja em organização e doutrina, essa é a que Cristo estabeleceu, logo a que tem o direito de administrar as ordenanças.

Tomemos a igreja em Jerusalém, portanto, como um exemplo da igreja que Cristo estabeleceu, notemos suas características e comparemo-las com as dos batistas e católicos.

Características da Igreja de Jerusalém.

1. Uma Igreja do Espírito Santo. “E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar: e de repente veio do céu um som, como de um vento

veemente e impetuoso e encheu toda a casa em que estavam assentados. E todos foram cheios do Espírito Santo. De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a palavra; e naquele dia agregaram-se quase tres mil almas”. Atos 2:1-2, 4 e 41.

Vemos, portanto, que a Igreja de Jerusalém foi uma igreja que dependeu do Espírito Santo para preparar gente para a comunidade nela. É mesmo assim na Igreja Batista: numa Igreja Batista deve haver uma experiência de religião no coração por meio da obra do Espírito Santo no interior. Na Igreja Católica apanham-se os membros na infância, que são confirmados quando atingirem a idade da responsabilidade.

2. Uma Igreja Onde Os Crentes São Batizados.

O segundo sinal da Igreja de Jerusalém é que somente crentes são batizados. “De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a palavra”. Atos 2:41.

Não se arquiva aqui, nem em nenhum outro lugar da Bíblia onde o batismo fosse jamais administrado a qualquer um que não fosse crente. Filipe disse ao eunuco: “É lícito (ser batizado), se crês de todo o teu coração”. Atos 8:37. É assim mesmo na Igreja Batista. A Igreja Católica, todavia, é constituída quase inteiramente dos que foram batizados na infância, para cuja prática não há base escriturística.

3. O Batismo Era Administrado Somente por Imersão.

Um terceiro sinal da Igreja de Jerusalém é que o batismo era administrado somente por imersão. Isto não carece de argumento: todos os eruditos o admitem.

Os católicos admitem que eles mudaram a ordenança do batismo no século quarto, porque a aspersão é mais conveniente. Cito “*A Fé de Nossos Pais*”, pgs 316 e 317, que é de autoridade católica.

“Por vários séculos depois do estabelecimento do cristianismo o batismo era usualmente conferido por imersão: mas, desde o século doze o batismo por infusão prevaleceu na Igreja Católica. O batismo é o meio essencial estabelecido para lavar a mancha do pecado original e a porta pela qual achamos admissão na igreja. Daí o batismo é tão essencial para a criancinha como para o adulto. As crianças não batizadas estão excluídas do reino do céu. O batismo nos faz herdeiros do céu e coherdeiros com Jesus Cristo”.

John Wesley, no seu comentário a Romanos 6:4, onde Paulo diz: “De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo”, nota: “Isto se refere ao modo antigo de batismo, o qual era por imersão”. Assim dizem todos os eruditos. Este sinal, portanto, é idêntico ao de uma Igreja Batista e diferente do da Igreja Católica.

4. Somente Crentes Batizados Vinham à Mesa do Senhor.

O quarto sinal da Igreja de Jerusalém é que somente crentes batizados vinham à mesa do Senhor. “De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a palavra (os que tinham crido e sido batizados); e naquele dia agregaram-se quase tres mil almas, e perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e *no partir do pão*, e nas orações”. Atos 2:41-42. Este sinal da Igreja de Jerusalém é idêntico ao de uma Igreja Batista no seu ensino. Uma asserção principal da fé batista tem sido sempre que só os escriturísticamente batizados podiam vir à mesa do Senhor. Por amor de Cristo elas tem permanecido nesta verdade escriturística, ainda que por assim fazerem signifique serem mal-entendidos e serem chamados de egoístas e estreitos por outras denominações.

5. A Igreja de Jerusalém era uma Democracia Pura.

O quinto sinal da Igreja de Jerusalém é que era uma democracia pura. Não havia autoridade eclesiástica sobre eles, nenhum papa, nenhum bispo. A palavra “bispo” na Bíblia é usada intermutavelmente com as palavras “ancião”, “presbítero” e “pastor”. 1 Pedro 2:25, Tito 1:7, 1 Timóteo 3:12, Filipenses 1:1. A Igreja de Jerusalém elegia os seus próprios oficiais, chamava os seus próprios pastores, presbíteros ou bispos, como são variamente chamados, tendo um membro tanta autoridade na igreja como outro. Assim tem sido sempre numa Igreja Batista e assim não é na Igreja Católica.

Logo, como entre estas duas pretendentes, concluímos:

1. Que a igreja visível que Cristo estabeleceu era uma Igreja Batista.
2. Que ela tem vindo através dos séculos e está no mundo hoje.
3. Que a ela foram dadas as ordenanças para guardar e a ela só.
4. Que outros que presumem iniciar igrejas e administrar as ordenanças assim fazem sem autoridade divina.

É nossa firme convicção, independentemente de quanta verdade e erro inerem nas organizações, que José Smith tem tanto direito de começar uma igreja como Alexandre Campbell, João Wesley, Henrique VIII, João Calvino, Mrs. Eddy ou Martinho Lutero. Nossa

contenção é que nenhum deles teve o direito. A afirmação de Campbell, que até ele começar a reforma a linha de sucesso estava com os batistas, era verdadeira e ainda é. Com eles tem sempre ficado, como os historiadores citados afirmam, e ainda fica, a autoridade para batizar e pôr a mesa do Senhor. Afirmamos que esta questão de *autoridade* deve ser resolvida antes de podermos ter uma definição do batismo e da Ceia do Senhor. *A imersão de um crente em água*, portanto, não servirá como uma definição de batismo, algo mais que tomar pão e vinho no lar constitui a celebração da Ceia do Senhor. Devem ser administrados, batismo e Ceia do Senhor pela devida autoridade antes que seja batismo, antes que seja Ceia do Senhor. Os anabatistas estavam direitos e os modernos batistas leite e água, que de contínuo publicam definições que negligenciam a questão de autoridade, estão errados. Todos os fatos das Escrituras mostram (e estes fatos são atestados pelos fatos da história) que Cristo estabeleceu uma igreja visível, entregou-lhe as ordenanças; que esta igreja vem descendo através dos séculos; que era uma Igreja Batista; que, imperfeita como era no princípio, imperfeita como é hoje, mesmo como um vaso de barro que levamos à fonte, serve para carregar a água doadora de vida; ainda que imperfeita como era, esta organização imperfeita tem guardado e conservado as ordenanças e as doutrinas, passando-as à posteridade, a despeito da apostasia de Roma, a despeito das perseguições, a despeito de todas as forças do maligno, e isto continuará a fazer até que Jesus venha.

Agora, se tu, meu leitor, por um estudo cuidadoso da questão com esses fatos na tua frente, pondo de lado todo prejuízo, contudo creres deve unir-te a uma Igreja Batista e receber batismo batista dado que tenhas crido para salvação de tua alma. Se tu não o creres então é teu dever procurar a Igreja que Cristo estabeleceu e unir-te com essa igreja. Não te satisfaças com menos do que isso.

“Meu Senhor, acho que nada mais servirá,
Senão seguir onde Tu guias, sentar-me aos Teus pés,
E quando não te acho, corro ainda para Te encontrar.
As rosas são sem perfume, sem esperanças as manhãs,
O descanso não é senão trabalho, o riso crepitantes espinhos,
Se as verdades Tu não as fizeres verdadeiras.
Tu és minha vida, ó Cristo, e nada mais servirá”.

CAPÍTULO 4 - O ADMINISTRANTE E A IGREJA APOSTÓLICA

Vimos como Cristo pôs ênfase no administrante, andando cem quilômetros até João, o Batista, para ser batizado; como mais tarde o fez também por confiar a ordenança aos Seus discípulos. João 3:22 diz: “Depois disto foi Jesus com seus discípulos para terra da Judéia; e estava ali com eles, e batizava”. João 4:2 reza: “(Ainda que Jesus mesmo não batizava, mas os seus discípulos”. Estas duas passagens não são contraditórias: dão-se para enfatizarem como Jesus confiou a ordenança do batismo aos Seus discípulos, dando-lhes autoridade para batizarem. O mesmo fato que Ele deu esta autoridade aos Seus discípulos infere que aqueles que não eram Seus discípulos não tiveram a autoridade e, se não tiveram a autoridade de Cristo, como podiam batizar? Outra vez, quando Cristo deu aos Seus discípulos a grande comissão, nela achamos o mandamento para batizar. Esse mandamento implica que os que não eram discípulos não tiveram a autoridade para batizar e, portanto, o seu batismo não é batismo válido. A questão toda de *Imersão Estranha* é uma questão de autoridade. Um oficial da lei em virtude do seu ofício, tem o direito e o dever de fazer certas coisas. O delegado de polícia tem o direito de prender um homem ou a qualquer a quem ele delegue poderes. Isto vem em virtude do seu ofício. Agora, a igreja que Jesus edificou teve a si cometida duas ordenanças por Cristo, o batismo e a Ceia do Senhor. Se Ele deu estas ordenanças a Sua igreja, não a deu a qualquer organização fora e além de Sua igreja que, quando presume batizar ou administrar a Ceia do Senhor, está agindo sem autoridade e, portanto, o seu ato é inválido. Em todos os dias apostólicos não temos um só caso de imersão estranha. A razão disto é simples. Os crentes todos pertenciam a um corpo, a igreja de Cristo. Não foi senão duzentos anos depois do nascimento de Cristo que a questão de imersão estranha surgiu, quando também heresias que causaram divisões na igreja, como veremos em o nosso próximo capítulo.

Mas, pergunta-se: “E sobre Filipe? Onde obteve ele autoridade para batizar. Os samaritanos e o eunuco?” Filipe era membro da igreja de Jerusalém e estava agindo diretamente sob o comando do Espírito Santo; logo, o seu batismo era regular.

E outra vez, alguém mais pergunta: “E sobre o batismo do centurião?” É este um outro caso de batismo regular, pois Pedro também estava agindo sob o comando direto do Espírito Santo e ele também levou consigo irmãos de Jope e quando o centurião se converteu, Pedro pôs a votos a questão do seu batismo, dizendo: “Pode alguém porventura recusar a água, para que não sejam batizados estes, que também receberam como nós o Espírito Santo?” Atos 10:47. E sobre o batismo de Paulo? É um outro caso de batismo regular. Ananias estava agindo diretamente por ordem de Jesus. Ouvi as Escrituras.

“E havia em Damasco um certo discípulo chamado Ananias; e disse-lhe o Senhor em visão: Ananias! E ele respondeu: Eis me aqui, Senhor. E disse-lhe o Senhor: Levanta-te, e vai a rua chamada Direita, e pergunta em casa de Judas por um homem de Tarso chamado Saulo; eis que ele está orando; e Ananias foi e entrou na casa e, impondo-lhe as mãos, disse: Irmão Saulo, o Senhor Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, enviou-me, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo. E logo lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e recuperou a vista; e, levantando-se, foi batizado”. Atos 9:10-11, 17-19.

Notareis que era um discípulo de Jesus, esse Ananias, e por Jesus foi enviado para batizar a Paulo. E é sempre assim na Palavra de Deus: ninguém batiza sem autoridade divina, dada por Cristo, ou pelo Espírito Santo, ou pela Igreja que Jesus edificou. Pode alguém, dizer que Filipe, ou Pedro, ou Ananias não tiveram a autoridade para batizar quando a autoridade lhes foi diretamente dada por Deus por meio do Espírito Santo ou Cristo mesmo? Por outro lado, pode alguém pretender porque *eles se* deram autoridade, *qualquer um* que apareça dizendo-se autorizado, dela se reveste e pode administrar batismo válido? José Smith, da seita dos mormons, reclama-a. Reconhecê-lo-emos? Outros que iniciaram igrejas assim chamadas reclamam-na. Reconhecemos sua pretensão? Roma apóstata reclamou-a por causa dessa pretensão, em consequência dela, lançou a morte a mais de um milhão de anabatistas que lhe negaram a demanda.

Cremos que José Smith teve tanto direito de começar uma igreja e administrar as ordenanças como os católicos, ou como quaisquer das várias corporações protestantes que se originaram dos Católicos e obtiveram o seu batismo dos católicos. Os remotos, maçons, cavalheiros de Pitas têm tanto direito de batizar como qualquer corporação que não for a igreja de Cristo.

Outra vez, quando admitimos que eles são uma igreja de Cristo, eles não só têm o direito de batizarem senão também o de administrarem a Ceia do Senhor e fazerem qualquer coisa mais que a igreja de Cristo tem autoridade para fazer.

Leitor, crêdes que a igreja mormom com toda a sua heresia é uma igreja de Jesus Cristo e que Cristo deu a José Smith a autoridade de batizar assim pondo sua aprovação na fé mormom e sua poligamia? Mas, se negais a José Smith o direito à sua heresia, que fareis a

todos os outros com suas heresias, tais como pedobatismo, salvação batismal e pretendendo que a igreja é maior do que a Palavra de Deus, que tinham o direito de mudar a Palavra de Deus ao seu talante e conveniência, que através dos séculos têm negado liberdade de consciência e o direito de se adorar a Deus como a consciência ditou, que, por causa da fé alheia, passou à espada e queimou na pira todos quantos reclamaram o direito de adorar a Deus segundo sua própria consciência?

“Vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor escarlata, cheia de nomes de blasfêmias, tinha sete cabeças e dez chifres. E a mulher estava vestida de púrpura e escarlata, e adornada com ouro, pedras preciosas e pérolas; tendo na sua mão um cálice de ouro cheio de abominações e da imundícia da sua prostituição; e na sua testa estava escrito o nome: Mistério, a grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra”. Apocalipse 17:3-5.

“E vi a mulher estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus. E, vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração”. Apocalipse 17:6.

“Aqui o sentido, que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está sentada. E são também sete reis; ...”. Apocalipse 17:9-10.

“Estes combaterão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, porque é o Senhor dos senhores e Rei dos reis; vencerão os que estão com ele, chamados, e eleitos, e fiéis”. Apocalipse 17:14. Pensais que a esta mulher deu Cristo a autoridade para administrar o Seu batismo e pôr Sua mesa e levar avante Sua obra, a ela, trajada de escarlata, com a taça de ouro na sua mão cheia das abominações e imundícias de sua fornicção, que faz guerra ao Cordeiro?

O Dr. A. C. Dayton apresentou bem o argumento segundo esta moda: “Será concedido que o que quer que a Palavra de Deus disse das primeiras igrejas foi intencionado para nossa instrução. O que teria sido errado elas fazerem em vista dos ensinamentos de Cristo e dos apóstolos é errado nos fazermos como as igrejas de Cristo. Suponhamos, então, ter surgido este caso no tempo dos apóstolos e vejamos se não podemos achar algumas regras gerais firmadas pelas quais dito caso deve ser decidido de uma vez e facilmente”.

Essas primeiras igrejas, cremos, eram igrejas batistas, quer a respeito de sua organização como de suas doutrinas e suas ordenanças. Suponhamos agora que algum pregador entre elas tivesse principiado logo a aspergir crianças e insistir que isso foi o batismo que Cristo ordenou, que deixar de o fazer era um sinal contra Deus. Que instrução acharia a igreja na Palavra concernente a tal homem?

Não virariam para 2 Tessalonicenses 3.6: “Mandamo-vos, porém, irmãos, em o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo o irmão que anda desordenadamente, e não segundo a tradição que de nós recebeu”. E para Romanos 16.17: “E rogo-vos, irmãos, que noteis os que promovem dissensões e escândalos contra a doutrina que aprendestes; desviai-vos deles”. Que dever isto impõe a igreja? Não deve ela lançar fora de sua companhia a um tal? Não deve ela destituí-lo, a ele e aos seus atos oficiais? Sim! Se ele for um irmão, um membro da igreja batista e assim não ensinar, ela deve depô-lo do seu ministério e excluí-lo de sua comunhão. Nenhum batista duvida disto. Mas, agora, suponde que ele ajunta um bando dessa gente, aspergida em lugar de batizada quando eram criancinhas, e o organiza em sociedade e o chama igreja de Cristo, pela autoridade do bando, como seu ministro, pretenda conferir a ordenança do batismo aos crentes em nome de Cristo, e então insista que as igrejas que não podiam comungar com ele ou coonestar suas doutrinas, as igrejas que o tinham deposto e excomungado, reconheçam como legal e escriturística sua administração oficial das ordenanças de Cristo. A mesma lei que o repudiou e condenou como irmão, triplicadamente não o condenaria como líder de uma outra organização rival? Certamente, o que a igreja não pode tolerar num irmão não pode endossar e receber dele como estrangeiro! Nenhum homem de bom senso, que arrazõe sobre matérias religiosas da mesma maneira que sobre outras coisas jamais sonharia fazê-lo. Se as Escrituras o requeressem, nos teríamos julgado a Bíblia um livro estranho e contraditório.

No capítulo seguinte mostraremos como a igreja post-apostólica considerou esta matéria e como a igreja de Cristo continuou a considerá-la durante mil e trezentos anos até a reforma protestante e mesmo até a presente época. Estavam nossos pais enganados sobre a matéria, para batalharem pela fé uma vez entregue aos santos, ainda mesmo certos de tremendas perseguições que padeceram através dos séculos?

“Foram apedrejados, serrados ao meio, tentados, mortos a espada; peregrinaram em pelos de carneiro e bodes, sendo desamparados, aflitos e atormentados; (dos quais o mundo não era digno): errantes pelos desertos e montes, covas e cavernas da terra. E todos estes, tendo testemunho pela fé, não alcançaram a promessa, provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que sem nós não fôssem aperfeiçoados.

A IMERSÃO ESTRANHA E A IGREJA POST-APOSTÓLICA.

Foi aí uns duzentos anos depois do nascimento de Cristo e uns cento e setenta anos depois

que Cristo edificou Sua Igreja que a questão de *batismo estranho* acarretou uma divisão nas igrejas. No tempo de Paulo, antes do ano 100 A. D., questões morais e doutrinárias tinham já surgido para enfadarem a igreja. Em Corinto houve quem veio à mesa do Senhor para festar e se embriagar. Houve também a questão judaica da circuncisão. Mais tarde as heresias gnósticas se infiltraram sorrateiramente que vexaram a João, e a doutrina dos nicolaítas e Balaão, das quais Cristo previne a igreja em Pérgamo.

E agora, ao aproximarmos-nos do ano duzentos A. D., vemos igrejas que consideram outras igrejas como tão heréticas que não receberão o seu batismo, mas insistem em batizar todos que lhes venham de corporações heréticas. *Esta heresia não era aspersionem nem pedobatismo*. Estas últimas não surgiram mais de duzentos anos mais tarde. Orchard, o historiador, diz deste período: “Os historiadores deste período, nenhum deles menciona coisa alguma concernente ao batismo de crianças. Nem uma criança natural de qualquer descrição aparece como tendo sido batizada na igreja de Roma durante os primeiros três séculos e imersão foi o único método de se administrar a ordenança. Durante os primeiros três séculos as congregações cristãs por todo o oriente subsistiram em corporações separadas, independentes, não sustentadas por governos e, conseqüentemente, sem qualquer poder secular sobre a outra. Todo este tempo foram Igrejas Batistas. E conquanto todos os patrólogos dos primeiros quatro séculos, até Jerônimo, fossem da Grécia, Líbia e África; conquanto dessem grandes somas de histórias do batismo de adultos, não há menção sequer do batismo de uma criança até o ano 370 A. D”.

A luz desta história, paremos para fazermos a pergunta dos que contendem que a Igreja Católica Romana é a mais antiga. Onde estava a Igreja Católica Romana durante este período? Era simplesmente inexistente, mas houve sinais de sua formação na apostasia do cristianismo com a sua salvação batismal, suas superfetações eclesiásticas resultando em bispos regentes, perda da independência da igreja e, mais tarde, o surto do pedobatismo, brotando da doutrina de salvação batismal, aspersionem e derramamento, brotando do batismo infantil, até que Roma emergiu e por mais de mil anos perseguiu as verdadeiras igrejas de Cristo que sustentaram a fé apostólica.

Por este tempo, terceiro século A. D., furiosa controvérsia surgiu que durou por centenas de anos, até mesmo aos dias da reforma. Os que insistiam sobre rebatismo de todos que lhes vinham foram achincalhados de anabatistas, ou rebatizadores, nome que carregam com outros nomes por centenas de anos. Reuniram-se concílios da igreja e os anabatistas foram anatematizados e mais tarde excomungados quando Roma tomou o poder. Diz Neander: “Foi um bispo romano, Estevam que, instigado pelo espírito de arrogância eclesiástica, lavrou uma sentença de excomunhão contra os pastores da Ásia Menor, Capadócia, Galácia e Cilícia, estigmatizando-os como anabatistas, um nome, contudo, que eles podiam justamente afirmar que não mereceram por seus princípios, pois não era desejo deles administrar um segundo batismo, mas disputavam que o prévio batismo dado pelos hereges (outras seitas) não podia ser reconhecido como verdadeiro”. (Vol. 1, pgs. 318 e 319).

Não é para inferirmos que os que tomaram esta posição eram poucos em número. Contavam-se por milhares, e mais tarde, por causa de perseguição e inquisição espalharam-se quase que por todos os recantos da Europa Ásia e África. Conquanto levavam nomes diferentes, tinham uma característica comum entre outras; eram anabatistas, *os rebatizadores*.

Mosheim, historiador luterano, amargo inimigo dos batistas, tem isto a dizer dos anabatistas: “A verdadeira origem dessa seita, que adquiriu o nome de anabatista, por administrar de novo o rito do batismo aos que vinham à sua comunhão, está oculta nas remotas profundezas da antiguidade e, portanto, é extremamente difícil ser determinada”. Vol. IV, pag. 427.

O Cardeal Hosius, presidente do Concílio de Trento, diz: “Se a verdade da religião fosse para ser julgada pela prontidão e alegria que um homem em qualquer seita mostra no sofrimento, então a opinião e persuasão de nenhuma seita pode ser mais verdadeira e segura do que a dos anabatistas, uma vez que não houve nestes mil e duzentos anos passados ninguém que tenha sido mais geralmente punido, ou que tenha mais alegre e firmemente suportado e mesmo sacrificado nas mais cruéis espécies de castigo do que esta gente”..1560 A. D.

Em 1819 o Rei da Holanda indicou o Dr Ypeig, professor da teologia na Universidade de Groningam, e o Rev. J. J. Dermont, capelão do Rei, ambos cultos e membros da Igreja Reformada Holandesa, para redigirem uma história de sua Igreja. Eles o fizeram no volume autêntico que prepararam e publicaram em Breda em 1823, dedicam um capítulo aos batistas. Nele fazem esta afirmação: “Vimos agora que os batistas antigamente chamados anabatistas e nos últimos tempos menonitas foram os originais valdenses, que há muito na história da igreja receberam a honra dessa origem. *Por isto os batistas podem ser considerados como a única comunidade que ficou desde os apóstolos e como uma sociedade cristã conservou pura a doutrina do Evangelho por todos os séculos*”.

Estes escritores citados não eram batistas, mas proclamaram, após investigação, o que alguns de nossos batistas, joelhos fracos, negam a perpetuidade da igreja e a conservação da verdade evangélica em todos os tempos ainda que por tremendo custo.

Como resultado de sua investigação o governo da Holanda ofereceu as igrejas batistas do reino o sustento do Estado, mas leis aos princípios batistas eles declinaram disso. McClintock e Strong dizem: “O termo anabatista, ou rebatizador, está ligado com as controvérsias do terceiro século. Na Ásia Menor e na África, onde por muito tempo rugiu amargamente o espírito de controvérsia, o batismo só foi considerado válido quando administrado na igreja ortodoxa. Tão alto foram as disputas sobre a questão, que dois sínodos (concílios) se convocaram para investigá-la, um em Icônio e outro em Sinada da Frígia, os quais confirmaram a opinião da invalidade do batismo herético. Da Ásia passou a questão à África do Norte. Tertuliano concordou com a decisão dos concílios asiáticos em oposição à prática da igreja romana. Agripino convocou um concílio em Cartago, o qual chegou a uma decisão semelhante aos da Ásia. Assim ficou a matéria até Estevam, bispo de Roma, provocado pela ambição, que procedeu a escomungar os bispos (pastores) da Ásia Menor, Capadócia, Galácia e Cilícia, aplicando-lhes os epítetos de rebatizadores e anabatistas”. A. D. 253, Vol. I, pg. 210.

Diz Mosheim: “Eles adquiriram o nome Ana-batistas por administrarem de novo o rito do batismo aos que vinham à sua comunhão; rebatizaram todos os que deixavam outras igrejas cristãs para abraçarem sua comunhão”. Mosheim, História da Igreja, Vol. II, pgs. 127 e 296.

Estas autoridades que temos citado não são batistas, mas são historiadores e como historiadores afirmam que, desde os apóstolos, tem havido os que se postaram pela verdade e a conservaram, recusaram receber de outras seitas os que tinham sido imergidos, porque não consideravam a seita que os batizou como tendo autoridade para assim fazer. Não é para inferirmos que os que assumiram esta posição eram poucos: eram contados aos milhares e, mais tarde, por causa de perseguição e inquisição, espalharam-se por quase todos os países da Europa, Ásia e África. Conquanto levassem diferentes nomes, tinham uma característica comum entre outras, foram os anabatistas, *os rebatizadores*. Nos capítulos seguintes estudaremos estas seitas que brotaram em muitos países dando os nomes que levaram, seus ensinamentos suas características e, acima de tudo, como um toda a parte foram conhecidos e denominados *anabatistas*, porque recusaram aceitar como válido o batismo realizado por hereges, como consideravam a igreja romana, ou aqueles cuja heresia mais tarde resultou na Igreja Romana. Com vergonha pensamos em alguns hoje que recusaram permanecer pela “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” e urgiríamos por uma nova consagração ao sentimento expresso no hino: “Fé de nossos Pais”.

CAPÍTULO 5 - HERESIAS POST-APOSTÓLICAS

Antes de tornar as várias seitas espalhadas em diferentes países, levando nomes diferentes, mas todas aderindo àquele um princípio, oposição a *batismo estranho*, podia ser bom dar um capítulo às doutrinas heréticas do terceiro século que levaram à controvérsia sobre imersão estranha.

Estamos certos de que o leitor gostaria de saber o que foram essas heresias e nós faremos o mais possível para o esclarecer, conquanto haja muita obscuridade a respeito desta matéria na história e o testemunho a ela concernente é mais ou menos fragmentário.

Diremos, contudo, de início, o que já dissemos (e o que não pode ser dito demais) que *não foi o batismo infantil e não foi a aspersão. Em outras palavras, ela não se apegou à qualificação do candidato, nem ao modo de batismo, sobre o qual alguns de nossos líderes batistas têm tanto a dizer hoje, mas à questão de autoridade, ou à justeza do administrante.* Essas igrejas post-apostólicas recusaram receber de outras igrejas assim chamadas os que por elas tinham sido batizados, se as consideraram (as igrejas) como tendo desertado da fé. Quais foram as heresias a que elas fizeram objeção?

Uma delas, é estranho dizer, foi a heresia de quase todas as seitas hoje, *salvação baptismal*. Logo no terceiro século esta doutrina ruinosa começou de invadir as igrejas post-apostólicas. Ela tornou-se matéria de disputa entre os patrólogos ante-nicenos.

Tertuliano, que viveu de 145 a 220 A. D., ensina a salvação antes do batismo. Ao falar da igreja lidando com crianças, diz: “Os que por seu ofício sabem que o batismo não é para ser administrado estabranadamente, deixai-as (as crianças) tornarem-se cristãs quando elas chegarem a poder conhecer a Cristo”. Vol. III, pgs. 677 e 678.

Cipriano, pelo contrário, que viveu um pouco mais tarde, mas contemporâneo de Tertuliano durante o final de sua vida, afirmou que o segundo nascimento está no batismo. Vol. IV, pg. 388.

O Dr. J. T. Christian, na sua história deste período, diz: “O ponto de partida teve, provavelmente, sua maior expressão na *salvação baptismal* e a tendência de algumas igrejas para o *episcopado*, fora da simplicidade democrática”. História dos Batistas, pg. 27.

E outra vez O Dr. Christian diz: “Um dos erros mais antigos e prejudicialíssimos foi o dogma da regeneração baptismal. Este erro corrompeu de uma forma ou outra a vida e coloriu a história de todos os séculos cristãos. Começou cedo e o vírus pode ser traçado até este dia, não entre os ritualistas, mas de igual modo nos padrões dos cristãos evangélicos. Por ele foi Tertuliano levantado para opor-se ao batismo infantil e sob outras condições veio a ser a origem dessa heresia”. Pg. 28.

Neste período o Dr. Christian se refere à tendência de algumas igrejas para o episcopado e fora da simplicidade democrática. A este respeito diz Orchard na sua História dos Batistas: “O oficial primeiramente conhecido pelo nome de ancião, bispo ou presbítero (termos exatamente sinônimos em o Novo Testamento) veio a ser agora diferenciado pela elevação do bispo acima dos seus irmãos e cada um dos termos supra foi transferido para uma distinção de lugares na igreja cristã. O ministro, cuja congregação aumentou dos suburbios de sua cidade e da vizinhança em redor, considerava as partes das quais o seu cargo emanou, como territórios de sua autoridade, e todos aqueles presbíteros eram enviados por ele às estações imediatas para dirigirem os cultos vespertinos ou outros serviços, reconhecendo o pastor do interesse matriarcal, como bispo do distrito esta ideia de pastor, ligado com o seu encargo do batistério, deu importância a sua estação e ofício os quais vincularam um mal.

“Associações de ministros e igrejas, as quais primeiro se formaram na Grécia, tornaram-se comuns por todo o império. Essas uniões mútuas para direção de negócios espirituais, levaram à escolha de um presidente, o que ajudou na distinção entre ministros da religião. Nesses tempos degenerescentes os homens ambiciosos viram-se em variadas alturas, conseqüentemente, seguiram-se ciúmes, ambições e atritos com toda a obra má. Tendo o ministro o maior interesse cristão sob sua superintendência, outro cuja utilidade no interesse cristão tem sido evidente e um terceiro cujos talentos populares declamatórios o ergueram à aprovação geral, levaram a distinções e estações superiores que por fim investiram o ministro metropolitano. Lugares de distinção a que ministros eram elegíveis, promoveram os ambiciosos ao uso de todo pretexto para ganharem a posição ascendente; e toda parte da Palavra de Deus com todo exemplo escriturístico para sustentarem tais distinções e procedimentos foram citados, fomentados e praticados”.

Diz o historiador Mosheim:

“Os bispos (pastores) aspiravam agora a maiores graus de poder e autoridade do que possuíam antes: não só violavam os direitos do povo como fizeram um arrocho gradual aos privilégios dos presbíteros para que pudessem cobrir suas usurpações com ar de justiça e aparência de razão, publicaram novas doutrinas tocantes à natureza da igreja e da dignidade episcopal. Um dos principais autores desta mudança no governo da igreja foi Cipriano, bispo

de Cartago, que pugnou pelo poder dos bispos com mais zelo e veemência do que jamais fora empregado nessa causa. A mudança na forma de governo logo se seguiu de um cortejo de vícios que desonraram o caráter e a autoridade daqueles a quem a administração da igreja estava cometida. Porque, conquanto diversos ainda continuaram a exhibir ao mundo ilustres exemplos da primitiva piedade e virtude cristãs, muitos outros se afundaram na luxúria e voluptuosidade, inchados de vaidade, arrogância e ambição, possuídos de um espírito de contenção e discórdia, dados a outros vícios que lançaram uma merecida censura sobre a santa religião, da qual eles eram professantes e ministros indignos.

Os bispos assumiram em muitos lugares principesca autoridade, principalmente aqueles que tinham maior número de igrejas sob sua jurisdição e que presidiam as mais opulentas assembleias. As suas funções evangélicas agregavam as esplêndidas insígnias de magestade imperial. Um trono cercado de ministros exaltado sobre seus iguais era o servo do manso e humilde Jesus; trajos suntuosos ofuscavam a vista e a mente da multidão numa veneração arrogante à sua autoridade arrogante.

Os exemplos dos bispos eram ambiciosamente imitados pelos presbíteros, os quais negligenciando a santidade do seu estado, abandonavam-se a indolência e delicadeza de uma vida efeminada e luxuriosa. Os diáconos, contemplando os presbíteros na deserção de suas funções, ousadamente usurpavam seus direitos e privilégios e os efeitos de uma ambição corrupta espalharam-se por todas as câmaras da ordem sagrada. Os deveres do santuário, conseqüentemente, devolvidos a novos oficiais, fâmulos indicados para o tralhalho de bispos e presbíteros ociosos. Adicionaram-se cerimônias pelos bispos para agradarem à multidão ou aos possuidores imediatos do poder, prevalecendo uma disposição para acomodar a religião de Jesus ao gosto dos pagãos”. Vol. II, pag. 286.

Contrasta com este quadro de uma igreja corrompida aquele de uma igreja pura a nós dado na *Epístola e Diogneto*, escrita no segundo século: “Os cristãos não se distinguem de outros homens por país, por língua, nem por instituições civis, pois por si mesmos não moram nem em cidades, nem usam uma língua peculiar, nem levam um modo singular de vida: moram na Grécia ou nas cidades bárbaras, conforme for o caso. Seguem os costumes do país na alimentação, vestidos e outros negócios da vida; todavia, apresentam uma conduta admirável e confessadamente paradoxal. Habitam na sua terra própria e nativa, mas como estrangeiros. Em tudo tomam parte como cidadãos. Sofrem tudo, mas como estrangeiros. Cada país estrangeiro é uma pátria para eles e cada terra nativa é estranha.

“Casam como todos os outros, tem filhos, mas não renegam sua prole. Tem sua mesa em comum, mas não esposas (em comum). Estão na carne, mas não vivem segundo a carne. Vivem sobre a terra, mas são cidadãos do céu. Obedecem as leis vigentes e pelas suas vidas excedem as leis. Amam a todos e por todos são perseguidos. São desconhecidos e contudo são condenados. São mortos e feitos vivos. São pobres e enriquecem a muitos. Falta-lhes tudo e em tudo abundam. São repreendidos e se gloriam nas repreensões. São caluniados e são justificados. São amaldiçoadas e bendizem. Recebem escárnio e dão honra. Fazem a bem e são punidos como malfeitores. Quando punidos, regosijam-se como sendo feitos vivos”.

“São atacados pelos judeus como estranhos e perseguidos pelos gregos, não podendo os seus inimigos dizerem a causa da inimizade. Em suma, o que a alma é para o corpo, assim os cristãos no mundo. Está a alma difusa por todos. Os membros do corpo e os cristãos estão espalhados pelas cidades do mundo. A alma habita o corpo, mas não é o corpo, assim os cristãos residem no mundo, mas não são do mundo. A alma, invisível, vigia o corpo visível; assim também os cristãos se vêem vivendo no mundo, porque sua piedade é invisível. A carne odeia e guerreia contra a alma, não padecendo dano dela mas porque resiste prazeres carnaís; e o mundo odeia o cristão sem razão, mas eles resistem a seus prazeres.

“A alma ama a carne e os membros, pela qual é odiada, assim os cristãos amam seus odiadores. Fechada está a alma no corpo, mas sustenta o corpo unido; assim os cristãos estão detidos no mundo como uma prisão, mas contém o mundo. Imortal, a alma mora no corpo mortal assim. Os cristãos moram no corruptível, mas procuram, a incorrupção no céu. A alma é a melhor para a restrição de comida e bebida e os cristãos aumentam ainda que punidos diariamente. Esta porção Deus designou aos cristãos no mundo e deles não pode ser tirada”.

O Pastor de Hermas escreveu como segue a respeito da crescente corrupção nas igrejas post-apostólicas: “Os costumes mundanizaram-se, relaxou-se a disciplina, a igreja é uma velha enferma, incapaz de ficar nos seus pés; regentes e regidos definham-se todos e muitos entre eles são corruptos, cobicçosos, esganados, hipócritas, rixentos, falsos, blasfêmos, libertinos, espias, renegados e cismáticos. Mestres dignos não faltam, mas há também tantos falsos profetas, vãos, cúpidos pelas primeiras sés, para os quais a maior coisa na vida não é prática da piedade e da justiça senão a luta para o posto de comando. Agora o dia da ira está perto a punição será temível; o Senhor dará a cada um segundo as suas obras”.

Quando lemos este contraste, seguramente, quando consideramos que já na igreja estava

crescendo a doutrina da regeneração batismal, que é hoje a maldição da corporação Católica Romana, e de quase todas, senão todas, as corporações pedobatistas, é qualquer maravilha que as igrejas primitivas, ardendo na fé e no zelo de Cristo, recusassem receber dessas corporações apóstatas os comungantes sem batizá-los, sustentando, como sustentaram, que o batismo não é só a expressão da fé do candidato, mas, mais particularmente, uma expressão da fé da corporação que administra o batismo?

CAPÍTULO 6 - SURTO DOS ANABATISTAS

Vimos agora para estudar as seitas que surgiram em seguida do período dos patrólogos ante-nicenos que levaram diferentes nomes, mas das quais todas tiveram uma característica comum: sua oposição ao recebimento do batismo executado por hereges e daí denominadas pelos historiadores os rebatizadores.

Há duas opiniões erradas sobre essas seitas: uma é que eram poucas em número e a outra é que sua história é obscura, pelo que pouco sabemos delas. Nenhuma dessas concepções é verdadeira. Só de uma seita, está calculado pelos historiadores, um milhão foi posto a morte pela Igreja Católica Romana e oitocentos mil foram tocados para outros países para buscarem um refúgio da perseguição; e, enquanto haja muita obscuridade e muito gostaríamos de saber, todavia há volumes de história destes mil quatrocentos anos, dos patrólogos à reforma, que recontam os feitos desta gente temente a Deus e perseguida em quase todos os países do mundo. Da massa desta evidência acumulada só podemos dar aqui pequena parte, mas suficiente para mostrar que através de todas as épocas esses batistas ou anabatistas, como foram chamados, por seus inimigos, foram leais à fé e recusaram, mesmo pelo preço do martírio, receber nas suas igrejas a imersão estranha.

MONTANISTAS

Primeiro, vejamos os *Montanistas*. Receberam o seu nome de Montano, que era um frígio e viveu aí por 156 A. D. Insistiram em que os que tivessem decaído da verdadeira fé deveriam ser batizados de novo. Diz Schaff-Herzog: “Não era um novo cristianismo: foi um recobro do velho”. Por isto foram cognominados anabatistas. Vol. II, pag. 427. O movimento espalhou-se rápido pela Ásia Menor, África do Norte e também Roma. Contra eles reuniram-se concílios da igreja, foram condenados, mas continuaram por séculos e foram conhecidos por outros nomes. Eusébio, pag. 229, nota 1.

No ano 722 A. D. ainda existiam. Teofino, pag 722.

NOVACIANOS

Os novacianos surgiram aí por 250 A. D. Por causa da pureza de suas vidas foram chamados os *cathari*, os puros. Rebatizavam a todos que lhes vinham dos católicos romanos. Mosheim, Vol. I, pag. 203. Em períodos mais tarde foram chamados anabatistas. Robinson's Researches, pag 127.

Orchard diz: “As igrejas assim formadas sobre o plano de comunhão restrita e rígida disciplina obtiveram a alcunha de puritanos. Foram a corporação mais antiga de igrejas cristãs das quais temos qualquer notícia, e uma sucessão delas, provaremos, continuou até hoje. Tão cedo como no ano 254 esses dissidentes são acusados de terem infeccionado a França com as suas doutrinas, o que nos ajudará no estudo das igrejas albigenas”. Alix's Piedmont Cap. 17, pag..176.

Orchard diz mais adiante “Estas igrejas existiram por sessenta anos sob um governo pagão, durante cujo tempo os velhos interesses corrotos em Roma, Cartago e outros lugares não possuíam meios senão os da persuasão e da censura para pararem o progresso dos dissidentes. Durante este período as igrejas novacianas foram muito prósperas e foram plantadas por todo o império romano. É impossível calcular o benefício do seu serviço a humanidade. Conquanto rígidos na disciplina, cismáticos no caráter, foram achados extensivos e numa condição florescente quando Constantino subiu ao trono em 306 A. D.

Na conclusão do quarto século tinham os novacianos tres ou quatro igrejas em Constantinopla, assim como em Nice, Nicomédia, Cocíveto e Frígia, todas elas grandes e extensivas corporações, além de serem muito numerosas no império ocidental. Havia diversas igrejas em Alexandria no século quinto. Aqui Cirilo, ordenado bispo dos Católicos Romanos, trancou as igrejas dos novacianos. Elas despertaram a ira dos Católicos Romanos porque rebatizavam quem lhes vinha dos católicos. Foi lavrado um édito em 413 pelos imperadores Teodosio e Honório declarando que todas as pessoas rebatizadas e os rebatizadores seriam punidos com a morte. Conformemente, Albano, zeloso ministro com outros foi assim punido por batizar. Como resultado da perseguição nesse tempo muitos abandonaram as cidades e buscaram retiro no país e nos vales do Piemonte, onde mais tarde foram chamados valdenses.

DONATISTAS

Os donatistas surgiram na Numídia em 311 A. D. e espalharam-se pela África. Donatistas e novacianos eram muito perto de idênticos na doutrina e na disciplina. Crispim, historiador francês, diz deles que concordavam: “Primeiro, pela pureza dos membros da igreja, por afirmarem que ninguém devera ser admitido na igreja senão tais como verdadeiros crentes e santos reais. Secundariamente, pela pureza da disciplina da igreja. Terceiramente, pela independência de cada igreja, Quartamente, eles batizavam outra vez aqueles cujo primeiro

batismo tinham razão de por em dúvida”. Foram, conseqüentemente, alcunhados rebatizadores, anabatistas.

Osiander diz que os nossos modernos anabatistas foram a mesma coisa que os donatistas da antiguidade. Fuller, historiador da Igreja Inglesa, afirma que os batistas na Inglaterra no seu tempo (de Fuller) foram donatistas remergulhados. Robinson declara que eram anabatistas trinitários. Tornaram-se tão poderosos que a corporação católica invocou o interesse do imperador Constantino contra eles, pelo que os donatistas inquiriram: “Que tem o imperador a ver com a igreja? Que têm os cristãos a ver com o rei? Que tem os bispos a ver no tribunal”. Pela morte de Constantino em 337, Juliano subiu ao trono e permitiu aos donatistas voltar. Cresceram rapidamente, até que, conforme com Orchard, tornaram-se quase tão numerosos como os Católicos Romanos. Jones diz, na sua Conferência Eclesiástica, Vol. I, pag. 474: “Rara era a cidade ou vila na África em que não houvesse uma igreja donatista”.

Optato, bispo de Mela, cidade de Numídia, escreveu um livro contra os donatistas, livro em que os acusa de rebatizarem Católicos Romanos como se fossem pagãos e afirma, em oposição às idéias dos donatistas, que “todos os homens que vêem ao mundo, ainda que nascidos de pais cristãos, estão cheios de um espírito imundo, que deve ser tângido pelo batismo”.

Diz Orchard a respeito da perseguição dos donatistas por Honório e Teodosio, imperadores do Oriente e Ocidente: “Lavram um édito decretando que os filhos e as pessoas rebatizadas deveriam ser punidos com a morte, incluindo os rebatizadores. Em consequência desta cruel medida seguiu-se o martírio. Nota Gibbon que trezentos bispos (pastores), com muitos milhares de clero inferior foram arrancados de suas igrejas, destituídos de suas profissões eclesiásticas, banidos para as ilhas, proscritos pela Lei se presumissem esconder-se nas províncias da África”. Decline and Fall, Mod. Lib. Vol. I, pag. 1189.

Agostinho diz aos donatistas: “Vós, donatistas, dizeis os que vêem a vós são batizados na igreja impura por hereges, mas a validade do batismo depende da autoridade de Deus, não da bondade ou santidade da pessoa que oficia”.

No quinto século os donatistas entraram em conflito com a Igreja Católica não só sobre a questão da imersão estranha senão também sobre o batismo infantil, que surgiu por aquele tempo, brotando naturalmente da falsa doutrina de salvação baptismal. Disto, Long, o historiador, diz: “Eles não só rebatizavam adultos, que lhes vinham, mas recusavam batizar criancinhas, contrários a prática da Igreja Católica. History of Donatists, pag. 103.

Em 415 A. D., Agostinho reuniu noventa e dois ministros em concílio e promulgou o seguinte manifesto: “Que é nossa vontade que todos aqueles que afirmam que as criancinhas recebem a vida eterna, conquanto pelo sacramento do batismo não são renovadas; que não querem que as criancinhas recém-nascidas do ventre de suas mães sejam batizadas para tirarem o pecado original seja anátema”.

Outra assembléia no mesmo ano, em Cartago, decretou: “Queremos que quem quer que negue que as criancinhas livram-se pelo batismo da perdição e se salvam eternamente, seja amaldiçoado”.

Em seguida a esses éditos vieram perseguições e os donatistas foram dizimados e espalhados. Presume-se que muitos deles emigraram para a Espanha e Itália, misturaram-se com os pagãos no interior da África, levando com eles onde quer que fossem as sementes da verdade e a fé da igreja apostólica.

CAPÍTULO 7 - OS PAULICIANOS

Estas igrejas foram de origem apostólicas e plantadas na Armênia no primeiro século, espalhadas pela Mesopotâmia e Pérsia. Delas foi a forma primitiva de cristianismo. Um livro dos paulicianos, *A Chave da Verdade*, diz: “Submetamo-nos então humildemente a santa igreja universal. Como aprendemos do Senhor da igreja universal e apostólica, assim procedemos e estabelecemos na fé perfeita os que não têm o santo batismo, logo, conforme com a Palavra do Senhor, devemos primeiro trazê-los à fé, induzí-los ao arrependimento e dar-lhes o batismo”.

Ao comentar isto, Adeney, o historiador, diz: “Portanto, é perfeitamente arguível que eles deveriam ser considerados sobreviventes de um primitivíssimo tipo de cristianismo. Antigos, batistas orientais, este povo foi em muitos sentidos protestantes antes do protestantismo”.

Não consideravam as pessoas de outras comunhões como pertencentes a igreja. As idéias batistas prevaleciam entre eles. Sustentavam que os homens devem arrepender-se e crer, batizando-se numa idade madura, único para admissão deles na igreja. Rejeitavam o batismo infantil. batizavam por imersão e *rebatizavam todos que vinham de outras comunhões*.

Quanto ao número deles e sua influência, cresceram e se espalharam em muitos países. Em 690 A. D., Constantino, mestre deles, foi morto por lapidação por ordem do imperador. Mais tarde, a imperatriz, Teodora, insistiu uma perseguição na qual cem mil na Grécia armeniana perderam suas vidas. No século nono revoltaram-se, derrubaram Miguel III, e estabeleceram na Armênia o estado livre de Teprice. Aqui qualquer um era livre para agir como a consciência lhe ditasse e daqui enviaram missionários a Bulgária, Bósnia e Sérvia. O estado de Teprice durou cento e cinquenta anos, quando foi devastado pelos sarracenos. Da Bulgária espalharam-se por toda a Europa, para o Sul da França e Itália. Na Itália misturaram-se com os habitantes da Lombardia e na França identificaram-se com os Albigenses, outra seita de anabatistas.

Deles diz o Dr. Christian: “Muitos historiadores, além de Gibbon, tais como Muratori e Mosheim, consideram os Paulicianos como os precursores dos Albigenses e de fato como o mesmo povo”.

O Dr. Conybeare, uma das mais altas autoridades do mundo na história pauliciana, diz: “A igreja (Romana) aderiu sempre a idéia de regeneração espiritual no batismo, ainda que, por batizar criancinhas há muito estultificou-se e abandonou a essência do batismo. De fato, o significado do batismo de Jesus, como é apresentado a Paulo e aos evangelistas, cedo se perdeu de vista pelas igrejas ortodoxas.

“As várias seitas da idade média, que, conhecendo-se a si mesmas simplesmente como cristãos, retiveram o batismo na sua forma e sentido primitivos, recusando firmemente reconhecer como válido o batismo de criancinhas das grandes igrejas ortodoxas ou perseguidoras. E como certamente tinham razão, tanto quanto a doutrina e a tradição servem para alguma coisa. Desnecessário dizer, as igrejas que há muito perderam o batismo genuíno, não podem ter mais sacramentos, nem sacerdócio e, rigorosamente falando, nem cristianismo se reentrassem só o pálio do Cristianismo deveriam voltar, não a Roma ou Constantinopla senão a alguns dos círculos obscuros de cristãos, maxime no Oriente, que nunca perderam a verdadeira continuidade do sacramento batismal. os paulicianos da Armênia, a seita dos Bogomils em redor de Moscou. Os batistas adultos entre os sírios do Tigre superior e talvez os Menonitas e as grandes comunidades batistas da Europa.”

De que é mesmo que o Dr. Conybeare está falando? Simplesmente isto, que a Igreja Católica Romana perdera o batismo, como contendem os anabatistas, e aquelas corporações pedobatistas, vindas de Roma e trazendo o seu batismo romano com elas, não têm o verdadeiro batismo.

Melhor argumento batista não podia ser feito, nem um que melhor pudesse censurar a imersionista estranho do joelho fraco do presente dia, que está pronto a tomar a imersão de qualquer fonte, administrada por alguém ou por ninguém, e chamá-la de batismo Pouco se importam que durante mil e quatrocentos anos antes da reforma nossos pais bateram-se por este princípio através de lágrimas, sangue e sacrifício: *o batismo deve ser administrado por alguém que tenha direito, agindo sob a direção e autoridade da igreja que Jesus edificou.*

A começar do primeiro século, vimos o surto dos paulicianos e no correr dos séculos temos dos historiadores a afirmação de como se espalharam por quase todos os países da Europa. Nas trevas dos séculos onze e doze sua influência foi sentida não só no Continente Europeu, mas na Inglaterra bem assim.

Deste período diz Orchard: “É indubitavelmente certo, dos mais autênticos arquivos, que um número considerável de paulicianos esteve estabelecido na Lombardia, na Insubria, mas principalmente em Milão, aí pelo meiado do século onze e que muitos deles levaram vida errante na França, na Alemanha e outros países, onde ganharam a estima e admiração da multidão pela sua santidade. Na Itália foram chamados Paterinos e Cataros. Na França foram

denominados Búlgaros, do reino de sua emigração, também Publicanos e *boni homines*, bons homens, mas foram principalmente conhecidos pelo termo Albigenses, da cidade de Albi, no Languedoc superior.

Da presença deles na Inglaterra o Dr. Christian tem isto a dizer: “Após o ano 1000 os paulicianos começaram a mostrar sua presença na Inglaterra. Em 1154 um grupo de alemães emigrou para a Inglaterra, tangidos ao exílio pela perseguição. Uma porção deles estabeleceram-se em Oxford. William Newberry conta do terrível castigo aplicado ao pastor Gerhard e o povo. Seis anos mais tarde outra companhia de paulicianos entrou em Oxford. Henrique II ordenou que fossem ferreteados na testa com ferros quentes, chicoteados pelas ruas da cidade, suas roupas cortadas até a cintura e enxotados pelo campo aberto. As vilas não lhes deviam proporcionar abrigo ou alimento e eles sofreram lenta agonia de frio e fome”.

Concluindo, diz Orchard: “Um sinal evidente de espírito apostólico possuído por este povo deve ser admitido por todos sem quaisquer fundos ou sociedades públicas para patrocinarem ou sustentarem a árdua empresa mais do que suas respectivas igrejas, ou paulicianos penetraram deste merosamente as partes mais bárbaras da Europa e foram desajudados e mal vistos ao conflito com toda a disposição de caráter. Em diversos casos foram mortos ou martirizados, não tendo em nada suas vidas contanto que pudessem promover a causa do seu Redentor”. Mosheim, Gibbon, Robinson, Jones e outros historiadores testificam de sua fé e zelo através dos séculos, testemunhando eles em cada país pela fé dos pais e selando o seu testemunho com o próprio sangue. E contudo uma centésima parte não se disse e não o será até que Jesus venha e os livros se abram que relembrem os justos feitos das verdadeiras testemunhas de Jesus.

CAPÍTULO 8 - ALBIGENSES E VALDENSES

Consideraremos estas duas seitas juntamente porque são inseparáveis, tanto quanto à sua origem como quanto à sua doutrina.

O Sul da França está separado do Norte da Espanha pelos alterosos Pirineus, os quais se estendem do Atlântico no Ocidente até ao Mediterrâneo no Oriente, numa distância de mais de duzentas milhas. Grandes gargantas e vales jazem em cada lado dessas montanhas por mais de cem milhas. Cenas de magnificente grandeza deleitam o olhar do viandante. Florestas revestem o lado montanhoso, enquanto os vales e colinas fornecem lã, vinho, linho e óleo aos que habitam esta deliciosa região.

Do lado espanhol está a província de Catalunha e do francês estão a Gasconha e o Languedoc.

Em capítulos anteriores mostramos como os novacianos, donatistas e paulicianos, por causa das perseguições de Constantino e outros, foram tangidos ao exílio, os que deles não foram postos à morte. Fugindo, nada mais natural que buscassem refúgio nos píncaros das montanhas, os Pirineus e os Alpes. “Aqui os celtas acharam abrigo, aqui os gôdos encontraram refúgio quando os sarracenos devastaram a Espanha”, diz Orchard.

Do lado francês dos Pirineus estava a pequena vila de Alby na província de Albigeo. Aqui chegaram os novacianos e donatistas, mais tarde os Paulicianos e ainda mais tarde os Valdenses. Como porém, sustentavam todas idéias idênticas, e em oposição à Igreja Romana, misturaram-se e fundiram-se num todo harmonioso, tornando-se conhecidos por Albigenses, da vila perto da qual moravam. Então o nome foi dado a outros de idéias iguais que habitavam nas províncias em redor. Quanto ao número deles, Orchard tem isto a dizer: “Pelo zelo e assiduidade de Gundulfo e Arnold na Itália, com Berenger, Pedro de Bruys e Henrique na França, os seguidores e discípulos desses reformadores tornaram-se bastante suficientes em número para excitarem alarma na Igreja Católica antes de Waldo de Lião aparecer como reformador. Em diferentes reinos foram conhecidos por nomes diferentes, supondo-se, nesses períodos terem montado a oitocentos mil em profissão.

O Dr. Allix tem isto a dizer do número deles: “Se concedermos oitocentos mil professos para os berênguios (albigenses) e darmos a cada profissão tres aderentes, estes dois números, oitocentos mil e dois milhões quatrocentos mil, fazem tres milhões e duzentos mil pessoas sustentando idéias evangélicas”.

Quanto as suas idéias, sustentavam não ser a comunidade Católica Romana uma igreja de Cristo. Eles, portanto rebatizavam a todos que lhes vinham dos Católicos Romanos. Rejeitaram o batismo de criancinhas depois que essa heresia surgiu. Não batizavam a ninguém sem uma profissão de fé pessoal.

O Dr. Christian, depois de citar Pedro Bruys em extenso, diz em conclusão: “Ver-se-á pelos trechos dados supra que Pedro de Bruys e seus discípulos rebatizavam e estavam, portanto, nos olhos dos seus oponentes, anabatistas”.

O distinto bispo de Meaux, grande controversista Católico Romano no tempo de Calvino, insulta a este como pretender Henrique e Pedro de Bruys na linha da sucessão apostólica e ajunta que todos os sabiam anabatistas, e o historiador Fabrício diz que eram naquela época.

E dos Valdenses? Eles estavam tão identificados com os Albigenses e com as outras seitas que foram constituir aquela corporação que é difícil distinguí-los. Uma coisa é certa: segundo suas próprias pretensões e a acusação dos seus inimigos mais rancorosos, e o testemunho dos historiadores, existiram centenas de anos antes de Pedro Waldo de Lião, cujo nome levam, advogar as idéias que os caracterizam.

Vimos em capítulo anterior como Constantino em 331 A. D., perseguiu os Novacianos. Seus livros confiscados, suas igrejas queimadas e eles mesmos proibidos de se reunirem. Como resultado dessas medidas opressoras muitos fugiram das cenas de sofrimentos para lugares mais apartados.

Cláudio Seyssell, o arcebispo papalino, traça o surto dos Valdenses a um pastor chamado Leo, que foi tangido de Roma neste período e achou refúgio nos Alpes. Estes vales e montanhas foram redutos naturais defendendo pelos séculos os contendores pela fé uma vez entregue aos santos. Quando Waldo veio no século doze, distinguido cidadão de Lião, abraçou as idéias desses espalhados Novacianos e outros que habitavam essas alturas montanhosas.

Corroborando essas idéias, não temos senão de nos referirmos aos historiadores, e os inimigos, desses mesmos Valdenses. Fisher, na sua história da Igreja Cristã, diz: “Eram do mesmo movimento geral que produziu os Albigenses”. Jones, na sua história da igreja, diz que eles eram chamados pelos nomes de cada um dos antigos partidos. Jacó Gretcher, Professor de Dogmática na Universidade de Ingolstadt, diz que a doutrina deles, disciplina, governo, maneiras e mesmo os seus erros mostram que Albigenses e Valdenses eram ramificações da mesma seita. Significativo é o depoimento de Raisero Sacchoni. Ele foi por

dezessete anos um dos mais ativos pregadores dos Cataros, ou Valdenses da Lombárdia. Mas tarde uniu-se a ordem dominicana e tornou-se acérrimo inimigo dos Valdenses, fazendo-o o Papa inquisidor da Lombárdia. Sua opinião é como segue: *“Entre todas as seitas não há mais perniciosa à igreja do que os Lionistas (Valdenses). Por tres razões: Primeira, porque é a mais antiga, pois alguns dizem que data do tempo de Silvestre, 325 A. D., outros aos tempo dos apóstolos. Segunda, é a mais largamente espalhada, porque dificilmente houvera um país onde não existam. Terceira, porque, se outras seitas horrorizam aos que as ouvem, os Lionistas, pelo coutrário, possuem uma grande aparência de piedade. Como matéria de fato, eles levam vidas irrepreensíveis perante os homens e no que respeita à sua fé, aos artigos do seu credo, são ortodoxos. Sua única falta é que blasfemam contra a igreja e o clero”*.

Que testemunho do seu inimigo, que a única falta deles era sua condenação de uma igreja corrupta e um clero ainda mais corrupto! Mas, que dizem eles mesmos de si? Há um documento chamado *The Noble Lessons* que dá suas próprias idéias de sua antiguidade. Diz: *“Não achamos em lugar algum nos escritos do Velho Testamento que a luz da verdade e da santidade fôsse em algum tempo completamente extinta. Sempre houve homens que andaram fielmente nas veredas da justiça. Sua quantidade tem sido em tempos reduzida a poucos, mas nunca se perderam. Cremos que o mesmo tem sido o caso desde o tempo de Jesus até agora e que assim será até o fim. Ela (a igreja) conservou por muito tempo a virtude da santa religião e segundo a história antiga, seus diretores viveram na pobreza e na humildade por uns tres séculos, a dizer, até ao tempo de Constantino. Sob o reinado desse imperador, que era leproso, houve um homem na igreja chamado Silvestre, romano. A este foi Constantino e foi batizado em o nome de Jesus Cristo e curou-se de sua lepra. O imperador achando-se sarado de uma moléstia repugnante, pensou que honraria ao que operara a cura conferindo-lhe a coroa do império. Silvestre aceitou-a, mas o seu companheiro, diz-se, recusou consentir, separou-se dele e continuou a seguir a vereda da pobreza.*

“Então Constantino foi embora para as regiões além do mar, seguido por uma multidão de romanos, e edificou a cidade à qual deu seu nome: Constantinopla. Desse tempo o heresiarca levantou-se para honra e dignidade e o mal multiplicou-se sobre a terra. Não cremos que a igreja de Deus se separou absolutamente da verdade, mas uma parte cedeu e, como se vê comumente, a maioria foi guiada para o mal enquanto a outra porção permaneceu por muito tempo fiel a verdade que recebera. Assim, pouco a pouco a santidade da igreja declinou”.

Tal é a opinião dos Valdenses mesmos quanto a sua origem. Da sua doutrina e prática, sustentavam que a comunidade Católica Romana não era uma igreja de Cristo; rebatizavam portanto, os que tinham sido batizados naquela comunidade e por esta razão foram chamados anabatistas.

Das suas idéias diz Orchard: *“Censuravam a fraude daqueles que se impuseram ao mundo por serem chamados Católicos. Citavam muitas passagens para provarem que uma igreja do Novo Testamento consistia somente de pessoas virtuosas nascidas da água e do Espírito Santo. Separavam-se dos católicos por causa da impureza de sua Igreja. Tomaram o Novo Testamento como regra de sua fé e prática. Assim estes cristãos batizavam pagãos e judeus e reimmergiam todos os católicos, não batizando a ninguém sem uma profissão de fé pessoal”*.

Para somar de uma vez toda a matéria citaremos outra vez Orchard: *“Os que foram antecessores dos Valdenses eram chamados Valdenses, Puritanos, Peterinos, Lionistas, Petrobrussianos, Arnoldistas, Berengários e Paulicianos, que eram todos anti-pedobatistas, concordando todos num artigo de disciplina: rebatizavam a todos que vinham da Igreja Católica a sua comunhão, daí serem chamados aAnabatistas”*.

Quando refletimos que eles aturaram por mil e quatrocentos anos toda espécie de perseguição, arrostando o exílio e a morte por sua crença que a Igreja Católica, por causa da heresia e prática corrupta, não teve o direito de administrar o batismo, que diremos daqueles hoje que tratam levemente esta matéria e aceitam o batisino estranho de seitas que brotaram de Roma e ensinam idéias idênticas às de Roma na questão da regeneração batismal?

Seguramente precisamos de cantar com renovada ênfase:

“Fé de nossos pais, viva ainda
A despeito de masmorra, logo e espada
Oh! como pulsam alto de louvor nossos corações,
Sempre que ouvimos a palavra gloriosa!
Fé de nossos pais, santa fé,
A ti seremos leais até à morte”.

CAPÍTULO 9 - OS ANABATISTAS

Nos capítulos precedentes traçamos a origem e mostramos a crença de um número de seitas, todos séculos afora, que se opuseram as corrupções da Igreja Católica Romana e que insistiram em batizar a todos quantos lhe vinham, porque não pensaram em qualquer outra fora da igreja apostólica tinha o direito de batizar.

Há muitas outras seitas que não mencionamos, que tinham as mesmas características, mas não eram tão grandes; entre elas estavam os Petrobrusianos, os Henricianos, os Arnoldistas, os Berengários, os Cataros, os Lolardos, os Menonitas e outras. Todas elas sustentavam idéias similares em posição as idéias corruptas e práticas da Igreja Católica.

Pensamos ser bom, contudo, somando, dar um capítulo exclusivamente aos anabatistas, para que ponhamos ênfase adicional nesta uma resistente característica dos dissidentes através de todos os séculos, a saber, sua *oposição ao batismo estranho*. Temos alguns fatos interessantes a submeter aos que pensam que os batistas são de origem recente e que a igreja que Jesus edificou cessou de existir durante as assim chamadas épocas trevas.

Somos lembrados nesta conexão daquela história do Velho Testamento, de Elias, fugindo da ameaça de Jezabel ao Monte Horebe dizendo ao anjo do Senhor: “Tenho sido muito zeloso pelo Senhor Deus dos exércitos; porque os filhos de Israel desprezaram teu concerto, derrubaram teus altares, a espada mataram teus profetas, e eu, mesmo eu, só fiquei e a mim procuraram para tirarem-me a vida”. Deus fê-lo levantar-se sobre o monte diante do Senhor, enquanto um grande vento partiu as montanhas e fez em pedaços as penhas diante do Senhor, mas o Senhor não estava no vento. Veio então o terremoto e os fundamentos das montanhas se abalaram e a terra bocejou como para engolir todas as coisas vivas, mas o Senhor não estava no terremoto. Então um fogo, crepitante, abrazador, queimando as florestas, as chamas emiscuindo-se pelos arbustos e saltando ao céu em línguas rubras; mas o Senhor não estava no fogo. Veio então uma voz suave, discreta e Deus disse a Elias que tinha sete mil dos quais o profeta não sabia, que não se tinham ajoelhado diante de Baal.

Que lição para os batistas modernos. Deus tem Suas hostes em todos os tempos. Não precisamos de temer. O que precisamos de fazer é cingirmo-nos de novo e com a fé de nossos pais sairmos a possuir nossas possessões, tomando este mundo para Cristo sob os estandartes da igreja que Jesus edificou e com a Sua promessa que estará conosco até o fim do mundo.

“O Filho de Deus saiu para a guerra,
Uma coroa real ganhar,
O Seu pendão carmezim farfalha além,
Quem acompanha no Seu cortejo?
Quem melhor pode beber Sua taça de amargura,
Triunfante sobre a dor,
Quem fiel carrega Sua cruz aqui,
O tal segue no Seu séquito”.

Tem havido batistas, ou anabatistas, como eram chamados depois do primeiro século desta era, em cada século da era cristã, contrários à crença de alguns que a verdadeira igreja se perdera ou cessara de existir durante a Idade Média, o que agora procedemos a mostrar.

PRIMEIRO SÉCULO

Aqui temos a igreja apostólica, que era batista, como mostramos, porque sua crença e sua prática foram idênticas às das igrejas batistas:

Só crentes foram batizados.
A imersão foi o único batismo.
Só crentes batizados vieram à mesa do Senhor.
Foi uma democracia pura.
Foi uma igreja guiada pelo Espírito Santo

Cada um desses cinco sinais da igreja de Jerusalém elaboramos previamente. Neste século os cristãos foram ativos em todas as terras. Pensa-se que depois que Filipe batizou o eunuco, Matias trabalhou na Etiópia, Marcos com Pedro e Judas pregaram no Egito e outras partes da África. Diz-se que Marcos foi martirizado pelo povo em Alexandria; que Judas pregou na Iduméia, Síria e Mesopotamia, Pedro no Ponto e na Galácia; que João na região das sete igrejas da Ásia, Mateus na Partia, Filipe e André na Cítia, Bartolomeu ao Norte e ocidente da Ásia, Simão e Judas na Pérsia, Tomás na Média e Carmania, Paulo na Gália (França), Espanha e Ilírico, Tito na Dalmácia, Pudens e Cláudia nas ilhas britânicas e especialmente

em Gales.

“Portanto, os que foram espalhados iam por toda a parte pregando a Palavra”.

“E a mão do Senhor estava com eles e grande número creu e converteu-se ao Senhor”.

“Assim crescia poderosamente a Palavra do Senhor e prevalecia. E os discípulos encheram-se de gozo e do Espírito Santo”.

SEGUNDO SÉCULO

As igrejas cristãs deste século estavam unidas só pelos laços da fé e do amor. Independência e igualdade formaram a base de sua constituição interna e elas de todo modo corresponderam às igrejas da fé batista na admissão de membros ou exclusão de ofensores. Não havia ensino de salvação batismal, conquanto ele começasse a mostrar a cabeça no fim deste século; nada de batismo infantil, nada de respingamento em vez de batismo; nada de ordens no ministério, nem hierarquia eclesiástica. Em testemunho disso, encaminhamos o leitor a Orchard, Gibbon, Mosheim, Wall e Bingham, os quais escreveram histórias que abarcam este período.

TERCEIRO SÉCULO

Neste século começa o impulso na direção de Roma, daí o princípio da controvérsia sobre *batismo estranho* e a corrupção na igreja. Tertuliano, um dos patrologos post-apostólicos, opõem-se a tal batismo no princípio deste século. Por causa da importância de sua afirmação já por nós citada em prévio capítulo, tornamos a liberdade de a repetirmos a modo de ênfase: “Os heréticos não têm comunhão nesta nossa disciplina, logo o seu batismo não é um com o nosso também, porque não é o mesmo: um batismo que eles não tem devidamente, não o tem absolutamente”.

As igrejas plantadas por Paulo ficaram como uma unidade contra a imersão estranha até 250 A. D. Eusébio, livro 7, capítulo 5.

Neander, ao falar da divisão na igreja neste tempo, diz: “Mas aqui outra vez, foi um bispo romano, Estevam, que instigado pelo espírito de arrogância eclesiástica, dominação e zelo, sem conhecimento, ligou a este ponto de disputa, uma importância dominante. Daí, para o fim do ano 253, lavrou uma sentença de excomunhão contra os bispos (pastores) da Ásia Menor, Capadócia, Galácia e Cilícia, estigmatizando-os como *anabatistas*, um nome, contudo, que eles podiam afirmar que não mereceram por seus princípios; porque não era seu desejo administrar um segundo batismo aqueles que já tinham sido batizados, mas disputavam que o prévio batismo dado por hereges não podia ser reconhecido como verdadeiro. Isto induziu Cipriano, o bispo (pastor) a propor o ponto para discussão em dois sínodos reunidos em Cartago no ano 225 A. D., um composto de dezoito, outro de setenta e um bispos (pastores), ambas as assembleias declarando-se a favor das ideias de Cipriano, a saber, que o batismo de heréticos não devia ser considerado como válido”. Neander, Vol. I, pg. 318.

Outra vez na Constituição Apostólica dada nos patrólogos anti-nicenos, temos esta afirmação: “Do mesmo modo contentai-vos com um batismo só, aquele que é na morte do Senhor; não o que é conferido por ímpios hereges”. Vol. 1. pg. 456.

QUARTO SÉCULO

Constantino subiu ao trono em 306 A. D. Ele procurou ganhar os novacianos de volta à Igreja Católica, mas falhou. Também aqui houve um conflito com os Donatistas. Novacianos e Donatistas batizavam a todos que lhes vinham da Igreja Romana, pelo que foram chamados *anabatistas*. Perto do fim deste século temos o primeiro caso arquivado de batismo infantil. Em 370 A. D., Galetes, o filho agonizante do imperador Valêncio, foi aspergido por ordem de um monarca que jurou que não seria contraditado.

QUINTO SÉCULO

O Concílio de Mela, na Numídia, África, em 416. A. D., manda os cristãos batizarem suas criancinhas para perdão do pecado e amaldiçoa a todos que negam a doutrina. Cirilo, em 412 A. D., foi ordenado bispo em Alexandria. Um dos seus primeiros atos foi trancar todas as igrejas novacianas. Recorreu-se a perseguição de todos que rebatizassem católicos. O Concílio Laterano fez um decreto de banimento para todos os anabatistas como hereges ao passo que um édito foi proclamado por Teodosio e Honório declarando a morte de todas as pessoas rebatizadas e rebatisadoras. Albano, zeloso ministro, com outros, foi posto a morte por batizar. Os Anabatistas fugiram para as montanhas do Piemonte, onde foram chamados Valdenses. Na Espanha e na França havia dezenas de milhares de Albigenses e Valdenses. Os gôdos devastaram a Itália em 476. Sua liberalidade para com os Novacianos fê-los aumentar grandemente.

SEXTO SÉCULO

Os Albigenses e os Valdenses, neste tempo, estavam muito ativos na Espanha e na França. Em 524 A. D. reuniu-se em Lérida um concílio católico no qual se declarou que quantos tivessem caído na prevariação dos *anabatistas*, como os Novacianos e outros, se voltassem à igreja católica, seriam recebidos.

SÉTIMO SÉCULO

Surto dos Paulicianos na Armênia, espalhando-se pela Mesopotâmia e Pérsia e nas montanhas do Tauro, assinalou o começo deste século. Na Trácia foram chamados Bogomilos. Batizavam e rebatizavam somente adultos. Rejeitavam o batismo infantil e o batismo estranho de qualquer procedência. Foram *anabatistas* declarados. Foram contados aos milhares. Brockett, na sua história dos Bogomilos da Bulgária, diz deles: “Estas seitas eram batistas, não apenas nas suas idéias sobre o assunto de batismo e da ceia do Senhor senão também na sua oposição ao pedobatismo, a uma hierarquia de igreja e a sua adoração da Virgem Maria e os santos; na aderência a independência e liberdade de consciência no culto religioso. Em suma, força-se em mim a conclusão que nesses cristãos da Bósnia, Bulgária e Armênia temos uma sucessão apostólica de igrejas cristãs, igrejas novotestamentinas; que, tão cedo como no século doze, essas igrejas contavam com uma comunhão de convertidos e crentes tão grande como a das igrejas batistas em todo o mundo hoje.

QITAVO SÉCULO - INVASÃO DA ESPANHA PELOS SARRACENOS

Muitos milhares de Valdenses espanhóis, um outro nome dos Paulicianos, Albigenses e Valdenses, que ali se estabeleceram devido a perseguição no Oriente, emigraram pelos Pirineus da Espanha as fraldas das montanhas francêsas e mesmo ao Piemonte. Eram todos eles *anabatistas*.

Bonizo, bispo de Sutrio, afirma que neste período. Os Peterinos surgiram na Itália. Sua religião pública de nada mais consistia senão oração, leitura e exposição do Evangelho. Diziam que uma igreja cristã deveria consistir somente de gente boa. Só a fé salva. Por batismo só a imersão. O batismo infantil eles condenavam como um erro.

NONO SÉCULO

Aí para o final do século oitavo ficaram as coisas mais brilhantes para os Paulicianos e outros que tinham sido tão severamente perseguidos durante os séculos sétimo e oitavo. Sob o imperador Nicéforo restauraram-lhes até certo ponto seus privilégios civis e religiosos. Durante esses anos auspiciosos os Paulicianos disseminaram largamente suas opiniões e tornaram-se formidáveis no Oriente, de acordo com a Enciclopédia de Chamber no artigo sobre os Paulicianos.

“Para o fim deste século nono, aí por 845 A. D., para ser mais exato, a imperatriz Teodora lavrou decretos muitos severos contra os Paulicianos e a crueldade dos seus oficiais, ao executarem tais decretos, foi horrível além de toda expressão. Os seus sanguinários inquisidores vasculharam cidades e montanhas na Ásia Menor, confiscando bens e propriedades de cem mil desse povo. Os proprietários desse número foram postos à morte da maneira mais bárbara, feitos expirarem vagarosamente sob uma variedade das mais exquisitas torturas. Muitos foram banidos, particularmente na Bulgária. Uma porção desta gente emigrou da Trácia e suas doutrinas logo lançaram profundas raízes no solo Europeu. Os que escaparam dos inquisidores fugiram para os Sarracenos, que os receberam com compaixão, e em conjunção com os quais, sob oficiais experimentados, mantiveram uma guerra com a nação grega durante cento e cinquenta anos”, Orchard, História, pg. 137.

DÉCIMO SÉCULO

Os Paulicianos, no reinado de João Zimico, no século décimo, ganharam muita força e foram por todas as partes de outras províncias pregando o Evangelho. Foram à Itália. Tornaram-se um espinho na carne dos pontífices romanos. Os Bogomilos foram um ramo dos Paulicianos que viveram na França. Tiraram o seu nome de um dos seus líderes que viveu no século décimo. A perseguição dos Bogomilos foi contínua e severa. Ainda que se fez todo o esforço para destruí-los, sobreviveram. Conybeare, o historiador, diz deles: “Eles não foram pisados, mas apenas soterrados. Suas heresias ainda emboscaram por toda a Europa, mas especialmente nos Balkans e ao longo do Reno. Nestes esconderijos parece terem conjugado suas forças em secreto para uma vez mais emergirem à luz do dia, quando uma oportunidade se oferecesse. A oportunidade foi a Reforma Europeia, na qual, especialmente sob a forma de *anabatismo* e opinião Unitária, este fermento da igreja apostólica pristina se encontra

livremente misturado com outras formas de fé, modificando-as”. The Key of Truth, pg. 196.

Nesta citação de Conybeare, notareis que ele os chama *ana*-batistas, e refere que eles continuaram até a reforma, no século dezesseis, e conservaram e perpetuaram o fermento da igreja apostólica.

Virando para o Ocidente, neste século, vemos também os Paulicianos fortemente entrincheirados na França. Gibbon, o historiador, diz: “Foi no país dos Albigenses, na província sulista da França onde os Paulicianos principalmente criaram raiz. Em várias províncias foram conhecidos por nomes diferentes”. Roman History, cap. 54.

Esses Paulicianos francêses eram da mesma fé dos Búlgaros. O batismo seguia-se à justificação. Batizavam a todos que lhes vinham dos católicos. Rejeitavam o batismo infantil. Eram, logo, *anabatistas* também.

Se novecentos mil desse povo foram trucidados nas províncias da Grécia pela imperatriz Teodora e perante isto Gibbon diz que foi nas províncias da França sulina que os Paulicianos mais criaram raiz, deixaremos ao leitor imaginar quantos milhares deles havia na França, Itália e Espanha que permaneceram pela fé uma vez entregue aos santos, poderoso exército dos fiéis que, como as vagas do mar, quebraram séculos após séculos contra o poderio romano até a reforma no século dezesseis, quando a ressaca imensa veio e quase tragou os católicos romanos, logrando cindir do seu guante milhões daqueles que procederam dela com a Reforma Protestante.

CAPÍTULO 10 – OS ANABATISTAS EM CONTINUAÇÃO

No capítulo anterior traçamos em breve os Anabatistas durante os primeiros dez séculos da era cristã. Dizemos em breve porque, se tivéssemos dado toda a informação a nós deixada pelos historiadores, isso encheria volumes. Mas os dados que temos oferecido são fragmentários. Por exemplo, num certo século, contentamo-nos em dar, como regra, o movimento de uma seita num país, quando podíamos ter dado os movimentos das muitas seitas em todos os países da Europa, Ásia e África. Então, quando consideramos que os historiadores nos deram só vislumbres da história deste período, que o máximo da história desses Anabatistas está por escrever, e nunca será escrita, maravilhoso-nos da fé e da fidelidade dessa gente, contados aos milhões, tangidos, perseguidos, exilados, peregrinando para lá e para cá na terra, trucidados, tantos como 900.000 só num século numa província só, e contudo, através disso tudo, sobrevivendo e conservando-se para carregar a tocha da verdade nas suas mãos moribundas, passando-a as gerações por vir. Maravilhosa fé! Coragem incomparável! Insobrepujável fidelidade ao sagrado depósito que Deus lhes pusera nas mãos!

Não podemos abstermo-nos de citar nesta conexão as palavras inspiradas no décimo primeiro capítulo de Hebreus: “Que pela fé subjugarão reinos, obraram justiça, obtiveram promessas, fecharam as bocas dos leões, apagaram a violência do fogo, escaparam ao gume da espada, da fraqueza se fizeram fortes, na batalha se esforçaram, puseram em fuga os exércitos dos estranhos, mulheres receberam seus mortos resuscitados; outros foram torturados, não aceitando livramento, para que obtivessem uma melhor ressurreição; outros tiveram escárnios e prisões, sim, açoites e algemas. Foram lapidados, serrados, tentados, passados ao fio de espada; peregrinaram em pelos de carneiro e bodes, ficando destituídos, afligidos, atormentados: dos quais o mundo não era digno; vagaram pelos desertos e pelas montanhas, cavernas e covas da terra”.

E a parte lastimável de tudo isto é que sofreram o mais destas coisas daqueles que se arrogavam eles mesmos o nome de cristãos, os católicos romanos e gregos. Significavo que os Gôdos, que conquistaram os Romanos, e os Sarracenos, que vieram quase a conquistar as hierarquias romana e grega, foram muito mais compassivos para com estes Anabatistas do que os próprios católicos romanos e gregos.

Chegamos agora a traçar a história dos Anabatistas do século décimo ao décimo-sexto, quando temos a reforma protestante.

DÉCIMO PRIMEIRO SÉCULO

“Da Itália”, diz Mosheim, “os Paulicianos mandaram colonos quase que a todas as outras províncias da Europa e formaram gradualmente um considerável número de assembleias religiosas que aderiram à sua doutrina e verificaram toda a oposição e indignidade dos papas. Cultivaram a estima e a admiração da multidão pela sua santidade. Na Itália foram chamados Paterinos e Cataros”.

Dos Paterinos, a quem menciona Mosheim supra, diz Orchard: “Os Paterinos em 1040 tornaram-se muito numerosos e conspícuos em Milão, que foi sua residência principal. Aqui floresceram, pelo menos, duzentos anos. Suas igrejas foram divididas em dezesseis compartimentos iguais as que os batistas ingleses chamaram associações; cada uma subdividida em partes que seriam chamadas igrejas, ou congregações. Uma, ou a igreja principal, era a de Concorreggo e os membros de igreja nesta associação foram mais que mil e quinhentos. Nos reinados dos Gôdos e Lombardos, os Anabatistas, como os católicos os chamavam, tiveram o seu quinhão de igrejas e batistérios”.

Bruno e Berenger foram reformadores na França em 1035 A. D. O segundo levou consigo vastas multidões de discípulos. Mezerei, historiador francês diz que suas doutrinas penetraram a França, a Itália e a Alemanha com outros reinos mais. Os seus seguidores eram chamados *evangelistas* durante um século e muitos padeceram morte por suas opiniões. Belarmino diz: “Os Berengários só admitem adultos ao batismo. Erro que os Anabatistas abraçaram”. Mezerei declara ter sido Berenger cabeça dos sacramentários, ou Anabatistas, e Morell calcula para mais de 800.000 no ano 1160 A. D. professando a fé berengária.

DÉCIMO SEGUNDO SÉCULO

Chegando ao século décimo segundo temos não só de considerar os 800.000 berengários, mas uma galáxia de novos nomes em surto, que tiveram tremenda companhia ameaçando, onde quer que vissem, a própria existência da Igreja Católica. Estes nomes são Pedro de Bruys no Sul da França, Henrique de Tolosa, Arnaldo de Brescia na Itália e Pedro de Lião.

Pedro de Bruys apareceu aí por 1110 nas províncias do Languedoc e Provença no Sul da França. Opôs-se às corrupções da Igreja Católica e batizou os que vinham dessa comunhão. Foram, portanto, chamados Anabatistas. O bispo de Meaux increpa Calvino como segue:

“Adotais Henrique e Pedro de Bruys entre vossos predecessores, mas ambos, todos sabem, foram Anabatistas”.

Pedro de Bruys continuou seus labores por vinte anos, quando foi às chamas em São Giles por uma plebe enraivecida, estumada pelo clero da Igreja Católica.

Henrique de Tolosa, discípulo de Pedro de Bruys, apareceu cinco anos mais tarde como reformador. Denunciou o Clero Católico pelos seus vícios e a Igreja Católica pela sua superstição e ensino falso. Sua influência foi tão tremenda que Bernardo escreveu ao Conde de São Giles: “As igrejas estão sem gente, a gente sem sacerdotes, os sacerdotes sem reverência e, por fim os cristãos sem Cristo. Nega-se às crianças a vida de Cristo por recusar-lhes a graça do batismo”. Arnaldo de Brescia na Itália, surgiu aí por 1137. Viajou na França na juventude e foi pupilo do renomado Pedro Abelardo. Homem de poderosa eloquência, bateu na opulência e luxúria do Clero Romano. Ergueu-se o povo em rebelião contra os bispos. A Igreja Romana alarmou-se e, no Concílio em 1139, foi ele condenado ao silêncio perpétuo. Deixou a Itália e foi para Zurique na Suíça; “Tangido de que pela influência de Bernardo, foi para Roma e arrostou a fera na sua própria jaula, no próprio capitólio. Por dez anos manteve sua ascendência sobre os papas, que tremeram no Vaticano, ou vagaram como exilados noutras cidades, mas, finalmente, os papas ganharam ascendência, e, em 1165, foi preso, crucificado e queimado.

Dele diz Mosheim: “Este reformador, em cujo caráter e maneiras havia diversas coisas dignas de estima, levou após si grande número de discípulos que dele derivaram o nome de Arnoldistas, e em épocas subsequentes descobriram o espírito e intrepidez do seu líder tantas vezes quantas se ofereceram ao seu zelo oportunidades favoráveis de reformarem a igreja.

Pedro de Lião era um negociante opulento e chegou à prominência como reformador aí por 1160. Ao traduzir os primeiros evangelistas do latim para o francês ficou espantado de achar que a religião da Igreja Romana diferia quase totalmente do que fora ensinado por Cristo e os Apóstolos. Deixou seus negócios, distribuiu suas riquezas entre os pobres, adotou as crenças dos Valdenses do Piemonte e foi ensinar a fé apostólica. Suas idéias estavam de acordo com as dos Albigenses, Arnoldistas, Petrobrusianos e outros dissidentes que foram chamados *Anabatistas*. Cresceram rapidamente. Foi anatematizado pelo pontífice. Sendo forçado pela perseguição a deixar Lião atravessou diferentes províncias, pregou a palavra com grande aceitação. Foi para a Alemanha com muitos dos seus seguidores, lá chamados Picardos, e depois então na Boêmia. Por causa de perseguição por Felipe II da França muitos dos seus seguidores fugiram para os vales do Piemonte, levando consigo a nova tradução da Bíblia, enquanto outros foram para a Alemanha e alguns para os países baixos, espalhando os fogos da dissidência com as doutrinas e corrupção católicas.

Orchard diz: “Suas doutrinas foram levadas a Flandres, Polônia, Espanha, Calabria e mesmo até aos domínios de grão Sultão”. Assim aumentaram por toda a Europa. Em Narbona e países adjacentes tornaram-se tão poderosos a ponto de ameaçarem o poder papal de ruína.

Dieckoff, historiador alemão dos Valdenses, diz deles: “Havia uma conexão entre os Valdenses e os seguidores de Pedro de Bruys, Henrique de Lausanne, Arnold de Brescia. Finalmente uniram-se numa corporação aí por 1130, pois sustentavam as mesmas idéias”. Pgs. 167, 168.

DÉCIMO TERCEIRO SÉCULO

Caracteriza-se este século pela mais horrível perseguição dos que se opuseram as más práticas e falsas doutrinas da Igreja Católica Romana. Parece que, por este tempo, os dissidentes tornaram-se tão numerosos e tão espalhados em todos os países da Europa, que a Igreja Romana ficou excessivamente irada, determinando suprimir ou exterminá-los. Verificamos primeiro o tratamento dos Peterinos na Itália. Em 1220 A. D., Honório III induziu Frederico II a lavrar um édito contra eles. Mosheim diz que não havia alternativa de escapar aos monstros humanos da inquisição, salvo pela fuga, e que muitos passaram da Itália, espalhando-se como uma inundação por todas as províncias européias. Outros éditos foram lavrados, um dos quais estabelecia: “Não deixaremos que estes miseráveis vivam”. Uns tiveram suas línguas arrancadas, para que não corrompessem outros; outros foram entregues às chamas. A despeito disto, no meado deste século tiveram, disse Reiner, quatro mil em perfeita forma, mas os chamados discípulos eram multidão inumerável.

Quadro mais horrível se apresenta no tratamento dos Valdenses e Albigenses na Espanha e na França. Contra eles o Papa Inocêncio III publicou decretos e prometeu indulgências a todos que se unissem numa cruzada para destruí-los. Formidável exército de fanáticos se ajuntou por este meio de toda a Europa, somando de tres a cinco mil. A frente destes marchava Simão de Monfort, Conde de Liecester. Em poucos meses duzentos mil foram sacrificados; outros tangidos de suas casas incendiadas estiveram vagando nas florestas e montanhas, perecendo de privações e fome. No outono do mesmo ano seguiu-se outra cruzada capitaneada por Alice, mulher de Simão de Monfort. Todos os encontrados foram

enforcados em patíbulo. Cem habitantes de Brom tiveram seus olhos arrancados e seus narizes cortados. Isto continuou com mais ou menos intensidade num período de quarenta anos, durante cujo tempo, diz Orchard, extinguiu-se um milhão de vidas. Todavia, a despeito disto, o historiador Clark, calcula os Berengários, outro nome desses dissidentes, em oitocentos mil em 1260. Muitos dos que escaparam fugiram para a Boêmia, Livônia e Polônia, onde foram chamados Picardos, ou Valdenses. Um inquisidor da Igreja de Roma diz desses refugiados Boêmios: *“Eles dizem que a Igreja de Roma não é a de Jesus Cristo, mas uma assembléia de ímpios. Que ela cessou de ser a verdadeira igreja no tempo do Papa Silvestre, presidida em 330 A. D. Os escritores boêmios dizem que batizaram e rebatizaram tais pessoas que se ligaram as suas igrejas, e sempre fizeram assim. Em outras palavras, eram Anabatistas e sempre o foram”*.

DÉCIMO QUARTO SÉCULO

Dissemos que os Valdenses ou Picardos, que fugiram para a Boêmia por causa de perseguições no século décimo terceiro, vieram a somar oitenta mil no século décimo quarto. Este século se caracteriza mais pelo surto e pela obra de quatro anabatistas proeminentes: João Wyclif, da Inglaterra, João Huss e Jerônimo de Praga e Valter Lollard do Reno, na Alemanha. Pedro Payne, principal da Sala Edmundo na Universidade de Oxford, Inglaterra, sendo perseguido por causa de sua oposição à violência papal, fugiu para a Boêmia, levando tratados de Wyclif que foram introduzidos na Universidade de Praga, onde Huss era professor. Pelo mesmo tempo, ou um pouco mais cedo, Walter Lollard, homem de cultura e eloquência, famoso pelos seus escritos, visitou a Inglaterra e, porque eram da mesma fé, sendo anabatistas, ligaram-se aos Wyclifitas. Entrementes, na Boêmia, João Huss e Jerônimo estavam constantemente abanando o fogo da dissensão contra a fé católica. Huss foi excomungado por contumácia pelo Papa e depois julgado por heresia e queimado na pira. Das idéias dos seus seguidores diz Erasmo: *“Os Hussitas renunciaram a todos os direitos e cerimônias da Igreja Católica; ridicularizaram nossa doutrina e prática em ambos os sacramentos e não admitem a ninguém até que sejam mergulhados na água”*.

Jerônimo de Praga foi amigo íntimo de Huss. Viajou por muitos países da Europa, incluindo a Inglaterra, onde teve acesso aos escritos de Wyclif, os quais copiou e levou de volta com ele para Praga. Huss e Jerônimo foram julgados pelo mesmo concílio e pela mesma ordem queimados na pira. Huss morreu orando por seus perseguidores; Jerônimo cantando: *“Hanc, in flammis, offero, Christi tibi”*. (Esta minha alma em chamas de fogo, Ó Cristo, Te ofereço). Huss e Jerônimo, ensinaram ambos aquelas heresias atribuídas aos anabatistas. Walter Lollard foi um pregador laborioso e eloquente entre os batistas ao longo do Reno. Também ele foi queimado na pira em 1320 A. D.

DÉCIMO QUINTO SÉCULO

Ao passo que nos aproximamos da grande Reforma Protestante, achamos os dissidentes em toda a parte avacalhados ante o poder crescente e as inquisições da Igreja Católica Romana. Muitos vilipêndios os alcançaram. Orchard descreve um contra os habitantes do vale de Pragela no Piemonte: *“O ataque se fez aí pelo fim de dezembro, quando as montanhas estavam cobertas de neve. Os habitantes fugiram para uma das mais elevadas montanhas dos Alpes com suas esposas e filhos, as mães infelizes carregando o berço numa mão e na outra levando a progênie que pudessem andar. Os invasores inumanos os perseguiram até que a escuridão da noite lhes obscureciam os objetos de sua fúria. Muitos foram chacinados antes de alcançarem as montanhas. Colhidos pelas sombras da noite, os aflitos desterrados vagavam acima e abaixo das montanhas cobertas de neve. Paralizados de frio, alguns caíam no sono para nunca mais despertarem. Passada a noite achavam-se nos seus berços ou deitados na neve quarenta criancinhas geladas e sucumbidas. Ao lado delas, também suas mães sem vida e outras prestes a expirar”*.

Um pouco mais tarde, um exército foi levantado por Alberto, legado do Papa e marchou pelo vale do Loyse. Os habitantes fugiram para as suas covas nas montanhas. Alberto e o seu exército seguiram e fizeram fogueiras nas entradas das cavernas. Quatrocentos crianças ficaram sufocadas nos seus berços ou nos braços de suas mães mortas. Multidões, para evitarem a morte pela sufocação ou serem queimadas na pira, atiravam-se nos precipícios das montanhas, onde nas rochas em baixo faziam-se em postas. Se escapavam à morte na queda, eram brutalmente trucidados pelos soldados. Mais de tres mil do vale do Loyse pereceram nesta ocasião. Para obter dinheiro para as despesas desta expedição o Papa concedeu indulgência ao pecado e perdão dos crimes passados.

Deste período diz Mosheim: *“Antes do surto de Lutero ou Calvino, jazeram escondidos em quase todos os países da Europa, particularmente na Boêmia, Moravia, Suíça e Alemanha, muitas pessoas que aderiram tenazmente às doutrinas dos batistas Holandeses, as quais os Valdenses, Wyclifitas e Hussitas tinham mantido, algumas de uma maneira mais disfarçada,*

mais franca e publicamente outras, a saber, que o reino de Cristo, ou a igreja visível que ele estabeleceu na terra era uma assembléia de santos verdadeiros e reais, e devia, portanto, ser incessante aos ímpios e injustos, como também isentas daquelas instituições que a prudência humana sugeriu, opor-se ao progresso da iniquidade, ou corrigir e reformar transgressores. Esta máxima é a verdadeira fonte de todas as peculiaridades que são para serem achadas na doutrina e disciplina dos batistas. É evidente que estas idéias foram aprovadas por muitos antes da alvorada da reforma”.

Mosheim ainda diz deste período: “O aspecto ameaçador dos negócios na Alemanha sugeriu aos Picardos a necessidade de emigrarem. Levas de batistas alemães emigraram para a Holanda e os países baixos, as quais, no correr do tempo amalgamaram-se com os batistas holandeses”.

E, agora, com o princípio do século dezesseis raia a reforma sob Lutero e Calvino, mas outra vez devemos citar Mosheim: “Houve certas seitas e certos doutores contra quem o zelo, a vigilância e a severidade de Católicos, Luteranos e Calvinistas estavam unidos. Os objetos de sua aversão comum eram as Anabatistas.

E agora vem a reforma e encerramos esta história dos Anabatistas até este tempo, tendo-os traçado, nas palavras de Mosheim, grande historiador luterano, “*desde as mais remotas profundezas da antiguidade*”. A luz dessas provas, quem dirá que a igreja que Jesus edificou alguma vez cessou de existir, ou que a tocha da verdade conservada e transmitida pelos apóstolos, foi em algum tempo apagada?

CAPÍTULO 11 - LUTERO, CALVINO E OS ANABATISTAS

Aí pelo meiado do século quinze, pessoas de idéias largamente diferentes, mas unidas na sua oposição aos ensinamentos e à corrupção da Igreja Católica, agruparam-se juntamente num corpo na Boêmia e se chamaram *Unitas Fratru*, os Irmãos Unidos. A despeito de perseguição, aumentaram rapidamente e pelo começo do século dezesseis somavam por duzentas congregações. Muitos condes, barões e nobres juntaram-se às suas igrejas, que construíram casas de culto nas cidades e vilas. Entre eles houve muitos Anabatistas. Tiveram a Bíblia traduzida em língua boêmia e impressa em Veneza e Nuremberg. Mais tarde fundaram três tipografias em que publicaram Bíblias, uma em Praga, outra em Beinslav e a terceira em Kralitz, na Morávia. Em 1507 o Rei da Boêmia cedeu a pressão e principiou a perseguição dos seus irmãos.

Alguns deles emigraram, outros retiraram-se para as florestas e covas, outros foram trazidos perante sacerdotes, onde, recusando-se a renunciar sua fé, foram refutados e queimados. Mais tarde, quando Lutero apareceu, cansados de perseguição, engraçaram-se com ele, concordaram em deixar o rebatizamento e entraram na comunidade luterana. Contudo, os batistas entre eles, recusando, foram ainda uma comunidade esparsa e foram chamados agora Anabatistas, ou Calvinistas Picardos. O imperador expressou seu espanto ante a quantidade deles. Viviam em quarenta e cinco divisões chamadas colégios, exatamente como seus antecessores tinham feito na França quatrocentos anos antes. O imperador então lavrou um édito de banimento contra eles sob pena de morte. De novo se espalharam, Os morávios disputam que são descendentes dessas igrejas.

Na Alemanha, onde Lutero começou a reforma, no princípio do século dezesseis, o período está marcado por dois eventos importantes: o trabalho de Tomás Munzer e a rebelião Munster. Tomás era de Mulhausen, na Turingia. Tinha sido padre, mas fez-se discípulo de Lutero. Lutero o chamou o seu Absalão e o povo o chamou cura de Lutero. Mais tarde, diz Orchard, tornou-se um anabatista, mas diz Christian que ele nunca foi batista. Seja como for, era um grande pregador entre o povo comum. Enquanto Lutero estava caçando, escrevendo e confabulando com príncipes, Munzer estava pregando no país e observando a condição dos foreiros. Ele viu seu cativo miserável. Lutero no seu plano queria livrar os sacerdotes de obediência ao Papa, mas consentir que os oficiais do estado tiranizassem o povo. Munzer viu isto e protestou. Como diz Voltaire: “Lutero lograra em atirar os príncipes, nobres e magistrados contra o Papa e bispos, mas Munzer atirou os camponeses contra eles. Ele e seus companheiros foram indo dirigindo-se aos habitantes das vilas cantonais na Suábia, Misnia, Turingia e Franconia. Proclamaram essa verdade perigosa que está implantada em todo peito, que todos os homens nascem iguais, dizendo: que se os papas tinham tratado os príncipes como seus súditos, os príncipes tinham tratado o povo comum como bestas”.

Quando Lutero soube do sucesso de Munzer, seu ciúme não conheceu limites. Conquanto primeiro parecera favorável aos anabatistas, ele não podia aturar a quem quer que fosse liderando a reforma senão ele mesmo. Carlstadt, um rebatizador, seguiu-o de lugar em lugar e o teve expulso. Ao ouvir do sucesso de Munzer, escreveu aos magistrados de Mulhausen, pedindo-lhes para exigirem que Munzer provasse seu chamado de Deus pela operação de um milagre. O povo ressentiu-se do insulto e expulsou os emissários de Lutero, os magistrados elegeram novos senadores dos quais Munzer era um. Os batistas tornaram-se objetos comuns da perseguição de Católicos, Luteranos e Calvinistas tanto na Alemanha como na Suíça. Muitos batistas foram afogados e queimados na pira. Munzer redigiu um memorial expressivo de suas aperturas, enviado à Alemanha toda. Consistiu de doze artigos sobre liberdade civil e religiosa, do qual Voltaire exclama: “Um Licurgo o teria assinado”. No final deste memorial os camponeses apelaram para Lutero. Respondeu que era tolice botar toda a humanidade num mesmo nível, que Abraão teve escravos, publicou um decreto dirigido aos príncipes e nobres para unirem todas as suas forças para supressão da sedição e para destruírem a todos quantos resistissem ao governo. Os camponeses oprimidos foram acordadamente postos à espada e derrotados, e Munzer, seu amigo e líder, foi condenado à morte.

Dez anos mais tarde a cidade de Munster na Westfália tornou-se a cena de levante e rebelião. Outra vez, como antes, está revolta foi iniciada por um ministro pedobatista da persuasão luterana ajudado por outros ministros da Reforma Protestante. Esta ocorreu sobre a religião protestante e foi principiada entre católicos e protestantes. Mais tarde, muitos anabatistas foram atraídos para ela. O povo em delírio, dele muitos ignorantes camponeses, buscando liberdade civil por causa da opressão, começou a erigir uma nova república, chamando-a Nova Jerusalém. Esta conduta sediciosa dessa gente, incluindo um punhado de anabatistas, refletiu sobre o resto deles, inocentes ou culpados, a ira dos príncipes e nobres. Cassander, um papista, diz que muitos anabatistas opuseram-se aos atos dos de Munster e ensinaram a doutrina contrária. Não obstante, como fossem unânimes pela liberdade civil e religiosa, opostos ao mesmo tempo ao batismo infantil, as mais severas leis foram

promulgadas contra eles. Mosheim diz que inaudita quantidade de batistas sofreram a morte, não porque fossem súditos rebeldes, mas porque foram julgadas como hereges incuráveis.

Por este tempo, Menno Simon tornou-se um grande líder entre os Anabatistas. Nasceu em Witmarsum, na Fríslandia, em 1496. Foi educado para o sacerdócio católico e em 1524 tornou-se ministro dessa fé. Não sabia nada da Bíblia e não pegaria nela, a menos que fosse seduzido pelos seus ensinamentos. Sua primeira dificuldade mental foi sobre a doutrina da transubstanciação, mas ele atribuiu a impressão ao diabo. Continuou a gastar o seu tempo em divertimentos mundanos, mas estava inquieto na sua mente. Por este tempo decidiu estudar a Novo Testamento e, quando o fez, viu o erro do papismo. Começou a pregar o verdadeiro evangelho.

Por este tempo, entre muitos milhares de outros que foram postos à morte, estava um Sicke Snyder, anabatista, decapitado em Lewarden. Sua fé, preferível morrer que renunciar à sua fé, levou Menno a examinar o assunto do batismo, pelo que se tornou convencido de que não havia batismo infantil ensinado na Bíblia, e que os Anabatistas, ou batistas, estavam sendo perseguidos por amor da verdade. Estudou a Bíblia de novo, convenceu-se dos seus pecados, converteu-se e foi imergido, tornou-se batista. Ele afirmou neste tempo: “Não acharemos nenhum outro batismo na Bíblia fora do mergulho na água, que é aceitável a Deus e mantido na Sua Palavra”. Levou um ano em estudo e escrevendo quando foi chamado como pastor de uma igreja batista. Em todo redor ele viu os batistas sofrendo perseguição e morte após horrenda tortura, mas aceitou o cargo. Teve grandes provas e privações, muitas vezes foi obrigado a mudar-se de uma província para outra com sua esposa e família, mas onde quer que fosse era maravilhosamente abençoado no seu trabalho.

Ele assentou o seu plano de doutrina e prática inteiramente tirado das Escrituras em forma de catecismo, do qual tudo estava de acordo com a prática dos anabatistas em todos os tempos. Essas doutrinas incluíam a rejeição do batismo infantil, a aproximação imanescente do milênio, a abolição da guerra, a proibição dos juramentos, a vaidade da ciência humana, a piedade prática dos membros como o sinal da verdadeira igreja.

O sucesso de Menno levantou a ira do estado e em 1543 ofereceram uma recompensa pela sua prisão, mas ele achou refúgio por algum tempo sob o patrocínio do senhor de Fresenburg e Lubeck. Formaram-se igrejas, chamaram-se pastores e aqui, pela folha impressa, Menno levou avante o seu ensino da verdade.

Em 1560 saiu um decreto contra os anabatistas que proibiu a quem quer que fosse unir-se com eles. Em Hamburg aditou-se que nenhuma pessoa rebatizada fosse empregada ou seguisse qualquer profissão. Ainda assim os batistas aumentaram, apesar de tangidos de província a província, como foi Menno. Este continuou sua obra até 1561, quando morreu e foi sepultado no seu próprio jardim. Como resultado de perseguição muitos batistas por este tempo emigraram para a Holanda, onde tiveram liberdade religiosa, para onde também vieram muitos batistas da Inglaterra, fugindo das perseguições sob a Rainha Isabel. Da Holanda também muitos emigrantes neste período buscaram asilo na América, para que pudessem desfrutar a liberdade religiosa desta nova terra da promessa.

Não encerraremos este capítulo sem duas citações concernentes aos anabatistas, uma do Cardeal Hosius, que certamente não pode ser prejudicada em benefício dos batistas. Diz Hosius: “*Se a verdade da religião fosse para ser julgada pela prontidão e alegria que um homem de qualquer seita mostra no sofrimento, então as opiniões e a persuasão de nenhuma seita podem ser mais verdadeiras e certas do que as dos anabatistas, uma vez que nestes mil e duzentos anos não tem havido nenhuma que tenha sido mais asperamente punida*”.

A outra citação é do historiador luterano Mosheim, que também não pode certamente ser prejudicada em favor dos batistas. Diz Mosheim: “*Antes de Lutero e Calvino permaneceram escondidas em quase todos os países da Europa muitas pessoas que aderiram tenazmente às doutrinas dos batistas holandeses*”.

E assim temos da história prova dada pelos inimigos desta desprezada seita que eles existiram pelo menos mil e duzentos anos antes da reforma protestante, que a sua máxima ofensa foi que eram a verdadeira igreja de Cristo e a única verdadeira igreja a quem foram dadas as ordenanças, que ensinou que ninguém tinha o direito de administrar o batismo e por a mesa do Senhor senão eles.

CAPÍTULO 12 - OS ANABATISTAS DEPOIS DA REFORMA

Por uns cem anos depois da reforma a igreja da Inglaterra batizou por imersão. Contudo, a despeito disto, os batistas da Inglaterra objetaram ao seu batismo sobre os fundamentos que os anglicanos vieram de Roma, era uma igreja apóstata, logo, não qualificada para administrar o batismo.

Quando os brownistas deixaram a Igreja Inglesa, objetaram a sua hierarquia, litúrgica, constituição e governo mas acentaram-lhe o batismo. Houve um John Smyth que se separou deles neste ponto, discutindo com eles que se a igreja era apóstata, como filha de Roma, não estava, portanto qualificada para administrar o Batismo e a Ceia do Senhor. O bispo Hall pulou na controvérsia entre Smyth e os brownistas e enquanto esfolava Smyth, repreendia os brownistas com estas palavras: “Vós que não podeis aturar uma igreja falsa, por que vos contentais com um sacramento falso, uma vez que, especialmente, (como disputais) a Igreja Inglesa não é igreja e o seu batismo, portanto, uma nulidade? Ele (Smyth) diz-vos a verdade, vossa condição é insegura: ou deveis adiantar-os para ele ou voltar-vos para nós. Deveis adiantar-vos para os anabatistas ou voltar-vos para nós. Todos os vossos rabinos não podem responder a essa acusação do vosso irmão rebatizado”.

Há uma história que Smyth, desacreditando todo o batismo na Inglaterra, foi a Holanda para descobri-lo e, finalmente, batizou-se. Esta história esta desmentida tanto por Orchard como por Christian. Se verdadeira ou não, mostra que a questão tanto na Inglaterra como na Holanda estava acesa por este tempo. Para se saber definitivamente como os batistas ingleses estavam nesse tempo na questão da imersão estranha, só temos de olhar a sua afirmação doutrinária escrita em 1689: “O Batismo e a Ceia do Senhor são ordenanças de instituição positiva e soberana, indicadas pelo Senhor Jesus, o único legislador, para serem continuadas na Sua igreja até ao fim do mundo, Estas santas indicações são para serem administradas por aqueles que estão qualificados e portanto chamados, segundo a comissão de Cristo”.

Um dos nomes afixados a esse documento doutrinário é o de William Kiffin, que foi pastor de uma igreja batista no Devonshire durante sessenta e um anos até sua morte em 1701.

Atos de perdão geral foram publicados na Inglaterra em 1538, 1540 e 1550. Ladrões e vagabundos receberam o favor real, mas os batistas foram excluídos. Sob Maria Sanguinária jorrou sangue de veias batistas e a Rainha Isabel seguiu o exemplo do seu ímpio pai e, como ele, banuiu batistas, dando-lhes vinte dias para deixarem o reino. Por duzentos anos, segundo arquivos forenses, os batistas foram perseguidos na Inglaterra.

Froude, historiador, falando de alguns batistas, queimados vivos, diz: “Foram-se os pormenores, foram-se os seus nomes. Pobres holandêses e é tudo. Escassamente o fato parece digno de menção, tão brevemente esta contado num parágrafo passageiro. Por eles não se agitou a Europa, nenhuns tribunais guardaram luto, nenhuns corações reais tremeram de indignação. Na sua morte o mundo contemplou complacente, indiferente, ou exultante. Todavia, aqui, também, dentre 25 pobres homens e mulheres, acharam-se catorze que por nenhum terror da fogueira ou da tortura puderam ser tentados a dizer que criam no que não creram. Para eles a História não tem uma palavra de louvor; contudo, eles também, não estavam dando o seu sangue em vão. Suas vidas podiam ter sido tão inúteis como as da maioria de nós. Na sua morte ajudaram a pagar o preço para aquisição da liberdade inglesa”.

E assim a batalha contra os anabatistas passou de século a século. Os católicos podiam perseguir episcopais e estes no poder perseguir católicos, mas ambos fundiram-se na sua animosidade e perseguição dos batistas. Nem a Alemanha, nem a Inglaterra lhes deram pouso aos seus pés, ao passo que a Espanha, a França e a Itália foram um holocausto de perseguição. Pensamos na crueldade de Herodes que trucidou as crianças masculinas de Judá, e nos arrepiamos só de pensar, mas isso foi só uma pequena província. Pelos séculos afora, por todo o continente europeu, bem assim na Inglaterra, centenas de milhares de crianças sucumbiram a fome e ao frio, enquanto suas mães peregrinaram para perecerem nas florestas e montanhas, e por sobre todo o continente podia ser ouvido o clamor das Raquéis lamentando por seus filhos. E por que? Porque esses anabatistas afirmaram que eles era a única igreja escriturística e o seu batismo o único batismo escriturístico.

Morreram eles em vão? Foram mártires do fanatismo, ou de um princípio tão velho como o próprio cristianismo? Vós, que hoje vos chamais a vós mesmos batistas, atirareis fora essa herança sem apreço que os de ontem conservaram para vós a custa de perseguição, martírio e morte? Quando procedeis assim, não só os marcais com ferro em brasa como fanáticos, mas abdicais o princípio que nos distingue e os batistas se tornam apenas um ramo da Igreja Universal, sem outra autoridade para administrarem as ordenanças que Roma apóstata ou sua filha, a igreja da Inglaterra, nascida na mente perversa de Henrique VIII.

Mais que cem anos prévias a este período a América fora descoberta, mas foi um longo período antes da colonização assumir quaisquer proporções e tornar-se permanente. Mas, por

esse tempo, quando a perseguição estava tão comum no continente e na Inglaterra, multidões, buscando escapar das perseguições de Roma, de Calvino, de Lutero e da Igreja Inglesa, e achar liberdade religiosa e livramento das perseguições do novo mundo, de vários portos embarcaram em navios e cruzaram os mares. Aqui vieram os peregrinos, os irmãos de Plymouth, os huguenotes, e aqui vieram, como tiveram oportunidade, os pobres e oprimidos anabatistas, os quais não encontraram lugar na Europa onde pudessem adorar a Deus segundo os datames de suas próprias consciências.

Mas é a ironia da história que, em o novo mundo, os perseguidos tornaram-se perseguidores, de fato todos, salvo os batistas. O mundo está familiarizado com a história de Roger Williams, vagando pelas neves da Nova Inglaterra com o seu inverno, mas há alguns outros fatos da história americana a respeito dos batistas com os quais não estamos tão familiarizados. O governador Winthrop conta de uma senhora Moody, a qual comprou uma plantação em Lynn, a dez milhas ao Nordeste de Boston. Diz que ela era uma mulher sábia, amável e religiosa, mas dada ao erro de negar o batismo às crianças. Foi ela lidada pelas autoridades e foi para Long Island e estabelecida entre os holandeses. Então ele ajunta: “Muitos outros, inficionados de anabatismo, foram removidos também para lá”.

Em 1644 um homem de nome Painter virou anabatista e recusou-se a consentir que o seu filho recém nascido fosse batizado. Sendo mandado pelo tribunal a batizar a criança, recusou ainda dizendo-lhes que o batismo infantil era uma ordenança anti-cristã. Por isso foi atado e açoitado.

Por este tempo o governador Winthrop relata terem os Anabatistas aumentado e se disseminado por todo o Massachusetts. Em 1644 o Tribunal Geral passou uma lei para supressão dos Anabatistas. A lei segue em parte: “Tanto quanto a experiência tem provado abundantemente e muitas vezes, que desde o primeiro surto dos Anabatistas tem sido os incendiários da comunidade e os contagiadores de pessoas nas principais matérias de religião, os transtornadores de igrejas em todos os lugares onde tem estado, considerando como ilegal o batismo de crianças, costumeiramente sustentado outros erros de heresias concomitantes; é ordenado e concordado, (portanto) que se qualquer pessoa ou pessoas nesta jurisdição condenar abertamente ou opor-se ao batismo de crianças, ou andar secretamente para seduzir a outros da apropriação de usar ou separar deliberadamente a congregação da administração da ordenança, toda pessoa tal será sentenciada ao banimento”.

Embaixo ajuntamos uma carta que o Tribunal Geral escreveu aos irmãos de Plymouth: “Honrados e amados irmãos: ouvimos já há tempo de diversos Anabatistas surgirem na vossa jurisdição e nela conviverem; mas sendo só uns poucos, bem esperamos que agradasse a Deus pelos esforços de vos mesmos e dos fiéis anciãos convosco, ter reduzido tais errados ao caminho direto. Mas agora, para nosso pezar, estamos crivelmente informados que pela vossa paciente atenção a tal gente, o efeito produzido é outro, a saber, a multiplicação e aumento de tais erros, e tememos sejam de outros erros também, se oportuno cuidado não se tomar para suprimir os mesmos”.

Obadias Holmes, acusado de ser Anabatista, foi encarceirado e então açoitado publicamente, do que ele escreve: “O homem bateu com toda a sua força (sim, cuspiendo nas suas mãos tres vezes, como muitos afirmaram) com um chicote de tres cordas, com ele deu-me trinta pancadas. Quando ele me soltou do poste, tendo gozo no meu coração, alegria no meu semblante, como os circunstantes observaram, disse eu aos magistrados: Tendes me açoitado com rosas”.

O castigo foi tão severo que o governador Jenckes disse: “O Senhor Holmes foi açoitado com trinta açoites e de tal maneira cruel que, por muitos dias, se não por algumas semanas, não podia descançar, mas amparar-se nos seus joelhos e cotovelos, não podendo deixar que qualquer parte do seu corpo tocasse o leito em que se deitava”.

O julgamento e açoitamento de Holmes levou Henry Dunster, presidente de Harvard, a tornar-se batista. Pregou um sermão sobre o batismo infantil que deu na organização de uma igreja batista em Boston. Os magistrados exigiram que os membros desta igreja frequentassem a Igreja Estabelecida. O tribunal geral os desprivilegiou e os entregou a prisão, perseguindo-os com multas e prisão durante 3 anos. O Tribunal Geral em 1668 setenciou Shands Giould, William Turner e John Farnum a serem banidos e porque não queriam ir foram presos quase um ano. A separação entre a igreja e o estado não constou da constituição de Massachusetts até 1833, mais de cinquenta anos depois da Declaração de Independência.

A Virginia foi fundada por sustentadores da Igreja de Inglaterra em 1606 e durante cento e oitenta anos, até 1786, os Batistas sofreram perseguição e não gozaram de liberdade religiosa. A carta previa: “Os presidentes, concílios e ministros proverão para que a verdadeira Palavra e serviço de Deus sejam pregados e usados segundo os ritos e doutrinas da Igreja da Inglaterra”.

O sanguinário código do 1611 exigia que homens e mulheres na colônia fossem ao pároco e dessem conta de sua fé e religião, a qual, se não satisfatória, fossem requeridos virem mais

vezes a ele para instrução. Se recusassem. O governador tê-los-ia açoitados pela primeira ofensa. Por uma segunda recusa era para serem açoitados duas vezes e reconhecerem sua falta no domingo à congregação. Pela terceira ofensa era para serem açoitados todos os dias até que concordassem.

Em 1662 foi passada a seguinte lei: “Enquanto muitos cismáticos, por sua aversão à religião ortodoxa estabelecida, ou por novos conceitos de suas próprias invenções heréticas, recusam ter seus filhos batizados: Seja portanto sancionado que todas as pessoas que em desprezo do divino sacramento do batismo recusarem levar seus filhos a um ministro legal no país para os terem batizados, sejam multadas em duas mil libras de tabaco, metade ao público”.

O feroz antagonismo aos batistas na Virginia levantou a indignação tanto de James Madison como de Thomas Jefferson. Madison escreveu: “Esse princípio diabólico, de concepção infernal, de perseguição, ruge entre alguns e para sua eterna infâmia o clero pode fornecer sua quota de imposições para tais fins. Há agora no país adjacente nada menos de cinco ou seis homens bem esclarecidos em cárceres fechados por publicarem seus sentimentos religiosos, as quais, no todo, são muito ortodoxos”.

Em 1785 os Batistas apresentaram a Madison sua *declaração de princípios e rogaram-lhe* que ele os incorporasse num memorial à legislatura. A influência de Madison, juntamente com a de Jefferson, prevaleceu, e em 1786, Jefferson preparou e conseguiu a passagem pela Assembléia Geral de Virginia do *Ato de Liberdade Religiosa*, do qual uma parte é como segue: “Seja portanto sancionado pela Assembléia Geral que nenhum homem será obrigado a frequentar ou sustentar qualquer culto religioso, lugar ou ministério sejam quais forem; nem será forçado, restringindo, molestado ou onerado no seu corpo ou bens, nem sofrerá doutra maneira devido suas opiniões ou crenças; nem por seus argumentos manter suas opiniões em matérias de religião, e que as mesmas de modo algum diminuirão, alargarão, ou afetarão suas capacidades civis”.

Conquanto O Senhor Jefferson não fosse batista e, na verdade, nem crente nos eventos milagrosos recordados na vida de Jesus, estava ele profundamente impressionado e influenciado pelo espírito de democracia e liberdade religiosa que prevalecia entre os batistas.

Foi o seguinte comunicado ao *Christian Watchman* há quase cem anos pelo Rev. Dr. Fishback de Lexington, Kentucky: “Sr. Redator: as seguintes circunstâncias ocorridas no Estado de Virginia, relativas ao Senhor Jefferson, foram a mim pormenorizadas pelo Ancião Andrew Tribble, faz uns seis anos, o qual depois morreu quando na idade de noventa e dois ou tres anos. Os fatos podem interessar alguns dos seus leitores. Andrew era pastor de uma pequena igreja batista com reuniões mensais a pequena distância da casa do Senhor Jefferson, oito ou dez anos antes da Revolução Americana. Senhor Jefferson frequentou as reuniões da igreja várias meses em sucessão. Depois de uma delas Jefferson pediu ao Ancião Tribble para ir à sua casa e jantar com ele, com o que concordou.

O Senhor Tribble perguntou ao Senhor Jefferson se estava satisfeito com o governo da sua igreja. Jefferson respondeu que isso o tocara com grande força e muito o interessara, que considera isso a única forma de *democracia pura* que então existia na terra, que concluiu que isso seria o melhor plano de governo para as colônias da América. Foi isto diversos anos antes da *Declaração de Independência*”.

O Juiz Story, no seu tempo o mais eminente dos juristas americanos, diz: “A Roger Williams pertence a fama de estabelecer neste país, em 1636, um código de leis em que lemos pela primeira vez, desde que o cristianismo subiu ao trono dos césares, a declaração que a consciência deverá ser livre e o homem não deveria ser punido por adorar a Deus de qualquer maneira em que ela fosse persuadida que Ele requeresse”.

Bancroft, o historiador, diz: “Roger Williams tinha então um pouco mais de trinta anos, mas sua mente já tinha maturado a doutrina que lhe assegura a imortalidade da fama, pois sua aplicação deu paz religiosa ao mundo americano”.

Gervino, o mais astuto historiador da Alemanha no seu tempo, ajunta este testemunha: “De acordo com estes princípios, Roger Williams insistiu, no Massachusetts, em conceder inteira liberdade de consciência, inteira separação da igreja e do estado. Foi, porém, obrigado a fugir e em 1636 formou em Rhode Island uma pequena e nova sociedade em que se concedia perfeita liberdade de fé e em matérias de fé e em que regulava a maioria nos negócios civis. Aqui, num pequeno estado, os princípios fundamentais de liberdade política e eclesiástica prevaleceram antes de serem ensniados em qualquer das escolas de filosofia da Europa. Naquele tempo o povo predizia apenas uma vida efêmera para estes princípios democráticos: sufrágio universal, elegibilidade universal ao ofício, mudança de regentes anualmente, perfeita liberdade religiosa e a doutrina miltoniana dos cismas. Mas estas idéias e estas formas de governo não só se mantiveram aqui, mas precisamente deste pequeno estado estenderam-se por todos os Estados Unidos, conquistaram as tendências aristocráticas na Carolina e Nova Iorque, a Alta Igreja na Virgínia, a teocracia no Massachusetts e a monarquia em toda a América. Deram leis ao continente e, formidáveis pela sua influência

moral, jazem no fundo de todos os movimentos democráticos que agora estão abalando as nações da Europa”.

Reverendo esta sombria história da América, somos constrangidos a perguntar: estas atrocidades tiveram lugar na América, a terra dos livres e o lar dos bravos? Somos constrangidos a fazer esta observação: que o despotismo no governo e o despotismo na religião caminham de mãos dadas, e sempre que rendemos nossa democracia no governo, rendemos nossa liberdade na religião. Testemunhem Stalin na Rússia, Hitler na Alemanha, Mussolini na Itália e admoestem-se firmem-se com os Anabatistas, os rebatizadores dos séculos, que sempre batalharam pela democracia no governo e pela liberdade na religião.

*Eles galgaram a subida íngreme ao céu
Através de perigo, luta e dor;
Ó Deus, graça nos seja dada, a nós,
Para seguirmos nas suas pegadas.*

CAPÍTULO 13 - GUARDA, QUE HOUE DE NOITE?

*“Guarda, que houve de noite?
Guarda, que houve de noite?
O guarda disse: A Manhã
Vem e também a noite.
Se quereis inquirir, inquiri-vós.
Voltai, Vinde!”*

Com mil e novecentos anos de gloriosa história escrita com sangue, alguém pensaria que houve algumas coisas entre os Batistas que foram ajustadas para sempre e que uma dessas coisas seria a questão de receber-se batismo estranho, a qual foi a primeira questão que se levantou para causar uma divisão nas fileiras dos seguidores de Jesus, permanecendo uma questão divisiva através dos séculos. A vigilância eterna é, porém, o preço da liberdade. Uma geração, parece não pode aprender de outra. Cada uma deve aprender na árdua escola da experiência. Nos últimos dias há certos homens que se esgueiraram em nossas igrejas, os quais, por expediente, ou por alguma outra razão, comprometeriam este princípio que pelos séculos tem sido o reduto de nossa fé batista, princípio pelo qual nossos pais morreram.

Que tem sido e qual é a situação nos estados nordestinos da América? O Dr. J. H. Grime deu a resposta a esta pergunta nesta afirmação concisa: “Até menos que um século os Batistas da América, como denominação, ficaram solidamente contra a recepção da *Imersão Estranha*. Dentro da primeira metade do século dezanove o sentimento contrário deu de se impor até hoje, uma porção dentro da denominação a desculparão, enquanto alguns esposam abertamente a causa de *Imersão Estranha*”.

Consideremos a evidência para vermos se esta afirmação está de acordo com os fatos. A Associação de Filadélfia abarcou quase todas as igrejas da Pensilvânia, Nova Jersey, Delaware e Maryland com algumas da Virginia e Nova Inglaterra. Esta Associação foi constituída em 1707. Em 1742 adotaram a *Confissão de Fé de Filadélfia*. Esta, com poucas mudanças, era a antiga Confissão de Fé de Londres. O vigésimo-oitavo Artigo reza como segue: “O Batismo e a Ceia do Senhor são ordenanças de instituição positiva e soberana, indicadas pelo Senhor Jesus, o único Legislador, para serem continuadas na *Sua Igreja* até ao fim do mundo. Estas santas indicações são para serem administradas por aqueles somente que estão qualificados e para o fim chamados, segundo a comissão de Cristo”.

Notai a expressão empregada: “na Sua Igreja até ao fim do mundo”. Se considerarem outras denominações na Sua igreja, concederam-lhe o direito de batizar, por a mesa do Senhor e fazer qualquer outra coisa que Sua Igreja tem o direito de fazer. Se não as consideram “na Sua Igreja”, então lhes negam o direito de batizar. Como interpretaram esta linguagem?

Em 1787, quarenta e cinco anos depois de adotarem este instrumento, a Primeira Igreja Batista de Nova Iorque mandou-lhe esta pergunta: “Deveria alguém previamente imerso por uma profissão de fé em Cristo, apresentando-se à comunidade em uma de nossas Igrejas, ser recebido ao seu batismo, administrado por um que não foi batizado por imersão?” A matéria foi deixada por um ano e na próxima reunião deram esta resposta: “Julgamos tal batismo *nulo e falho*”. Isto porém, é um caso. Muitos outros há que podiam ser dados. Outra vez pelo tempo esta velha Associação recusou-se considerar a imersão estranha. E não só isso: recusaram-se considerar a ordenação estranha. Um tal Henry Loach, pregador presbiteriano, unido à Igreja Batista Memorial de Filadélfia, foi batizado pelo pastor, Dr. Henson. Convocou-se um concílio para considerar esta ordenação. O Dr. J. Wheaton Smith apresentou uma resolução reconhecendo e endossando a validade da ordenação presbiteriana. Isto levou a uma discussão acesa e a votação foi de dois a favor e cincuenta contra.

O Dr. Spencer H. Cone, em 1845, foi pastor da Primeira Igreja Batista da Cidade de Nova Iorque. As citações seguintes são de uma carta que ele escreveu a outra igreja sobre a mesma pergunta: “Caros Irmãos: A pergunta que fazéis me foi apresentada em julho pelo Irmão Tripp, Jr., de vossa igreja. Respondi que, na minha opinião, o batismo válido só podia ser administrado por um ministro devidamente autorizado. Também afirmei minha impressão que as igrejas batistas regulares da Inglaterra e dos Estados Unidos tinham sustentado o mesmo sentimento. Primeiro, então, que tem sido o sentimento das igrejas batistas regulares da Inglaterra e dos Estados Unidos sobre este assunto? Os ministros e mensageiros de mais de cem congregações batistas da Inglaterra e de Gales (negando o arminianismo) reunidos em Londres, de 3 a 11 de julho de 1689, publicaram o que chamam “A Confissão de Fé” e recomendaram seu exame, não só uns membros de nossas igrejas, mas a todos os outros cristãos que de nós diferiam. Entre estes ministros tendes os nomes de Knollys, Kiffin,

Keach, Collins, Harris, Gifford, Vaux, Price, Finch e uma hoste de outros, cujo louvor estava em todas as igrejas batistas regulares, a saber, os opositos à redenção geral e à comunhão livre. Sob a epigrafe “batismo”, entre outras coisas, sustentaram que seja administrada *somente* pelos que estão qualificados e para isso chamados.

“Formou-se a Associação de Filadélfia em 1707 e adotou com alteração a Confissão de Londres de 1689, de modo que, nos E. U. A., tem ido com o nome de Confissão de Fé de Filadélfia. Desde esse período o mais das associações nos estados centrais se tem formado sobre o mesmo programa. A Associação de Nova Iorque, organizada em 1791, tem sempre sustentado as idéias que eu advogo. Em 1821, o ponto particular perante nos foi discutido e resolvido em resposta a um inquérito de uma das igrejas, igual ao contido em vossa carta. O Sr. Parkinson foi indicado para escrever uma carta-circular sobre o batismo na qual ele mantinha a imersão de crentes professantes por um ministro batista como essencial ao batismo evangélico”.

“Após adoção desta circular, passou uma resolução sustentando que, conquanto consideravam a consulta suficientemente respondida na circular, ainda assim, lembram a opinião da Associação: que as igrejas batistas fariam melhor em nunca receberem pessoas, quer como membros ou mesmo como comungantes transitórios, sobre tal batismo, a saber, por administrantes inimersos. Muitas razões se entrozam na resolução de sustentar a opinião dada, como a desunião, inconveniência, inquietude, etc., que sempre se tem levantado nas igrejas que recebem tais membros. Mas a base de sua opinião está assim assentada em palavras plenas: “Administrantes pedobatistas, tanto quanto podemos ver, estão ignorados nas Santas Escrituras. E isso é só tanto quanto posso ver e nada mais”.

“A Primeira Igreja nesta cidade, da qual sou pastor, foi fundada em 1745 e, como a Bíblia não mudou, ela ainda adere à sua confissão de fé original. O artigo sobre o batismo, encerra-se assim: “Que nada é uma administração *escriiturística* do batismo senão uma imersão total do candidato na água em nome da santa Trindade por um homem devidamente autorizado a administrar ordenanças evangélicas”. Mateus 28:19-20. Atos 2:40-42. A ação desta igreja durante um século tem sido a de rejeitar, como inválido, o batismo administrado por um celebrante inimerso. Durante minha residência em Maryland e Virginia, as Associações de Baltimore, Columbia e Kectocon (que eu frequentei por oito ou dez anos e fui pessoalmente conhecido por todos os ministros pertencentes a elas) sustentaram o mesmo sentimento. O assunto foi invocado na Associação quando eu era pastor da Igreja Batista de Alexandria, D. C., assim: Um Sr. Plummer, do Oriente distante, batista liberal, ou cristão, como ele a si mesmo se chamava, imergiu um número de pessoas na Virginia e fundou uma igreja batista. Batizou em o nome do Pai, do Filho e do Espírito e todavia negava a divindade do Filho. Num ano ou dois ele partiu de nossas fronteiras, os seus discípulos debandaram. Alguns destes, realmente convertidos, desejaram ligar-se com alguma igreja batista na vizinhança. A igreja e o pastor da igreja de Alexandria, estando satisfeitos com a experiência cristã e o comportamento de dois deles, recebeu-os por batismo por mim administrado em nome de nosso Deus, Pai, Filho e Espírito, coiguais e coeternos, não mas considerando o seu batismo por Plummer como batismo cristão do que deveríamos se tivessem sido batizados por um mulçumano em nome de Maomé. Estas associações, pois, sustentaram que o batismo válido deve ser administrado não só por um ministro imerso senão também *em boa e regular relação dentro de nossa denominação*.

Na primeira parte de nosso ministério fui intimamente conhecido de Gano, Baldwin, Holcomb, Staughton, Williams, Richards, Fristoe, Mercer e muitos outros agora na glória. Não lhes ouvi nunca insinuar, sequer, que o batismo por um ministro pedobalista abrisse a porta de uma igreja batista regular. Tratos indispensáveis obrigam-me a terminar. Que haja agora muitos pastores e igrejas opositos às minhas idéias, sei, dolorosamente o sei, mas tudo isto não me convence de que nossos pais estiveram enganados nesta matéria. Devo ser feito outra vez de novo antes que eu diga ser isso batismo válido quando nem o administrante, nem os que o ordenaram, creram no batismo de crentes como qualquer parte da comissão e nunca se submeteram ao mesmo em obediência ao mandamento do Rei de Sião.

Afetuosamente,
Vosso irmão nos vínculos do Evangelho
S. H. CONE.

Nova Iorque, 30 de setembro de 1845.

Há algumas coisas nesta carta para as quais eu especialmente chamaria vossa atenção. Uma é que aqui estava uma igreja cujo pastor afirma que, em 1845, que há cem anos ela esteve firme solidamente contra a imersão estranha. Essa foi a Primeira Igreja Batista da Cidade de Nova Iorque. Segundo, que o pastor vivera previamente em Maryland, Virginia,

Baltimore, Columbia e Ketocton, nas suas Associações, conheceu delas todos os ministros e todos sustentavam a mesma idéia sobre imersão estranha. Terceiro, que em 1845 alguns dos que sustentavam idéia diferente estavam esgueirando-se na denominação. Quarto, que os nossos pais opuseram-se à imersão estranha, que a Escritura não mudara e, portanto, ainda que alguns batistas assim chamados tivessem apostatado, ele não estava convencido de que nossos pais estiveram enganados, que a Escritura deveria ser violada só para agradar aos homens e conciliar as outras denominações.

Aí, Aí de mim! A que chegamos nestes últimos dias! Quando a Igreja de Riverside na Cidade de Nova Iorque ignora inteiramente a questão do batismo, advogando a comunidade franca e por todo o Norte centenas de igrejas batistas assim chamadas que não enfatizam o administrante, mas concedem que outras denominações tanto são igrejas de Cristo como os batistas e tem tanto direito de administrarem o Batismo e a Ceia do Senhor como os batistas. Não admira que em o Norte a causa batista fornece o número de batistas não emparelha com o de outras denominações que ensinam o erro juntamente com um mínimo de verdade.

“E ao anjo da igreja de Éfeso escreve: “Estas coisas diz Aquele que empunha na Sua destra as sete estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro. Sei tuas obras, o teu trabalho, a tua paciência, e como não podes aturar os maus; e provaste os que dizem ser apóstolos e o não são; achaste-los mentirosos. Sofreste e tens paciência; trabalhaste pelo meu nome e não te cançaste. Não obstante, tenho algo contra ti; que deixaste o teu primeiro amor. Lembra-te, pois, donde decaíste e arrepende-te e pratica as primeiras obras; senão, brevemente a ti virei e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se te não arrependeres. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus”.

CAPÍTULO 14 - RETENDE ATÉ QUE EU VENHA

Falamos dos batistas das Associações de Filadélfia e Nova Iorque, sua atitude para com a *imersão alheia* até 1850. Viemos agora falar de outras seções do país. Da Associação de Dover, Virginia, reunida em 1844, temos este arquivo: “Pelos que muitos indivíduos que foram imersos por um ministério pedobatista desejam unir-se com a Igreja Batista Africana em Williamsburg, e a igreja deseja conselho quanto à propriedade de sua recepção: Resolve, portanto, que, em vista do conselho buscado pela Primeira Igreja Batista Africana de Williamsburg, recomendamos, segundo decisão desta Associação na sua reunião em Clark’s Neck, e subsequentemente era Emaus, que os indivíduos referidos *não sejam recebidos*”. Esta é a Associação a que pertenceram Broadus, Jeter e Ryland.

A Associação de Sandy Creek na Carolina do Norte, foi constituída em 1758 e é a terceira mais velha nos E. U. A. Em 1839 veio-lhes esta consulta da Igreja de Pleasant Grove: “É consistente com o espírito do Evangelho e segundo as Escrituras qualquer Igreja Batista Regular receber na sua comunhão qualquer membro ou membros de outra denominação que tenham sido batizados por imersão, sem rebatizá-los”?

Resposta: “Pensamos que não é. O voto deste inquérito foi unânime. Os batistas são a única denominação que não estão culpados de cisma, de fazerem divisão quando vieram a existir. Eles existem antes de qualquer denominação pedobatista agora em existência. Os batistas nunca bandearam de qualquer outra denominação. Todas as outras bandearam de Roma ou doutra: fizeram uma divisão quando vieram a existir: em vez de receberem o seu batismo como válido, são para serem marcados e evitados por causarem divisões. Romanos 16:17.

Não podemos admitir a validade do seu batismo sem admitirmos que eles são verdadeiros escriturísticos, igrejas evangélicas; se fazemos isto, nós nos desigrejamos, porque Deus jamais estabeleceu ou autorizou senão uma só denominação cristã. Ele não é autor de confusão, ou de igrejas antagonísticas. Os batistas são a *única denominação* que pode pretender descendência das igrejas apostólicas, ainda que a igreja perseguida e testemunhante que fugiu para o deserto por 1260 anos. Apocalipse 12:6 e 14.

Que os Batistas descenderam desta verdadeira igreja suscetível é da mais clara prova. Isto não é verdade de qualquer outra denominação. Sabemos todos, o dia quando, e o homem ou homens que as levantaram, e nenhuma existiu antes de 1500 AD. As ordenanças não podem ser validamente administradas ao mesmo tempo por batistas e pedobatistas. Deus não é autor senão de um deles, consequentemente não podemos receber batismo administrado por eles sem repudiamos as ordenanças administradas por nós mesmos”.

Não é necessário comentário; todavia, adicionaríamos uma consulta; Se essa é a fé de nossos pais, e a Associação da Carolina do Norte assim o diz, é essa vossa fé?

Tão cedo como 1773 estabeleceu-se uma colônia de batistas no que eram então conhecidos como êrmos da Georgia, dos quais o Rev. Lewis de Margate, Inglaterra disse: “Estes são os descendentes dos Anabatistas moravianos nas novas plantações da Georgia”. A primeira igreja estabelecida na Georgia foi conhecida por Igreja Anabatista Kioka. A Associação mais antiga no Estado. A Associação de Georgia, permaneceu sempre contra a imersão estranha. A Yellow River, uma das mais antigas associações no Estado, tem na sua confissão de fé este estatuto: “O Batismo na água e a Ceia do Senhor são ordenanças do Evangelho para serem continuadas até à segunda vinda do Senhor e para serem administradas *só por ministros batistas ordenada e regularmente ordenados*”.

Em 1789 Jessie Mercer foi ordenado para o ministério batista. Dr. J. H. Grime diz dele: “Por um longo período de tempo foi ele modorador da velha Associação de Georgia. Foi ele que estabeleceu o Index Cristão. Foi ele que estabeleceu a Universidade de Mercer. Foi ele que depôs os seus milhares no altar para educação e missões, iniciando assim a influência que fez da Georgia o grande Estado Missionário que é. Em 1811 ele escreveu a carta circular da Associação de Georgia sobre *A Igreja e Suas Funções*.

O esboço dos seus argumentos é como segue:

1. A Igreja Apostólica marcha por todos os séculos até ao fim do mundo e é a única verdadeira igreja evangélica.
2. Desta igreja Cristo é o único Cabeça e a verdadeira fonte de toda a autoridade eclesiástica.
3. Os ministros do Evangelho são servos da igreja, são todos iguais e não tem poder de senhorio sobre a herança do Senhor.

Tendo estabelecido estas proposições, ele infere o seguinte:

1. Que todas as igrejas e todos os ministros que se originaram desde os apóstolos, e não sucessivamente a eles, não estão na ordem do Evangelho e, portanto, não podem ser reconhecidos como tais.

2. Todos que se ordenaram para a obra do ministério sem o conhecimento e a chamada da igreja, por papas, concílios, etc., são as criaturas dos que os constituíram e não são servos de Cristo ou de Sua igreja; logo, não tem direito de lhes administrar.

3. Que os que puseram de lado a disciplina do Evangelho e deram leis a igreja, exercendo domínio sobre ela, são usurpadores do lugar e do ofício de Cristo, são contra Ele; logo, não podem ser aceitos nos seus cargos.

4. Que os que administram contrariamente à sua própria fé, ou a fé evangélica, não podem administrar para Deus; uma vez que, sem a fé evangélica eles nada tem a administrar e, sem a sua própria, Deus não aceita nenhum serviço; portanto, as administrações de tais são imposições sem garantia de qualquer modo.

Nossas razões, portanto, para rejeitarmos o batismo por imersão, quando administrados por ministros pedobatistas, são:

1. Que se ligam a igrejas claramente fora da sucessão apostólica, portanto, claramente fora da comissão apostólica.

2. Que derivaram sua autoridade por ordenação dos bispos de Roma ou de indivíduos que tomaram a si mesmos dá-la.

3. Que sustentam nas igrejas mais elevada posição do que os apóstolos sustentaram, não são responsáveis a elas e, por consequência, não julgáveis por elas, mas a si mesmos e entre si mesmos se entendem.

4. Que todos eles, como pensamos, administram contrariamente ao paradigma do Evangelho e alguns, onde a ocasião se ofereça, agirão contrariamente a sua fé professada”.

Ao claro, doutrinário, histórico e irresponsável estatuto supra do Dr. Jessie Mercer ele acrescenta polêmicamente, antecipando as objeções que alguns pudessem levantar ao seu argumento Gibraltar pela fé de nossos pais.

“Mas dir-se-ia que a sucessão apostólica não pode ser firmada e então é próprio agir sem ela. Dizemos que a perda da sucessão nunca pode prová-la fútil, nem justificar alguém fora dela. Os pedobatistas em suas próprias histórias admitem que são dela; nós não, e não nos julgamos a nós mesmos com direito à pretensão até que o contrário seja mostrado claramente. E pensaria alguém que autoridade derivada da Mãe das Meretrizes basta para qualificar para administrar uma ordenança do Evangelho? Serão tão caridosos de não condenar-nos por professarmos o que se deriva de Cristo. E fosse alguém defender ainda mais absurdamente que a ordenação recebida de um indivíduo basta, deixamo-los mostrarem qual é o uso da ordenação e porque ela existe. Se alguém pensar que uma administração que não tem o modelo evangélico é suficiente, deixarão que ajamos segundo a ordem divina impunemente. E se se disser que a fé do candidato é tudo que se necessita, pedimos para exigí-la onde as Escrituras a exigem, isto é, em toda a parte”. Querendo dizer sem dúvida, no administrante bem como no candidato, na igreja que autoriza bem como no administrante”.

Encerramos este record concernente aos Anabatistas e à imersão estranha no Estado de Georgia com este pronunciamento da Convenção Batista de Georgia, reunida em Macon em 1872: “Batismo é a imersão do crente em Jesus Cristo por um *administrante autorizado*, em nome da Trindade. Semelhante batismo é prerequisite à comunhão da igreja e à admissão à mesa do Senhor. Pessoas não batizadas, não sendo membros da igreja, não podem ser investidas de autoridade para administrarem ordenanças; logo, imersões executadas por elas são nulas e inúteis. *A sinceridade do candidato não pode suprir a falta de autoridade do administrante*”.

Viramos agora dos Batistas da Georgia para os da Louisiana. A Associação de Louisiana Concord foi constituída em 1832 e nesse mesmo ano escreveu o seguinte na sua constituição: “Cremos que crentes são os únicos sujeitos próprios e a imersão o único ato escriturístico de batismo. E os únicos administrantes legais da ordenança são os regularmente ordenados, ministros do Evangelho, em ampla comunhão com os batistas unidos”.

A Associação de Red River de Louisiana foi constituída em 1848 e entrosou nos seus artigos de fe o seguinte: “Resolvido: Que na opinião desta Associação um administrante apropriado e qualificado é essencial ao batismo escriturístico”.

“Resolvido: Que a autoridade de uma igreja batista ordenadamente é uma qualificação essencial para autorizar alguém a administrar o batismo”.

“Resolvido: Que as imersões executadas por administrantes não autorizados por uma tal igreja não deveriam ser recebidos pelos batistas”.

Virando para Mississippi, a Associação do Mississippi foi constituída em 1806. Em 1839 escreveram nas suas atas: “Resolvido: Que na opinião desta Associação há tres coisas necessárias para constituírem batismo evangélico, a saber, administrante autorizado, um crente em Cristo e imersão em o nome da Santa Trindade; que aqueles ministros que foram excluídos de nossa comunhão por imoralidade ou heresia não são administrantes apropriados

e, conseqüentemente, imersões administradas por campbelitas, ou mestres reformados (como a si mesmos se chamam) não são batismos válidos”.

Kentucky, o campo de batalha da guerra entre os estados, brancos e índios, foi também o campo de batalha dos batistas. Aqui se infiltram do Norte essas heresias modernas que em o Norte são tão prevaletentes, imersão estranha, comunhão livre e livre fraternidade. Estas ondas de maré alta tem sido rebatidas de tempo em tempo e Kentucky no Sul como uma verdadeira Verdun, afastando estas marés de invasão. Devera o Sul ser grato a Kentucky por repudiar e afastar estas vagas recurreites de heresia moderna.

Antes de assumirmos a história dos Batistas de Kentucky na questão da imersão estranha, desejamos chamar a atenção para o fato que tão tarde como 1784 os Batistas de Kentucky foram chamados Anabatistas pelos historiadores. O Dr. W. D. Nowlin na sua História Batista de Kentucky faz esta interessante exposição: “John Filson, na sua história de Kentucky, data da qual é 1784 diz na página 301, ao falar das maneiras e costumes do povo de Kentucky: Eles tem uma diversidade de maneiras, costumes e religiões que em tempo podem, talvez, ser modificadas para uma só”. Ele então ajunta: “Os Anabatistas foram os primeiros que promoveram culto público no Kentucky”. Vale a pena notar que os Batistas, tão tarde como 1784, foram chamados Anabatistas por este historiador. Isto mostra que a gente agora chamada Batista foram uma vez chamados Anabatistas”.

Elkhorn, a mais velha Associação no Estado, constituiu-se em 1785. Em 1802 vem a esta associação esta pergunta da Igreja Batista de Elkherton do Sul: “Que constitui batismo válido?”

Resposta pela Associação: “O administrante devera ter sido ele mesmo batizado por imersão, legalmente chamado para pregar o Evangelho e ordenado como a Escritura dita; o candidato ao batismo faria uma profissão de fé em Jesus Cristo e seria batizado em o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo por mergulhar o corpo inteiro em água”.

A Associação de Long Run constituiu-se em 1803. Em 1804 veio uma pergunta da Igreja de Union Spring: “E coerente com a ordem do Evangelho qualquer igreja que for membro desta Associação convidar e permitir a um pregador administrar às ordenanças, se não estiver em união conosco, e negar a doutrina sobre a qual estamos constituídos?”

A Associação respondeu inequivocamente: “Não”.

A Associação de Russell Creek, constituída em 1804, passou em 1871 o seguinte: “Resolvido: Que a Associação não considere qualquer pessoa batizada a menos que tenha sido imergida na água em nome da Trindade pela autoridade de uma Igreja Batista regularmente organizada”.

A Associação de West Union, constituída em 1834, trouxera perante ela, em 1846, o assunto da imersão estranha. As igrejas foram avisadas de não receberem aplicantes à fraternidade a menos que tivessem sido legalmente batizados por um ministro batista.

A Associação de Little Bethel, constituída em 1836, teve em 1854 a questão trazida perante eles pela Igreja Liberty e respondeu: “Avisamos as igrejas de nossa Associação de não receberem a ninguém na sua comunhão que não tiver sido batizado por um ministro batista regularmente ordenado”.

A Associação Liberty, constituída em 1840, diz em 1867: “Como algumas igrejas batistas tem reconhecido a validade do batismo de pedobatistas e Campbelitas, recebendo membros dessas congregações sem reimmergí-los, resolveu, portanto, que avisemos e aconselhamos nossos irmãos da Associação de Liberty que se abstenham desse erro e que não deixem de entrar com o seu protesto contra o erro de tais imersões”.

A Associação Greenup, constituída em 1841, passou o seguinte em 1880: “Resolvido: que não nos corresponderemos com outras Associações que receberem imersões estranhas”.

A Associação de North Concord, organizada em 1843, adotou o seguinte em 1873: “Resolvido: que não receberemos nem comungaremos com igrejas que recebem membros de outras denominações sem rebatizá-los”.

O Dr. J. J. Porter no seu debate de Sumpter cita a seguinte carta do Dr. T. T. Eaton, datada de 19 de junho de 1903, quanto à posição dos Drs. Boyce e Broadus sobre a questão de *Imersão Estranha*.

O Dr. Boyce foi muito enfático e pronunciou-se contra a recepção de imersão estranha. Ele batizou o Dr. Weaver, apesar de o último ter sido pastor da Igreja de Chestnut Street, recebido por uma imersão metodista. Um homem que pretendeu se ter convertido antes de receber a imersão de um pregador dos Discípulos, apresentou-se para ser recebido com essa imersão na Igreja Batista de Broadway, Louisville, Kentucky, da qual era então pastor o Dr. L. L. Burrows e o Dr. Boyce membro. O Dr. Burrows estava pronto a receber o homem, mas a isso se opôs o Dr. Boyce e conseguiu desfazê-lo. Repetidamente tenho ouvido o Dr. Boyce dizer que a imersão estranha não devera ser recebida.

Fui pastor do Dr. John A. Broadus de 1 de Maio de 1881 até sua morte em 1895, quase catorze anos. Éramos íntimos como essa aliança sugere. Há muito que não tinha estado em Louisville até que lhe perguntei abertamente se ele favoreceria nossa igreja receber um caso

de imersão estranha, ao que ele respondeu também abertamente: “Não”. Repetidamente conversamos sobre esse e outros assuntos afins, assim como repetidamente ele me disse que a imersão estranha não deveria ser recebida”.

Abarcamos o Sul nesta investigação, mas, antes de encerrar, daremos um exemplo de Florida. Esta é tão cosmopolita que se achará nela Batistas de todas as nuances de crença, mas as igrejas no todo são ortodoxas e leais a fé de nossos pais como aos ensinamentos das Escrituras nesta questão de imersão estranha.

Nas atas da Associação do Condado de Pinellas, Florida, para o ano de 1933, que se reuniu com a Primeira Igreja Batista de Saint Petersburg, achamos esta afirmação: É causa de grande tristeza que certas de nossas igrejas batistas *nestes últimos tempos* hão mostrado uma disposição para desconsiderarem as doutrinas do Novo Testamento e a prática de nossas igrejas batistas regulares por toda a nossa época histórica com referência especialmente às ordenanças de uma igreja novotestamentina.

São os Batistas peculiares em terem sido o único povo que por todos os séculos mantiveram a posição intergiversável que o Batismo e a Ceia do Senhor são as únicas ordenanças dadas a igreja por Cristo, o fundador e Cabeça da igreja. Batalhamos sempre e sempre mantivemos que o batismo válido, ou batismo escriturístico, consiste de:

Um sujeito apropriado: um crente em Cristo.

Um desígnio apropriado: simbolizar nossa morte ao pecado e nossa ressurreição para uma nova vida.

Uma ação apropriada: a imersão do crente na água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Um administrante apropriado: um devidamente autorizado por uma igreja do Novo Testamento.

A História está repleta da mais dolorosa prova que sempre que e onde quer que os batistas enfraquecem e se compromissam a receber imersão estranha por amor de ganharem membros doutras denominações, abrem as comportas do ensino errôneo e práticas perniciosas entre nossas igrejas, todas as quais levam logicamente a comunhão livre e a abolição das igrejas do Novo Testamento, Se isto fosse possível.

A constituição da Associação Batista do Condado de Pinellas provê pela comunhão de igrejas batistas regulares; portanto, afirmamos nossa convicção nas práticas honradas pelo tempo: que a ordenança do batismo é uma ordenança do Novo Testamento, válida quando administrada devidamente por um autorizado por uma igreja do Novo Testamento. É fundamentalmente errado que qualquer indivíduo ou instituição podem usurpar a autoridade dada a uma Igreja do Novo Testamento para administrar suas ordenanças. Não temos mais direito de desconsiderar as Escrituras em referência ao administrante do que teríamos de mudar o modo de batismo”.

Nestas citações de Associações Batistas cobrimos o Norte, Leste e Sul. Não demos senão um pequeno fragmento do material em mão. Se o incluimos todo, este livro teria de ser aumentado muito além dos limites que estabelecemos para ele. Contudo, deu-se bastante para provarem-se conclusivamente tres coisas:

Primeira: que os antigos patriarcas batistas americanos rejeitaram o batismo estranho e pelo que creram houve fundamentos escriturísticos.

Segunda: eles creram que os batistas, ou anabatistas, também o rejeitaram através dos séculos.

Terceira: consideraram aqueles poucos que o aceitarem como trazendo uma inovação inescriturística que foi divisiva, prejudicial e que resultaria eventualmente na desintegração dos batistas.

CAPÍTULO 15 - OS BATISTAS DO TENNESSEE

Os Batistas do Tennessee merecem menção especial, porque aqui viveu e trabalhou durante a última metade do século dezenove aquele sublime e distinto caráter, igual ao qual outro não se tem visto na História Batista Americana e muito duvidamos que se veja outra vez. Referimo-nos ao Ancião J. R. Graves, mestre, Editor, autor e pregador.

J. R. Graves nasceu em Chester, Vermont, a 10 de abril de 1820, e, por causa da morte prematura do seu pai, foi sua mãe deixada viúva com pequenos recursos; seus primeiros anos esvairam-se em régida disciplina na luta contra a pobreza. Converteu-se na idade de 15 anos e uniu-se a Igreja Batista de Springfield do Norte. Lecionou dois anos na Academia de Kingsville, Ohio, e então foi para Kentucky, onde tornou o encargo da Academia de Clear Creek, perto de Nicholasville. Durante quatro anos deu seis horas por dia à aula e oito ao estudo, atravessando um curso colegial sem um mestre. Da Bíblia fez o seu estudo principal, mas, além disto, cada ano dominou uma língua moderna.

Em 1835 mudou-se para Nashville, Tennessee, onde abriu uma escola conhecida por *The Vine Street Classical and Mathematical Academy*. No mesmo ano tornou-se pastor da Segunda Igreja Batista dessa cidade. Enquanto pastor desta igreja, tornou-se editor do Tennessee Baptist e cotinuou a publicar este jornal durante uns quarenta e cinco anos. Como redator era revelante e exerceu uma tremenda influência. “Tres vezes armado é o que tem seu pleito justo”. J. R. Graves teve uma causa justa a defender e ele a defendeu com uma lógica que foi irresistível. Homens como o Dr. Bright, do *New York Baptist Examiner* deu de mão a velhas falácias e aceitou a verdade como Graves a defendeu. *O Tennessee Baptist* numa ocasião teve a maior circulação de qualquer jornal religioso no mundo.

Ele também foi conspícuo como autor. No meio dos seus hercúleos labores escreveu uma quantidade de livros abarcando as maiores discussões polêmicas do século, havendo, nesse sentido, “gigantes naqueles dias”. Eis aqui uma lista de alguns dos seus livros:

O Desejo De Todas As Nações.

O Trilema.

A Resposta do Guarda.

A Primeira Igreja Batista na America.

A Rodinha de Ferro.

A Roda Grande de Ferro.

A Doutrina Bíblica da Vida Mediana.

Exposição do Espiritismo Moderno.

O Velho Balisamento de Terras - Que é ele?

Exposição das Parábolas.

O Batismo de João.

Intercomunhão: Inescriturístico, Contraditório e Apenas Mau.

Sermões Denominacionais.

Além desses, ele compilou numerosos panfletos e tratados, dois hinários, reimprimiu e publicou *A História do Batismo de Robinson*, *A História do Batismo Infantil de Wall*, *História dos Batistas de Orchard*, *Batismo de Stewart* e, coroando tudo, escreveu e publicou *Seven Dispensations*, um capô lavoro de Teologia Sistemática. Na verdade, dele se pode dizer o que Shakespeare disse de César:

“Ó glorioso César! ainda és poderoso,
Teu espírito perambula e vibra nossas espadas
Em nosso próprio ser”.

Julius Caesar, 5:3, 94.

O seu “A Roda Grande de Ferro” moveu poderosa influência e levou não há dúvida, a Igreja Metodista a mudar o seu governo de igreja, de modo que os leigos pudessem ser admitidos a Conferência Geral. Milhares de pedobatistas passaram para os batistas como resultado de sua pena tranchante e de sua poderosa pregação.

A quem quer que tenha dúvidas sobre a questão da imersão estranha e comunhão livre, sugerimos a leitura dos seus livros. Aventuramo-nos a afirmar que, quando aquele um se acabou, se o leitor for esclarecido, não restará vestígio de suas primeiras dúvidas quanto à escrituralidade da posição dos batistas sobre essas questões.

Falamos de Graves como redator e autor, mas a sua maior força foi a de pregador. No seu tempo só houve um homem que dele se aproximou no poder do púlpito e esse foi Richard Fuller. Graves era preeminentemente doutrinário, crendo que as vidas dos homens deveriam ser governadas por grandes princípios como base para grandes ações. “Salvação Pela Graça”

era o tema de sua pregação. “Sangue Antes de Água”, “Cristo Antes da Igreja” foi o seu brado de guerra na sua guerra contra o romanismo, campbelismo e o batismo infantil dos pedobatistas.

Ao passo que pregava as grandes doutrinas, era também um pregador emocional; tinha tremendo poder sobre uma audiência. Num momento os ouvintes rompiam em riso, logo noutro estariam banhados em lágrimas. Há dois exemplos que ilustram o seu grande poder em pregar e que daremos.

Em Waco, Texas, estava em sessão a Convenção Batista do Sul. A casa em que se reunia a convenção estava tão inconfortavelmente ocupada que se fez a sugestão para que a pregação fosse anunciada numa das casas de culto das imediações. De acordo se anunciou que dentro de vinte minutos um proeminente pregador pregaria na Igreja Metodista. Só uns poucos foram, não bastantes para uma congregação. Um segundo pregador foi experimentado com o mesmo resultado. Por fim, o Dr. B. H. Carroll, naquele tempo pastor da Primeira Igreja em Waco, levantou-se e anunciou que o Dr. J. R. Graves pregaria dentro de dez minutos na Igreja Metodista. Houve imediatamente um reboliço e em cinco minutos o grande salão estava repleto até às portas, a casa da convenção quase vazia.

A Convenção Batista do Sul reuniu-se na Igreja Batista do Leste, Louisville, Ky., em 1857. Nessa reunião o Dr. Graves pregou sobre o texto: “O véu do templo rasgou-se em dois, de cima abaixo”. O Dr. S. H. Ford ouviu-o e descreve este sermão no “Repositório” de Fevereiro, 1900: “Depois de descrever o Santo dos Santos, o propiciatório, o dever anual do sumo sacerdote, o véu, etc., dirigiu o pensamento à subida do Calvário visto do templo, observado pelos sacerdotes, o ar trevososo, as rochas se partindo, o terremoto, fazendo o véu e o templo tremerem; então a súbita rotura do vasto véu. Foi sucinto, gráfico e tocante. Prosseguiu para mostrar que o véu fendido foi uma declaração visível e ocular que todas as formas sacerdotais e todos os impedimentos ou intervenções cerimoniais, sacrifícios e purificações foi tudo varrido pela morte de Cristo. O propiciatório foi posto à mostra. Não uma igreja, não um santo ou anjo, pessoa ou pregador, sacerdote ou ordenança, absolutamente ninguém interveio entre a alma contrita e o trono da graça, o propiciatório aspergido de sangue.

“O escritor não tomou nota, mas os seus efeitos foram duradouros. A única vez na sua retentiva em que o seu cabelo pareceu levantar-se atualmente na sua cabeça foi quando ouviu esse sermão. Foi poderoso, positivamente. Graves encerrou numa explosão de eloquência. Pausando, aparentemente sobrecarregado com suas emoções, ou carecendo de palavras com que expressá-las, de mãos erguidas, erguidos olhos, ele exclamou:

“O tu, bendito propiciatório! Escondido através dos séculos pela nuvem de pecado, o véu da ira, o caminho para o lugar santo está aberto, a glória que te coroa pode ser aproximada e obtida a bênção. Oíço a voz do Eterno provinda dos mistérios recessos, dizendo: Vinde a Mim, não o anjo ou santo, ou sacerdote, ou pregador, ou igreja, ou ordenança, vinde a Mim e sede salvos, vós, todos os confins da terra, e, O Cordeiro de Deus, eu venho, eu venho!”

“O sermão foi ouvido pelos maiores homens na convenção, tais como Boyce, Jeter, Burrows, Howell, Manly e outros, que disseram ser o melhor jamais pregado aos seus ouvidos”.

A 26 de junho de 1893 o Dr. Graves dormiu. Sua posição sobre o batismo e a imersão estranha foi claramente exposta em muitos dos seus sermões e publicações.

No seu sermão sobre o batismo ele diz: “Agora, que o batismo cristão tem sido e ainda é considerado como o ato da parte do professando professando *a fé da igreja batizante*, se verdadeiro ou falso, está provado pelo fato que, do terceiro século em diante, os catecúmenos, aqueles sob instrução para o batismo, requeria-se-lhes repetir o credo da igreja e então fazia-se-lhes invariavelmente a pergunta: “Quereis ser batizado nesta fé?” isto é: “Desejais professar aquilo a que vos prendeis, receber e para vossa salvação descansar sobre ela?” Só pela resposta do candidato: “Quero” é que o batismo era administrado. O sujeito do batismo, então, não professa qualquer fé particular que ele possa entreter, mas sempre a *fé da denominação que o batiza*”.

Inquiramos agora em que batiza a Igreja Cristã dos Discípulos. Diz o Sr. Alexandre Campbell: “Por e pelo ato do batismo, logo que nossos corpos são postos sob a água, nesse mesmo instante todos os nossos primeiros ou velhos pecados se lavam”. *Christain baptism*, pg. 100.

“A crença deste testemunho é o que nos impele para água, sabendo que a eficácia do Seu sangue é para ser comunicada as nossas consciências no modo que Deus se agradou indicar. Não vacilemos na promessa, mas fugimos para a sagrada ordenança que trouxe o sangue de Jesus em contacto com as nossas consciências. Sem saber e crer isto e nisto, a imersão é uma nóz quebrada: lá está a casca, mas o miolo está faltando”. Ob. cit, pg. 521.

“Os discípulos da Igreja Cristã, dos Discípulos, portanto, unem-se com os mestres de um cristianismo apóstata em colocarem a água antes do sangue, trazendo assim um pecador não perdoado e não regenerado ao batismo dágua como o sacramento da salvação. Seguramente

nenhuma igreja de Cristo pode endossar esta doutrina perniciososa por receber os imergidos por católicos ou “discípulos” como escriturísticamente batizados sem que ela mesma rejeite a fé evangélica”.

Tais são a entrega e o ultimatum de J. R. Graves sobre o assunto da imersão alheia. Estiveram os batistas do Tennessee de acordo com esta idéia do Dr. Graves sobre o assunto do batismo? Examinemos os arquivos.

A Associação de Salem, em 1844, adotou o seguinte: “Ao passo que a Associação Freedom de Kentucky propôs uma correspondência conosco; resolvido, portanto, que mandemos uma carta amistosa e delegados para os informar que estamos prontos em nos correspondermos com eles, provido que corrijam o erro de uma de suas igrejas de receberem na sua comunhão membros que foram imergidos por administradores inautorizados”.

Outra vez, em 1850, a mesma Associação de Salem adotou o seguinte: “Resolvido que as igrejas sejam avisadas a não receberem aqueles senão os que tiverem sido batizados por profissão de sua fé em Cristo por um administrador legal; que consideramos legal só o que age sob a autoridade de uma igreja batista regular organizada segundo o modelo do Evangelho”.

O leitor notará que a primeira ação desta Associação foi tomada um ano antes da vinda do Dr. Graves ao Tennessee de modo que os batistas do Tennessee eram sãos mesmo antes de sua vinda, não podendo ele ser acusado de influenciá-los em contrário à sua prévia fé.

A Associação Western District foi constituída em 1823. No artigo XII de sua constituição acha-se o seguinte: “Ninguém senão quem tenha sido batizado por um ministro batista regularmente ordenado tem o direito à fraternidade ou comunhão da igreja”.

O ancião James Whitsitt foi o avô do falecido Dr. William Whitsitt, do Seminário de Louisville. Foi considerado como o historiador dos batistas antigos do Tennessee. Morreu em idade avançada e logo antes de morrer, aí por 1848, escreveu um habil trabalho sobre a *imersão estranha para a Southern Baptist Review*. Entre outras coisas, disse: “Objetamos ao recebimento do batismo de pedobatistas, porque o achamos uma inovação perigosa. Não nos lembramos de a história dos batistas fornecer um exemplo de tal espécie e estamos bem seguros que o senso comum e a piedade dos batistas foram tão fortes há um século como são agora.

Esta questão que temos perante nós deve ser uma recém-vinda. Esperamos que não será muito obstrusiva. Dizemos outra vez, pensamos que esta é uma inovação perigosa”.

Assim este grande e piedoso historiador batista do Tennessee diz que não havia exemplo dela na história batista e que era perigosa inovação. Ele escreveu e estava pronto para morrer quando J. R. Graves veio ao Tennessee, de modo que o Dr. Graves não pode ser acusado das convicções dele, antes tornou o manto do defensor da fé caído dos seus ombros quando ele passou à glória, Ilustrado e honrado Tennessee, ter tido dois homens tais como o Dr. J. R. Graves e o Ancião James Whitsitt habitando dentro de suas lindes e passando a espada da verdade de mão em mão!

“E quando a bárbara morte destruidora,
Conspirante aguarda no meio do meu caminho,
Engano-a com um torrão, um fôlego,
E passo a espada de mão em mão”.

CAPÍTULO 16 - ESTA INOVAÇÃO PERIGOSA

Esta inovação perigosa é o que o Ancião James Whitsitt chamou *a imersão estranha* ao falar dela quase há um século. Neste capítulo final reveremos o solo que palmilhamos nas páginas precedentes e finalmente temos algo a dizer desta *inovação perigosa*. Daríamos, logo, como um esboço destas últimas páginas, o seguinte:

1. A Imersão Estranha é Inescriturística.
2. A Imersão Estranha é Contrária à Fé de Nossos Pais.
3. É Uma Inovação Perigosa.

A imersão estranha é inescriturística.

O artigo código Juliano usou desta expressão: “Specificatio unius exclusio alterius”. A especificação de uma coisa é a exclusão de toda outra coisa. O próprio sentido da palavra “*estranha*” a condena. Estranha a que? Respondemos: estranha ao que está ensinado na Palavra de Deus, estranha à igreja que Jesus edificou. Se estranha, então, sem autoridade. Se sem a autoridade de Cristo, então, absolutamente sem batismo.

Seria estranho, na verdade, se Cristo tivesse mandado o povo em todo o mundo ser batizado e no mesmo tempo deixasse de fazer provisão para aqueles que fossem efetuar o batismo. Mas Ele fez provisão, como procedemos a mostrar e, com a especificação de algum meio, a exclusão de todos os outros. São estranhos e como estranhos são sem autoridade.

Estudemos os exemplos de batismo em o Novo Testamento e vejamos se foram administrados de acordo com esta posição. Todos estes exemplos mostrarão que o administrante em todo caso estava agindo diretamente pela autoridade de Cristo, ou pela Igreja que Ele edificou.

O primeiro exemplo é o de João Batista. Ele não o tomou por sua conta, mas diz que foi enviado de Deus para aquele propósito: “E eu não O conhecia, mas o que me mandou a batizar na água, o mesmo me disse: Aquele sobre quem vires descer o Espírito e pousar sobre ele, o mesmo é o que batiza no Espírito Santo”. João 1:33. Jesus, para que pudesse ser batizado por um que tivesse autoridade, andou umas sessenta milhas até João que estava batizando no Jordão. Jesus, evidentemente, pensou que era importante um administrante apropriado.

O exemplo seguinte é aquele dos discípulos de Jesus. Fala-se do seu ato de batismo como atos de Jesus mesmo e os de Jesus como deles. João 4:1-2. Eles devem ter batizado, portanto, por Sua autoridade.

O terceiro exemplo está no dia de Pentecostes. Aqui a Igreja estava em ação. O pregador estava pregando com poder, o Espírito Santo estava convencendo do pecado, milhares estavam sendo batizados, milhares estavam sendo salvos e todos que foram salvos foram batizados. É impensável e não há um tiquinho de evidência que os salvos foram batizados por alguém a quem Cristo não dera autoridade.

O quarto exemplo é o dos samaritanos que foram batizados após a pregação de Filipe. Filipe batizou o eunuco mais tarde e ele deve ter batizado os samaritanos também, quer sob a autoridade direta do Espírito, que o mandou pregar ao eunuco, ou, mais provavelmente sob a autoridade da Igreja de Jerusalém, da qual ele era membro e diácono.

Outro exemplo é o de Saulo de Tarso. Foi-lhe mandado pelo Senhor Jesus mesmo pregar-lhe. Quando o enviado disse: “Levanta-te e sê batizado”, é inimaginável que Paulo foi a algum outro para ser batizado.

Temos então o batismo de Cornélio. Certos irmãos, provavelmente da Igreja de Jerusalém, foram de Jope a Cesaréia com Pedro. Quando Pedro pregou e Cornélio com sua casa se converteu, Pedro submeteu ao voto desses irmãos a questão de os batizar, os quais irmãos estavam revestidos de autoridade para decidirem a matéria pela igreja de Jerusalém, da qual eram membros; após a votação, ou Pedro os batizou, ou foram batizados por alguém da comitiva autorizada a fazê-lo. Impensável é que foram batizados por algum estranho não da comitiva de Pedro que nada soubesse do sentido e da significação do batismo.

Vimos agora a conversão e batismo de Lídia. Paulo e Silas estavam ambos presentes. Um deles a deve ter batizado com a autoridade da igreja que os mandara. O mesmo é verdade do carcereiro e sua família.

O último exemplo é o dos doze em Éfeso, que se converteram pela pregação de Apolo de Alexandria, e não tinham sido batizados na fé devida. Também aqui o batismo foi executado por alguém com autoridade divina.

Estudai estas passagens cuidadosamente e confirmar-se-á a convicção que Deus não mandou que os salvos fossem batizados e então deixou de prover batizadores com autoridade a quem pudessem dirigir-se tanto como Jesus foi a João. E tanto pelos exemplos achados nas Escrituras.

A Imersão Estranha É Contrária à Fé de Nossos Pais.

Agora, que há sobre a fé *de nossos pais*? Pela história temos mostrado claramente que eles foram armados cavalheiros anabatistas e sofreram durante mil seiscientos anos porque ousaram dizer a Roma e aos protestantes que a ordenança do batismo foi dada à igreja que Jesus edificou: que outras que não foram Sua igreja não tiveram o direito de administrar Sua ordenança e, não tendo o direito, o seu batismo era inválido. A história não foi escrita pelos anabatistas mesmo, mas pelos seus inimigos. Zuínglio, reformador suíço, contemporâneo de Lutero, diz: “A instituição do anabatismo não é nenhuma novidade, mas por mil e trezentos anos tem causado grande perturbação na igreja e adquiriu tal energia que a tentativa nesta época de batalhar com ela pareceu fútil por algum tempo”.

Foi isto escrito em 1525 e leva a história batista, segundo este historiador, ao ano 225 A. D.

O Cardeal Hosius, presidente do Concílio de Trento, o mais culto e poderoso católico do seu tempo, escreveu em 1560: “Se a verdade da religião fosse para ser verdadeira pela prontidão e alegria com que um homem de qualquer seita mostra no sofrimento, então a opinião de persuasão de nenhuma seita pode ser mais verdadeira e segura do que essa dos Anabatistas, desde que não tem havido ninguém durante este mil e duzentos anos que haja sido mais geralmente punidos, ou que tenha mais alegre e firmemente provado, e mesmo se oferecido à mais cruéis espécies de castigos do que essa gente”.

Esta declaração deste inimigo católico leva a história batista até 360 A. D.

A Encyclopédia de Conhecimento Religioso tem isto a dizer: “Os batistas, que foram primeiramente chamados anabatistas, e mais tarde menonitas foram os originais valdenses que por muito tempo na história receberam a honra dessa origem. Por causa disto, os batistas podem ser considerados a única comunidade cristã que têm permanecido desde os apóstolos e que tem conservado puras as doutrinas do Evangelho por todos os tempos”.

Que testemunho aos batistas, não só quanto à sua sucessão apostólica com à sua conservação e transmissão das grandes doutrinas bíblicas por todos os tempos.

O grande historiador luterano, Mosheim, escreve: “A verdadeira origem dessa seita, que adquiriu o nome de anabatistas, por administrar de novo o rito do batismo aos que lhe vinham à sua comunhão, esconde-se nas profundezas remotas da antiguidade e é, conseqüentemente, extremamente difícil de ser acertada”.

Com esse testemunho de nossos inimigos perante nós, seguramente nenhum batista negaria outra vez em tempo algum a sucessão batista, ou trataria com indiferença, ou se oporia às grandes doutrinas de nossos pais que os levaram a dar suas vidas para que elas se perpetuassem e mantivessem.

Um estudo da história mostra que, cronologicamente, o ataque ao modelo divino se deu como segue: primeiro, ao administrante; Segundo, ao candidato e ao desígnio e, finalmente, ao modo. O primeiro é um ataque à autoridade; o segundo à salvação pela fé, introduzindo a salvação batismal e o batismo infantil; o terceiro, um ataque ao Evangelho como proclamado no ato, destruindo tanto o modelo como a verdade que ele proclama ao mundo.

Todos estes são importantes. Sempre que achamos um “Assim diz o Senhor”, não nos compete dizer que um mandamento é mais importante que outro. Contudo, há batistas, escritores, que devotaram volumes a defesa do modo, mas não tiveram nada a dizer sobre o administrante. Outros há que pretendem ficar neutros no assunto do administrante. Neutro num assunto em que a Bíblia fala com tanta autoridade! Neutro no assunto pelo qual nossos pais deram aos milhares seu sangue vital e foram queimados vivos! Ó Pai misericordioso! quando os contemplamos tangidos a morrerem de fome e frio nas montanhas, suas criancinhas na penúria, gélidas, agarrando-se aos peitos maternos, ou empaladas e agonizantes pelas espadas de ímpios emissários enviados de Roma, ou, talvez, atiradas de um precipício para se desfazerem em pedaços nas rochas embaixo, tornando-se alimento de corvos famintos; quando contemplamos tudo isto, devemos concluir com estes *modernos inovacionistas* que nossos pais foram fanáticos, ignorantes sucumbindo por uma fé para a qual não há fundamento nas Escrituras? Que por quase mil e oitocentos anos de história cristã estiveram enganadas, leram errado suas Bíblias, morreram em vão quando foram enxotados e gelaram nas frias montanhas, afogaram-se em rios furiosos, frigiram vivos nas chamas?

Sim, triste de dizer, há os que nestes tempos modernos nos ensinariam isto, ou, se não isto, diriam que, porque o Dr. Cheirafungo ou o professor Medroso-de-Sua-Sombra crê assim e assado, melhor fariamos nós em guardar silêncio e em não açularmos divisão.

“E veio a mim a Palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, fala aos filhos do teu povo e dize-lhes: quando eu fizer vir a espada sobre a terra e o povo da terra tomar um homem de suas costas e o constituir por seu atalaia e ele vir que a espada vem sobre a terra, e tocar a trombeta, e avisar o povo, e aquele que ouvir o som da trombeta não se der por avisado, e vier a espada e o tomar, o seu sangue será sobre a sua cabeça. Ele ouviu o som da trombeta e não se deu por avisado; o seu sangue cairá sobre ele; mas o que se dá por avisado, salvará a sua vida. Porém, quando o atalaia vir que vem a espada e não tocará a trombeta, e não for avisado

o povo, e a espada vier, e levar uma vida dentre eles, este tal foi levado na sua iniquidade, porém o seu sangue demandarei da mão do atalaia. A ti, pois, ó filho do homem, te constitui por atalaia sobre a casa de Israel, dizendo eu, pois, ao ímpio: Ó ímpio, certamente morrerás; e tu lhe não falares, para dissuadir ao ímpio do seu caminho, morrerá esse ímpio na sua iniquidade, porém o seu sangue eu o demandarei da tua mão; mas, quando tiveres dissuadido ao ímpio do seu caminho, para que se converta dele e ele se não converter do seu caminho, ele morrerá na sua iniquidade, porém tu livraste a tua alma”.

Não é melhor livrar a alma de alguém, mesmo que alguém morra por ela, se preciso for, do que compromissar a verdade eterna de Deus e ter o sangue de outros sobre nossas mãos?

“E um dos anciãos respondeu, dizendo-me: “Estes que estão vestidos de trajos brancos, quem são e donde vieram? E eu lhe disse: Senhor, tu sabes. E ele me disse a mim: estes são os que vieram de grande tribulação e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro. Por isso estão diante do trono de Deus e O servem de dia e de noite no Seu templo; e aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a sua sombra. Não mais terão fome, nem mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles; porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e lhes servirá de guia para as fontes vivas das águas e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima”.

Não admira que o Ancião James Whitsitt do Tennessee e os irmãos do seu tempo chamou a isto brincar com a Palavra de Deus e a fé de nossos pais uma inovação perigosa. Tudo quanto for inescriturístico será perigoso. As Escrituras são um guia completo para a vida religiosa de qualquer um, vida de negócio, vida social, física e intelectual. Se uma coisa é ordenada, as estranhas são proibidas. Se nas Escrituras Deus deu um plano para financiar o reino, outros planos são inescriturísticos, deshonrosos e perigosos a Deus.

Temos grupos hoje que estão buscando financiar o reino de Deus por prostituírem a fins comerciais a igreja que Jesus edificou. Deus removerá de tais igrejas o castiçal de ouro e retirará delas o Seu espírito, a menos que se arrependam. Tais igrejas se tornarão organizações sem poder espiritual, tendo perdido a paixão pelas almas. Nosso Senhor não endereçou a uma tal igreja em Éfeso, quando Ele fez João escrever ao anjo da igreja de Éfeso?

“Tenho algo contra ti, porque deixaste o teu primeiro amor. Arrepende-te e pratica as primeiras obras, ou então virei a ti e removerei o castiçal de ouro, a menos que te arrependas”. A primeira obra de qualquer igreja, ou de qualquer alma salva, para essa matéria, é buscar o perdido. É um dia triste para qualquer igreja quando perderam a paixão pelas almas, quando suas organizações gastarão horas em seguir esquemas inescriturísticos, comerciais para levantarem dinheiro e não darão uma hora a oração e buscar o perdido.

Temos igrejas e grupos assim que um dia despertarão e saltarão do colo comercial de Dalila, cortados na sua energia e no seu poder e como Sansão não perceberão que o Espírito do Senhor partiu deles.

O que é verdadeiro neste caso de financiar o reino é verdade de toda a coisa estranha que fazemos no Reino de Deus que não está de acordo com o modelo dado na Palavra. Deus disse a Moisés quando ele estava prestes a edificar o tabernáculo: “Fique seguro que o façás segundo o modelo a ti mostrado no monte”.

Assim com o batismo. Deus nos deu um plano a seguirmos. O batizando deve ser um crente. O ato deve ser a imersão. O desígnio deve se mostrar a fé do batizando, mas, mais especialmente, a fé da igreja administrante. O administrante deve ser um autorizado por Cristo mesmo. Isto é o modelo. Qualquer saída deste modelo é deshonra a Cristo e operará desastre, como com Usias quando estendeu a mão para deter a arca.

Falamos de união da igreja, contudo todas as divisões na cristandade ocorreram por causa das partidas do plano escriturístico do batismo. Primeiro veio a divisão entre as igrejas post-apostólicas que se chamaram anabatistas e as que depois foram para formarem as igrejas Católica Romana e Católica Grega, quando a corporação post-apostólica negou o direito de uma corporação corrupta administrar batismo válido e insistiu em batizar todos que lhe viessem dessa corporação corrupta. Esta divisão alargou-se quando aí uns cem anos mais tarde esta mesma corporação Católica Romana começou a batizar criancinhas, quebrando o modelo escriturístico que o batizando deve ser um crente. Cem anos mais tarde alargou-se ainda mais, quando esta mesma corporação mudou o modo de batismo de imersão para aspersion, porque este era mais conveniente, e estabeleceu a doutrina perigosa que a igreja tem mais autoridade do que as Escrituras e pode mudar as Escrituras se ela o quiser. É assim a apostasia prosseguiu e porque os anabatistas protestaram contra essas coisas os rios da Europa correram vermelhos com o seu sangue, que morreram antes que fazerem compromisso com a Palavra de Deus.

Foram-se mil e trezentos anos, vindo então a Reforma protestante. De uma Roma corrupta vieram os luteranos, os calvinistas (presbiterianos) e, um pouco mais tarde, os seguidores de Henrique VIII, os episcopais, purgados de muito que era corrupto, mas trazendo com eles a forma corrompida de batismo da igreja de Roma, que se corrompera em

todos os quatro essenciais: o administrante, o modo, o desígnio e o sujeito.

A tragédia da reforma foi que essas corporações protestantes, quando vieram de Roma, não andaram o caminho todo até aos anabatistas, aceitando o batismo de suas mãos, repudiando o seu batismo infantil e a aspensão que tinham recebido das mãos de Roma. Teríamos então apenas duas corporações religiosas: anabatistas e católicos.

Quem é o responsável pela divisão da cristandade; o batista que tem permanecido com um batismo escriturístico desde o tempo dos apóstolos, ou os seguidores dessas corporações protestantes que vieram só até uma parte do caminho de volta à posição escriturística?

Há os que estão proclamando unionismo e dizendo que a nossa posição contra a imersão estranha está dividindo a Cristandade: mas, mesmo assim, que cedermos para virmos para eles? Cedermos a Bíblia com o princípio pelo qual nossos pais morreram, que Cristo edificou Sua igreja e lhe deu as ordenanças para guardar e administrar? Que outros não tem autoridade oficial para batizarem e que sem autoridade o seu batismo é inválido? Ou cedermos o modo de batizar ou o ensino escriturístico que o candidato deve ser um crente, aceitando o batismo infantil? Ou nos uniremos com Alexandre Campbell e Roma apóstata em mudar o desígnio? Aceitando a doutrina que o batismo é essencial a salvação, que a água vem antes do sangue, que alguém entra na água alma perdida e emerge nascido da água e do Espírito? Quais dessas doutrinas bíblicas cedermos? E quando os cedemos por amor da união, não nos unimos com o cristianismo apóstata em negar a fé e destruir o modelo que Deus nos deu?

Por que Deus quis que Moisés estivesse certo de fazer o tabernáculo segundo o modelo? Passaria Moisés e todos que então viviam passariam, mas o tabernáculo prosseguiria de geração em geração testemunhando a verdade que Deus queria ensinar na construção peculiar do tabernáculo.

“Que importa tanto sobre o batismo, seja como for”, diz um, “desde que o batismo nada tem a ver com a salvação? Por que não despedí-lo inteiramente, se é o batismo que divide a cristandade?”

Porque o batismo apresenta a verdade divina que Deus quer apresentada dessa maneira através dos séculos: uma fé pessoal, morte para o pecado e ressurreição para uma nova vida em Cristo, uma organização que Ele edificou pessoalmente e continuará até que Jesus venha, mais forte que todas as forças do inferno arregimentadas contra ela. Se os batistas cederem esta fé, Deus não terá uma igreja na terra que sustente a verdade e Jesus fez uma declaração falsa quando disse que as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

A vós da língua de prata Crisóstomo cessou a muitos séculos Paulo não mais tropejará sua mensagem da colina de Marte. Foi-se Spurgeon, foi-se Graves e todo-candura Broadus, tão simples, contudo tão grande, foi-se. Logo as vezes dos grandes pregadores desta geração, também elas, serão emudecidas pela morte; mas a vóz do batismo nas verdades que ele proclama, se nos atermos ao modelo, irá mais e mais adiante como silente testemunha por Cristo até que Jesus volte.

Doutro lado, suponde que mudemos a ordenança do batismo, destruímos a verdade que ele apresenta; não mais serão que Deus quer que seja, silente vóz proclamando as verdades do Evangelho por todos os séculos. Suponde que mudemos o modelo quanto ao batizando como a Igreja de Roma tem feito: removemos e destruímos a doutrina da salvação pela fé e regeneração pelo Espírito Santo, enchemos nossas igrejas de gente incrédula. Suponde que mudemos o modo; destruímos a verdade que o crente está morto para o pecado e seu antigo regime, levantado para uma nova vida em Cristo Jesus.

Suponde que mudemos o desígnio, como fez Alexandre Campbell: pregamos salvação ritualística e deshonrosa a Deus. Suponde que abramos as portas à imersão estranha de qualquer e toda procedência; quebramos o exemplo de Jesus, vamos contra o ensino pleno da Palavra de Deus, admitimos que os que são estranhos e inimigos da verdadeira igreja de Cristo, desobedientes à Sua vontade e aos seus mandamentos, tem a mesma autoridade como Sua própria igreja, podem officiar para Ele do mesmo modo como se fossem discípulos obedientes.

O Dr. A. C. Dayton deu esta ilustração que apresenta aptamente a falácia de semelhante posição: “Nenhum estrangeiro está qualificado a votar até que se tenha tornado cidadão. O governo designa a maneira de se tornar cidadão e comissiona certas pessoas para administrarem o juramento. Qual a força desta comissão. Ela autoriza o estrangeiro, que pensa que sabe bastante, que está seguro de que ama o país, a ir a quem lhe agrada a ter o juramento administrado, e por esse ato inautorizado, realizado por um homem incomissionado, sem qualquer autoridade que seja do governo pretender que é um cidadão de nosso país? A comissão não era ele ser compromissado como pensou ser melhor e por quem lhe agradasse mais. Ela não o tocou absolutamente exceto por outro e foi esse outro, o oficial do governo, que foi comissionado, e o único poder sobre o candidato é que lhe exige ir a esse oficial e a ninguém mais para ser investido dos direitos de cidadania.

“E assim a respeito desta comissão de Cristo: foi endereçada a alguém. Ela supõe que houvera alguém a ser batizado e autoriza alguém a batizar esse alguém. Se, por mandar que alguém batize, a outros manda implicitamente que sejam batizados, a comissão tão a implicitamente manda que os batizados sejam batizados pelas que batizam e somente por quem manda batizar”.

Se alguém diz, “O Dr. Dayton está aqui arrazoando num círculo”, nossa resposta é: isso é justamente o que a grande comissão é, um círculo fechado para os batizadores e batizados. Todos fora deste círculo fechado são estranhos, sem a autoridade de Cristo.

Uma Inovação Perigosa! quão perigosa, os derradeiros cem anos tem em parte revelado. As Escrituras violadas, a fé de nossos pais desafiada, o sangue dos mártires tratado como desnecessário, a Igreja invadida por administrantes estranhos, comunhão livre e fraternidade livre em sítios onde prevalece a imersão alheia, a causa batista decaindo onde ela prevalece, as igrejas divididas por causa dela, associações perturbadas e votando resoluções, todas as espécies de falsas noções e teorias sobre a questão da igreja, a invasão de nossas igrejas e escolas pelo que não são batistas e que escarnecem dos crentes que buscam tê-los conforme com os princípios e as práticas batistas.

Deveríamos tomar cuidado com este cavalo de Troia dentro de nossas portas. Um inimigo dentro é muito pior do que um inimigo fora. Há muito disto entre os batistas do Norte e da Inglaterra. A infiltração começou no Sul e como guardas nas muralhas de Sião compete-nos dar o brado de aviso, fazendo refluir estas ondas de frouxidão e invasão estranha que nos tragarão se não estivermos alertas.

Há duas perguntas que eu proporia a todos os batistas pensantes em toda a parte. A primeira é: Por que deveria qualquer um vir a comunhão dos batistas, a menos que repudie a fé que sustenta e aceite a fé que os batistas sustentam? E se repudia a primeira fé, por que não está também disposto a repudiar o batismo que foi a expressão da primeira fé e a aceitar o batismo que é a expressão da fé batista?

A segunda pergunta é: Se as outras organizações são igrejas de Cristo tanto como as mesmas como igrejas batistas, a mesma autoridade para administrar as ordenanças e fazer tudo o mais que as igrejas batistas estão autorizadas a fazer, há qualquer razão para a existência de igrejas batistas, especialmente naquelas comunidades onde essas outras organizações existem? Por que não ajuntar-se a elas na pregação do Evangelho e propagação da obra do reino, cessando de manter uma organização separada e de dividir o povo de Cristo?

É nossa contenção que isso não podemos fazer, porque elas não são a igreja que Jesus edificou e não tem esta autoridade dEle; portanto, prosseguiremos como nossos pais fizeram, batalhando pela fé que uma vez foi entregue aos santos, até que Jesus volte e O ouçamos dizer: “Bem feito, bom e fiel servo, bem feito, bem feito”.

“Com toda tua alma, com todo o teu coração e tua mente
Tu deves amá-IO e todos os Seus preceitos abraçar
Todos os outros amores com os quais o mundo cega em
fraca fantasia e ao mesmo tempo atíça vis feições
Deves renunciar e por completo deslôcar
E dar-te a Ele tanto cabal como livremente,
Que cabal e livremente Se deu por ti”.
“Ora vem, Senhor Jesus!”

CAPÍTULO 17 - QUESTIONÁRIO - O BATISMO ESTRANHO E OS BATISTAS

1. Dai uma definição do batismo. Capítulo 2.
2. Que é batismo estranho? Capítulos 3, 4, 16.
3. Quem tem direito de batizar? Capítulos 3 e 4.
4. Dai provas de vossa posição dos batismos: de Jesus, dos Discípulos, do Eunuco, de Paulo e do Centurião. Capítulos 3 e 4.
5. Mais ou menos em que tempo veio o primeiro cisma na cristandade? Capítulo 5.
6. Qual foi a causa desta divisão? Capítulo 5.
7. Mais ou menos em que tempo surgiu o batismo infantil. Capítulos 5, 9.
8. Qual foi a causa tendendo para o batismo infantil? Capítulo 5.
9. Em que tempo veio a mudança de batismo para aspensão? Capítulo 9.
10. Qual foi a causa disto? Capítulo 9.
11. Como foi chamado o povo que se opôs ao batismo infantil, à aspensão e à imersão estranha? Capítulo 6.
12. Dai a ordem cronológica em que estas tres heresias apareceram. Capítulos 5 e 6.
13. Dai os vários nomes por que os anabatistas foram chamados em diferentes países. Capítulos 6, 7, 8, 9, 10.
14. Como foi chamado o povo que se opôs aos anabatistas? Capítulo 5.
15. Quando emergiram os católicos romanos e gregos? Capítulo 5.
16. Quando Cristo edificou Sua Igreja? Capítulo 3.
17. Quantas igrejas Ele edificou? 3.
18. Quem edificou as outras (assim chamadas) e quando? Capítulo 3.
19. Se Cristo não as edificou, tem elas autoridades para administrarem as ordenanças? Capítulos 3, 16.
20. A Igreja que Jesus edificou é visível ou invisível? Capítulo 3.
21. Provai que a Igreja de Jerusalém foi uma Igreja Batista. Capítulo 3.
22. Provai com historiadores pedobatistas que os batistas tem existido desde 200 A. D. até ao tempo atual. Capítulos 6, 7, 8, 9, 10.
23. Por que foram os batistas perseguidos? Capítulo 7.
24. Quando foi a Reforma Protestante? Capítulo 10.
25. Qual foi o grande erro da Reforma? Capítulo 16.
26. A perseguição aos batistas cessou depois da reforma? Capítulos 11 e 12.

27. Quando foi que a imersão estranha esgueiro-se nas igrejas batistas? Capítulos 13, 14, 15.
28. Dai as idéias do Dr. Cone, da Primeira Igreja Batista, Nova Iorque. Capítulo 13.
29. Como se portaram os primeiros batistas da Virginia? Capítulos 12 e 13.
30. Dai a opinião do Dr. Mercer, da Georgia. Capítulo 14.
31. Como se portaram os batistas de Kentucky. Capítulo 14.
32. Mencionai dois homens em evidência do Tennessee. Capítulo 15.
33. Como o Dr. Whitsitt chamou a imersão estranha? Capítulo 16.
34. Dizei algo da vida operosa do Dr. Graves, Capítulo 15.
35. Que disse ele sobre o desígnio do batismo? Capítulos 2, 15.
36. Se alguém repudia uma certa fé, não repudiaria também o batismo que é a expressão dessa fé? Capítulo 16.
37. Quais são as tres terríveis denúncias contra o batismo estranho nas igrejas batistas? Capítulo 16.
38. Quais são as desastrosas consequências do batismo estranho nas igrejas batistas? Capítulo 16.
39. Como podemos ter unidade na cristandade? Capítulo 16.
40. Qual é o dever de cada um dos que aceitam a fé batista? Capítulo 16.
41. A luz das Escrituras e da história, que diríeis dos que são neutros sobre esta questão? Capítulo 16.